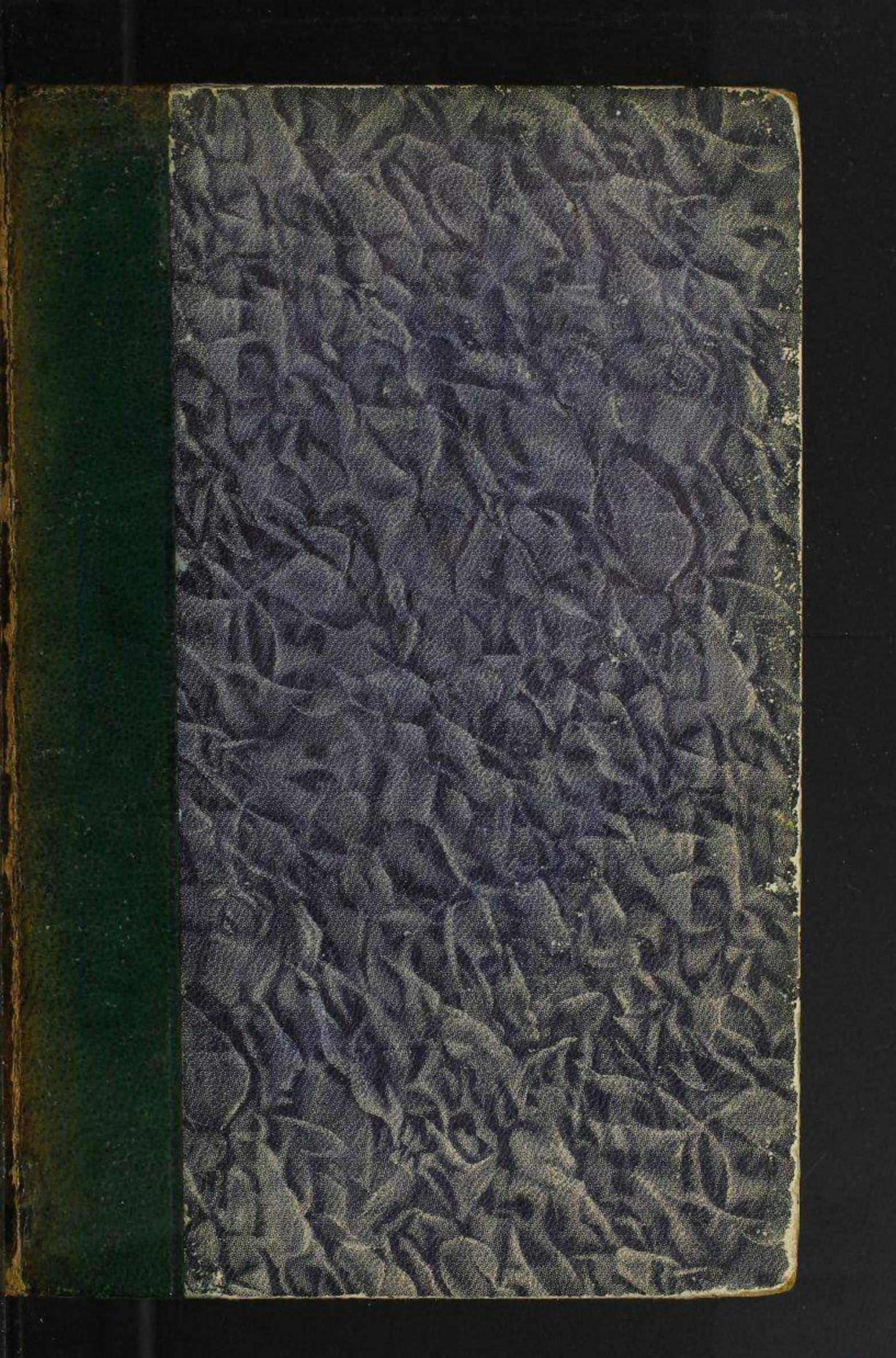


ENCADERNAÇÃO
E DOURAÇÃO
VALLELLE
RUA JULIO CEZAR,
52 E 55-TEL.4039
RIO DE JANEIRO.

Ie ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

MANUAL DO AGRICULTOR

DOS

GENEROS ALIMENTICIOS

OU

METHODO DA CULTURA MIXTA DESTES GENEROS

NAS TERRAS CANSADAS

Pelo systema vegeto-animal; modo de criar e tratar o gado; e um pequeno tratado

DE MEDICINA DOMESTICA PARA OS FAZENDEIROS

Seguido de uma exposição sobre a cultura do algodão herbaceo

PELO

PADRE ANTONIO CAETANO DA FONSECA

Agricultor na provincia de Minas-Geraes.

RIO DE JANEIRO

Publicado e á venda em casa dos Editores

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

77 Rua da Quitanda, 77

—

1863

SENHOR

Impellido pelo desejo de ser util ao meu paiz, escrevi o presente tratado de agricultura, que tenho a honra de dedicar a V. M. I., conforme a permissão que V. M. I. se dignou conceder-me no dia 20 de Junho proximo passado.

Confesso, Senhor, que esta obra não tem merito litterario; pois foi escripta no estylo mais vulgar, que me foi possivel, a fim de ser útil ao maior numero dos leitores; mas esta falta póde ser compensada pela utilidade que ella tem de prestar aos agricultores dos terrenos cansados, se não desprezarem os meus conselhos, que são baseados na experiencia de vinte annos consecutivos.

O meu fim neste opusculo, Senhor, é promover a abundancia dos generos alimenticios no Imperio; especialmente naquellas provincias, que tem sido flagelladas pela fome. Portanto supplico a V. M. I. que se digne tomar debaixo de Sua Augusta Protecção este opusculo, e de aceitar ao mesmo tempo o protesto do profundo respeito e acatamento com que sou, Senhor,

De V. M. I.

Seu mais humilde e reverente subdito

O Padre Antonio Caetano da Fonseca.

PROLOGO

Ha bastante tempo que deliberei-me escrever um pequeno tratado sobre a cultura dos generos alimenticios por um systema diverso do que herdámos dos nossos pais e actualmente seguimos; pois tenho observado, que o nosso methodo de cultura de roçar e queimar as roçadas, com o andar do tempo, esterilisa os terrenos destinados para a agricultura, e os nossos vindouros se acharáõ em grandes embaraços para a sua alimentação quando não tiverem mais florestas a destruir. Entretanto, não tendo a experiencia necessaria para emprehender uma reforma desta natureza sobre um objecto de tanta importancia, determinei-me a estudar praticamente esta materia tão interessante, de que depende o augmento da nossa população, e o bemestar do nosso paiz.

Neste estudo tenho consumido vinte annos consecutivos com mais ou menos assiduidade, em

experiencias e observações, e seguro agora dos seus resultados, posso asseverar aos meus patricios que o actual systema de cultura é anti-economico, prejudicial e nocivo á saude publica.

Anti economico, porque depende de mais serviços do que são precisos para se conseguir certa quantidade de mantimentos; prejudicial, porque tende a destruir progressivamente as nossas terras de cultura; e nocivo á saude publica, porque altera sensivelmente o estado salubre da nossa atmosphera, como logo demonstrarei.

O actual systema de cultura podia ser tolerado, e era mesmo indispensavel quando as nossas florestas embaraçavão lavrar a terra; hoje, porém, torna-se summamente prejudicial nas nossas terras cansadas, por consumir, pela acção do fogo, grande parte dos saes que fertilisão a terra; pela falta de madeiras de construcção e pela falta de lenha, principalmente nas proximidades das grandes e antigas povoações.

A invasão do fogo nas mattas que cobrião os altos das nossas montanhas, tem reduzido aquellas a immensos samambaiaes, acabando as madeiras que nos erão indispensaveis para a construcção das nossas machinas e edificios.

Além disto ficámos privados do beneficio hygienico dessas mattas.

Os bosques, nos altos dos nossos montes, tem a propriedade de attrahir as nuvens, e por consequencia de refrescar o ar ambiente que respiramos, não só pelas moleculas aquosas que despedem, como por absorverem o gaz azote, que nos é nocivo, e emittirem o gaz oxigeneo que lhes é superfluo, e que modifica beneficamente o ar que respiramos.

Desde que faltárão as mattas nos altos das nossas montanhas tem diminuido a fertilidade dos declives inferiores a essas sanefas dos montes; pois os detrictos das arvores que descião dos altos, conduzidos pelas chuvas torrenciaes, fertilisavão o terreno inferior; porém hoje, por essa causa, estão quasi estereis os terrenos que outr'ora davão abundantes colheitas. Apresentarei o exemplo da minha provincia (Minas), onde melhor tenho observado.

Quem tiver viajado nas proximidades da cidade do Ouro Preto, e dentro de um raio de doze leguas desta capital, se convencerá da verdade do que escrevo. Os ferteis terrenos, comprehendidos nas vertentes da margem direita do Piranga e seus tributarios estão hoje transformados em charnécas pela acção do fogo no limitado espaço de quarenta a cincoenta annos. E a continuar este systema devastador o que será dessas terras d'aqui a cem annos?

Percorra o leitor as fazendas comprehendidas

nas parochias de Catas Altas da Noruéga, Itaverava, Lamim, Espera, Oliveira, S. Caetano, S. José do Chapotó, Remedios, e Capella Nova das Dôres, e se convencerá do que digo.

Estes terrenos ha quarenta annos estavão cobertos de viçosas capoeiras e mattas virgens, e davão na maior parte duzentos alqueires de milho por um de planta: hoje apenas dão cem nos melhores lugares, e com duplicado trabalho. Além disto, na maior parte destas parochias não se achão mais madeiras de construcção. Isto que acontece no Sul e Este do Ouro Preto, se observa ao Norte e Oéste da mesma capital em um raio de doze leguas, á excepção de algumas mattas, que pela sua esterilidade ficárão privilegiadas.

O que digo a respeito do Ouro Preto se observa nas proximidades de todas as povoações antigas, e provavelmente em quasi todas as provincias do Imperio, onde a agricultura se desenvolveu com mais actividade.

É a este imprevidente e máo systema de cultura que se deve, talvez em grande parte, a fome que ha annos para cá tem assolado as provincias do Norte. A mesma provincia de Minas, sendo uma das mais ferteis e gozando de um clima benigno, tem soffrido algumas vezes bastante penuria de viveres pelas causas que acabo de citar. O contrario acon-

teceria se os nossos lavradores, abandonando o systema rotineiro de roçar e queimar as suas roçadas, lavrassem o seu terreno com o arado, pá, ou enchada, e o estrumassem com igualdade. Elles conhecerião, pela propria experiencia, a grande economia que lhes resultava deste novo systema. Eu o denomino novo relativamente ao Brasil, pois não é desconhecido na Europa.

Consiste elle em lavrar-se a terra com o arado, e estruma-lo com o estrume do gado vaccum e lanigero. Escolho de preferencia estas duas qualidades de gado pela vantagem domestica que tem sobre as outras qualidades. O vaccum, além do estrume, dá serviço, carne e leite, e o lanigero dá carne e lã. Por isso eu denomino a este systema vegeto-animal; porque os seus agentes têm entre si mutua dependencia; prestão-se reciprocos serviços e concorrem todos para a alimentação do homem, seu unico fim: comtudo não excluo a criação do gado suino e cabrum como abaixo mostrarei.

Vou agora explicar a causa desta mutua dependencia e relações. Como este systema consiste em plantar-se todo mantimento perennemente em um só lugar, é preciso revolver-se a terra com o arado aonde não houverem plantas que o embaracem, e estruma-lo ao mesmo tempo para dar bom producto. Para isso é indispensavel ter o fazendeiro algumas

vaccas, que, em falta de bois, servem muito bem para lavrar a terra ; dão o estrume sufficiente para adubar a mesma e dão producção e leite , o que tudo redunda em utilidade do fazendeiro, que tira quadruplicado lucro de um só individuo.

O gado ao mesmo tempo precisa do trato de seu dono para medrar ; e este consiste no pasto, sal, palhas, batatas, bananas, favas, etc. ; o que não só faz nutrir o gado, como augmentar e engordar o leite nas vaccas. Tudo isto, á primeira vista, parecerá ao leitor um trabalho enorme ; mas elle logo se habituará a este trabalho, que tem tanto de recreativo quanto de interessante. Para melhor comprehender o leitor o meu pensamento , vou explica-lo com um exemplo.

Um fazendeiro que possue 250,000 braças quadradas (vinte e cinco alqueires de planta de milho), em terras cansadas , e precisa colher duzentos alqueires de milho para sustentar a sua familia, vê-se na preci ão de roçar quarenta mil braças quadradas (quatro alqueires de planta de milho) ; além disto fazer um aceiro de duas braças de largura ao redor da roça para o fogo não entrar no restante das capoeiras ; queimar esta roçada , e muitas vezes encoivara-la ou limpa-la , quando não fica bem queimada ; vigiar a roça e resguarda-la dos animaes domesticos e silvestres, planta-la, dar duas capinas ,

para depois de todo este trabalho colher duzentos alqueires de milho. No decurso de seis annos tem corrido todo o seu terreno, reduzindo-o a capim ou samambaia, ficando sem lenha e sem madeiras, para continuar nova devastação, ficando as suas terras cada vez mais em peior estado.

Abandone agora o fazendeiro essa rotina prejudicial, e siga o methodo seguinte:

Cerque um terreno que contenha sómente um alqueire de planta de milho (cem braças em quadro); estrume este terreno, plante nelle milho em carreiras, como se explicará no Capitulo III, e colherá não só duzentos como trezentos, e ainda mesmo quatrocentos alqueires de milho; além disto, duzentos alqueires de feijão e mais productos que póde colher das plantas que cultivar entre as carreiras do milho: tudo isto no mesmo terreno. (Veja o capitulo III). Dirá agora o nosso rotineiro: isto é uma burla! Como poderei eu estrumar tanto terreno? Eu lhe ensino; e se fôr constante conseguirá satisfactorio resultado. Cerque cem mil braças quadradas (dez alqueires de planta de milho). Faça tudo em pasto com tres repartimentos; plante nelle o capim melhor que achar ou conserve o que nesse terreno houver, se fôr de boa qualidade, e poderá ahi sustentar trinta e duas vaccas de leite, a sua producção até a idade de dous annos, e um touro. Faça um curral. Acostume este

gado a dormir nelle todas as noites. A palha que se tirar do milho deite neste curral em taboleiros grandes, como abaixo explicarei. O gado come a palha com apettite estando limpa, e nutre bem. No dia seguinte solte o gado ás seis horas e ficará no curral bastante estrume, deixe-o seccar para facilitar a conducção. Continue assim todos os dias. No fim de oito dias mande conduzir este estrume em carros para o terreno que se quizer estrumar ; e se distribua por este terreno em monticulos separados por pequenas distancias, e depois espalhe-se igualmente com anzinhos.

Como póde acontecer que o fazendeiro não tenha estrume em quantidade sufficiente para estrumar todo este terreno, e tenha precisão de planta-lo todo de milho; convirá então, depois de limpa a terra, abrir as covas em Agosto ; deitar em cada uma dellas um prato de estrume, de sorte que um alqueire de estrume dê para trinta a quarenta covas, e depois plantar o milho quando cahirem as primeiras chuvas em Setembro ou Outubro. Na colheita conhecerá então o fazendeiro a vantagem deste systema. Serei mais explicito quando tratar da plantação dos grãos e tubaras : por ora estou sómente indicando o systema de cultura que julgo mais conveniente adoptarmos.

Por este methodo sobra ao fazendeiro o terreno

de seis alqueires de planta de milho para cultura do algodão herbaceo em seis annos, e oito alqueires mais que ficão reservados para a criação de madeiras de construcção e lenha, ao mesmo tempo que o terreno da sua cultura vai sempre a melhorar pela continuação de se pôr nelle estrume todos os annos.

Plantar-se em terreno estrumado tem immensas vantagens: 1ª, os trabalhadores não ficão tão expostos a serem picados das cobras, como nas roçadas de mattas virgens ou capoeiras; 2ª, as chuvas prematuras não obstão as queimas das roças, porque não ha o que se queimar; 3ª, as sêccas não offendem tanto o terreno estrumado, porque o estrume mais ou menos attrahe a humidade da atmosphera e conserva-se por mais tempo humido. 4ª, menor trabalho, dá mais mantimentos por ser mais limitado o terreno que se cultiva; 5ª, este terreno torna-se cada vez mais fertil pela continuação de pôr-se nelle estrume; 6ª, póde-se plantar ao mesmo tempo, no mesmo terreno, diversos generos comestiveis, sem que uns prejudiquem a vegetação dos outros, observando-se certa symetria na sua plantação, como mostrarei no Capitulo III; 7ª, fica a roça livre do estrago dos animaes domesticos e silvestres, por estar este terreno sempre cercado; 8ª, nas grandes sêccas póde ser regado este terreno se houver dispo-

sição para isso, o que sempre se deve attender na escolha do terreno que se quer cultivar.

Vou agora mostrar a economia do trabalho que consegue o lavrador por este methodo. Para se plantar quatro alqueires de milho pelo methodo actual, fazendo-se menção da roçada, aceiro, para não saltar fogo nas capoeiras, queima, plantação, capina, colheita, são precisos 700 serviços expostos ainda os trabalhadores a estrepadas, picadas de cobras e más queimas, como muitas vezes acontece; e por isso mais serviços para encoivarar as roçadas.

Façamos agora o calculo de quantos serviços são precisos para se cultivar cem braças em quadro, isto é, um alqueire de planta de milho.

Para se capinar e limpar este terreno são precisos 48 serviços, covar 8, conduzir e pôr estrume nas covas 32, plantar 8, dar a primeira e segunda capina 80, colheita 48, total 224 serviços a fartar, que abatido de 700 ficão 476 serviços a favor do lavrador, além da comida deste excedente; podendo-se contar com muito mais de duzentos alqueires de milho. (Veja-se o Capitulo III).

Com estes dados póde o agricultor calcular a vantagem deste systema, fazer as suas experiencias, e adoptar o que melhor lhe convier, attendendo que sem trabalho, paciencia, e constancia, nada se consegue vantajoso neste mundo.

Rogo, portanto, ao leitor que lêa com paciencia e reflexão este opusculo, e que não se enfade com as minuciosidades que nelle encontrar ; pois as escrevi de proposito para bem esclarecer o seu conteúdo, porque o meu desejo é que o leitor fique bem inteirado das verdades que aqui lhe apresento. Com o que espero que conseguirá grande resultado na sua lavoura, unico fim a que me dirijo neste escripto.

METHODO DE CULTURA

CAPITULO I.

INTRODUCÇÃO.

Considerações geraes e especiaes sobre a agricultura.

Antes de entrar nas particularidades especiaes, que fazem o objecto deste opusculo, julgo conveniente dizer alguma cousa a respeito da agricultura em geral, e da sua applicação em particular, a respeito do seu atrazo, e abandono no Brasil.

É a agricultura a profissão mais nobre, e mais util ao genero humano.

Attribuem uns a sua descoberta á China, outros ao Egypto; porém o certo é que neste ultimo paiz ella foi aperfeiçoada, aonde tambem se inventou o arado. Deve-se á agricultura a civilisação do genero humano; pois antes dos homens descobrirem os meios de multiplicarem os grãos para a sua subsistencia, não podião viver em sociedade; porque lhes era indispensavel andarem errantes, á maneira dos nosso indigenas, em busca de caça, e frutas para as sua alimentação. Depois da descoberta da agricultura, puderão os homens reunir-se em um lugar, porque a terra trabalhada pelos seus braços lhes dava alimento necessario em pequena extenção de terreno. E assim reunidos em maior numero,forão adoçando os seus costumes, estatuindo leis, inventando e aperfeiçoando as artes e sciencias até chegarem ao estado de perfeição em que actualmente se achão.

É a agricultura a sciencia mais chegada á natureza; pois sendo ligada com as sciencias naturaes, tem tanto elasterio, que o individuo de entendimento mais limitado nella acha emprego, e meios de sustentar a sua vida, e a de

sua familia, ao mesmo tempo que a intelligencia mais sublime, no seu exercicio, acha o mais bello entretenimento, contemplando os segredos da natureza, e as maravilhas do Creador. A agricultura sustenta o commercio, anima a navegação, promove as aberturas das estradas, entretem relações amigaveis entre os povos do Universo, augmenta a população do Estado, cria bons costumes, estabelece a tranquillidade publica; finalmente faz a prosperidade de uma nação. E sendo a agricultura a nutriz do povo, o germen da paz, a fonte da riqueza nacional, e a mãi da prosperidade publica, como se acha entre nós tão abatida? Como a vêmos tão atrazada? Ah! causa admiração, que no Brasil, no paiz o mais fertil do mundo, collocado na situação mais vantajosa para o commercio, onde gozamos de variados climas, em que se podem acclimatar os vegetaes mais uteis do globo, se veja a agricultura em tal abandono! Podiamos abastecer as nações européas de café, cacáo, fumo, algodão, anil, aguardente, assucar, chá, toucinho, carne, gomma, trigo, centeio, etc. etc. etc. Exportamos apenas alguns destes generos em ponto minusculo; e vergonhosamente compramos os outros do estrangeiro. E porque tudo

isto? Porque os nossos estadistas não se importão com a agricultura. Porque os nossos eleitos, em vez de propôrem meios de fazê-la surgir do abatimento em que jaz, gastão todo tempo util das sessões em questões frivolas de uma politica egoistica sem utilidade alguma para o paiz. Emfim passão-se legislaturas inteiras sem um beneficio real para a agricultura. Comtudo em nossas mãos estão os meios de alcançarmos alguns melhoramentos para a agricultura; e são elles: negarmos o nosso mandato aos deputados que não trabalharem a beneficio da agricultura, elegendo a aquelles candidatos que melhores garantias offerecerem a este respeito. Nem uma consideração deve arrancar o nosso voto consciencioso. Basta de servilismo. Nós soffremos muitos males, porque não conhecemos os nossos direitos: e se os conhecemos, não usamos delles. Se assim fizermos, teremos legisladores que trabalharáõ a beneficio da agricultura; e por conseguinte a beneficio do paiz. Entretanto, emquanto não chegão essas providencias, convem que lancemos mão dos meios que estiverem ao nosso alcance para conseguirmos os melhoramentos que precisamos.

É com esse intuito que deliberei escre-

ver este pequeno tratado sobre a cultura dos generos alimenticios, que tão atrazada se acha no Brasil, sendo ella a principal fonte da sua riqueza, e o germen da sua futura prosperidade. Para conseguirmos, porém, felizes resultados, é preciso deixarmos o habito, quasi nomade, de abandonarmos as nossas terras, assim que ficão cançadas, para procurarmos novas fazendas nos sertões incultos. Este systema tem muitos inconvenientes; e são: 1°, os lavradores, achando mattas brutas para cultivar, não se esmerão em aperfeiçoar o methodo de cultura de que usão; 2°, devastão as novas mattas sem attenderem o futuro; 3°, espalha a população, e assim atraza a prosperidade do Brasil, e diminue a sua força; 4°, obsta á educação religiosa e civil, barbarisando os costumes, pelo isolamento em que ficão das relações sociaes, como acontece com os moradores dos sertões das nossas provincias: e assim uma população muito espalhada não póde contribuir para a defesa do Estado, quando isto é preciso.

Continuemos, portanto, a habitar os lugares actualmente cultivados proximos do litoral, e ahi mesmo não faltarão terras para a cultura dos generos alimenticios, em abundancia tal

que poderá sustentar o decuplo da população que actualmente sustenta, se se adoptar o systema de cultura, que apresento aos agricultores Brasileiros. E assim deixemos a colonisação assalariada, que sómente serve para gravar o thesouro sem utilidade alguma da agricultura. Convidemos colonos espontaneos, e bem morigerados, que venhão em familias, e não isolados; proporcionemos-lhes meios de se estabelecerem perto das vias de communicação, como os grandes rios, e boas estradas; e veremos em pouco tempo augmentar-se a nossa população maravilhosamente. Sirvão-nos de exemplo os Estados-Unidos, cujo augmento de população, em poucos annos, admirou aos economistas da Europa. Entretanto não se receie que esse augmento de população, nos lugares já cultivados, e cançados, não se possa sustentar por falta de viveres, se os meus patricios adoptarem sem prevenção os meus conselhos. Elles podem utilisar ao mais pobre lavrador, e ao mais rico fazendeiro; porque se encaminhão a methodisar melhor o nosso systema de agricultura, e a identifica-lo mais com a natureza.

A pratica que tenho adquirido em vinte annos de observações e experencias me tem habili-

tado para poder assegurar ao leitor a vantagem deste systema.

Os generos alimenticios, cuja maneira de plantar explico no Capitulo 3°, tem sido por mim experimentados desde o milho até á araruta, comprehendendo nesse Capitulo as túbaras de mais vantagem para sustentar os homens e animaes domesticos; e entre ellas, aquellas que principalmente servem de um deposito preventivo para os annos de penuria, como o inhame e a taiova.

Para sustentação dos homens e animaes domesticos prefiro o milho por ser mais substancial, e ser mais commodo a sua manipulação.

Não obstante ser este tratado destinado para a cultura dos generos alimenticios, tratarei nelle de passagem da cultura do café nas terras cançadas, pelo auxilio do estrume, com o fito de que os donos dessas terras não fiquem privados do lucro, que dá esse importante genero de exportação, por lhes faltarem mattas virgens.

Tenho esperança de que no futuro se ha de cultivar o café com o estrume nas terras cançadas, com grande interesse para os lavradores, quando estes conhecerem a vantagem deste systema. Entretanto se algum leitor escrupuloso

duvidar da veracidade do que escrevo, experimente o objecto da duvida antes de me condemnar, e depois julgue-me com imparcialidade.

Como o meu fim neste opusculo é promover o bem dos agricultores brasileiros, darei no lugar competente alguns conselhos a respeito da educação e tratamento dos seus escravos, e familia: e assim espero que não levem a mal estes meus conselhos. Sendo o meu desejo ser bem ententido de todos, e como escrevo este tratado para utilidade dos agricultores menos abastados, e por conse quencia menos instruidos, usarei em todo e lle dos termos mais vulgares e mais communs da agricultura brasileira.

Addicionarei no fim um resumido tratado de medicina, extrahido da obra do Dr. Buchan, tirando della sómente a symptomathologia (que me parece mui intelligivel), o seu receituario, e dos nossos mais celebres medicos. Espero portanto dos meus patricios favoravel acolhimento deste meu imperfeito trabalho, attendendo ao fim que me dedico.

CAPITULO II.

ESTABELECIMENTO DE UMA FAZENDA.

O primeiro cuidado de um fazendeiro deve ser tornar o mais salubre possivel o lugar da sua residencia. Para conseguir este fim, se tiver de construir os seus edificios, escolherá lugar enxuto e soalheiro, o qual deve ser exposto aos ventos do norte e poente. Além disto evitará, com o maior cuidado, a approximação de charcos e lagôas ; porém, se infelizmente as construcções da sua fazenda já estiverem collocadas nestas circumstancias, deverá melhorar o seu estado anormal quanto lhe fôr possivel, dessecando por meio de canaes, abertos em linha recta, todos os lugares apaulados da fazenda. Esta medida não se limitará sómente aos lugares proximos da sua residencia ; mas tambem aos pastos, e a todos os outros terrenos comprehendidos nas suas possessões.

Esta cautela tem a vantagem de tornar salubre a sua residencia, e toda a fazenda, evitando o desenvolvimento do gaz mephitico, que

se fórma nellas pela decomposição dos vegetaes, causa principal das febres intermittentes, typhoides, e de todas as febres de máo caracter· A maior parte dos nossos fazendeiros, por não reflectirem nestas verdades, ou por não quererem perder um pouco de tempo, soffrem immensos prejuizos, tanto com as enfermidades em seus escravos, como no gado. Tenho observado muitas vezes, que os esgotos das aguas estagnadas na proximidade das habitações, tem melhorado consideravelmeute o seu estado pestilente, tornando salubre os lugares que outr'ora erão infestados das febres intermittentes e typhoides. Por isso mesmo deve haver o maior cuidado na limpeza dos terreiros, não consentindo nelles entulhos e aguas estagnadas ; para o que devem ter uma declividade sufficiente para escorrer as aguas das chuvas. Conheço que não é possivel conservar-se sem lama os terreiros aonde andão animaes, principalmente porcos ; mas este inconveniente pode-se remediar, apartando-se da proximidade das habitações os terreiros e curraes frequentados por qualquer especie de gado. Além disto os porcos devem ter um terreiro separado de outra qualquer criação ;

porque é este o mais difficil de conservar-se limpo sem um trabalho diario, em razão do milho em espigas, e mais alimentos que se lhe deitão todos os dias. Porém, um fazendeiro diligente e economico, póde trazê-lo limpo com mui pouco trabalho, mandando todos os dias ao anoitecer ajuntar as palhas, retraços e sabugos, e deposita-los na estrumeira geral para seguir o seu destino.

Depois disto terá o fazendeiro todo cuidado em tornar mais pura a agua para a bebida da sua familia, e para o uso da cozinha, e assim não se servirá de aguas que tenhão a sua origem em brejos; mas sim daquellas que manarem de fontes correntes, canalisando-as nos lugares pantanosos para não participarem da sua qualidade nociva. A vida do agricultor não se limita sómente na acquisição de cabedaes; ella deve abranger uma esphera mais ampla e mais elevada; porque deve ser laboriosa, alegre, e tranquilla: e assim o lavrador deve associar o util ao agradavel, quando isso lhe fôr possivel. Portanto, na construcção dos seus edificios, deve observar toda symetria que fôr compativel com a regularidade das suas obras. As casas secundarias, como paióes, senzalas, tendas e

estribarias, devem formar um páteo quadrado, ou quadrilongado, conforme o permittir a situação do lugar. Todos estes edificios devem ser unidos, e bordados de uma varanda, que possa abrigar de chuva a todos que lidarem dentro deste páteo. Além disto deve haver um chafariz de agua limpa dentro desta varanda, e proximo ás senzalas para o uso dos escravos ; e assim tambem um coche ou gamelão para de noite lavarem os pés, e de manhã o rosto e braços.

Como o meu fim neste livro é a reforma das fazendas velhas, e o melhoramento das terras cançadas, não tratarei da creação das fazendas novas, senão de passagem ; para as quaes podem servir muitas instrucções dadas aqui. Direi sempre que o creador de uma fazenda nova dispondo de meios competentes, depois de fazer moinho e monjólo, deve fazer um engenho de serra, com que economisará muito serviço, e despezas. Além disto deve ter toda reserva na destruição das mattas, derribando sómente os terrenos que fôrem indispensaveis para pastos e cultura. Por não se observar esta regra, hão, neste municipio (S. Paulo de Muriahé) muitas fazendas devastadas, e com

mui poucas mattas para a plantação do café, não obstante ter-se desenvolvido a sua cultura mais activa ha 25 annos pouco mais ou menos.

O mesmo tem acontecido com os municipios do Pomba, e Ubá, aonde quasi não existem mattas para a cultura do café.

Depois de ter o nosso fazendeiro applicado os meios acima ditos para tornar mais saudavel sua habitação, deve esforçar-se por fazer um bom pasto; uma vez que os seus beneficios tem de concorrer efficazmente para a fartura da sua familia, e ao mesmo tempo, tem de dar-lhe uma renda vantajosa, á proporção das suas forças. Sendo o meu unico intento ensinar ao fazendeiro os meios de tornar ferteis os terrenos estereis por cançados, aproveitando-os intelligentemente para o que servirem, aconselharei que escolha os lugares mais cançados da sua fazenda para fazer um pasto capaz de sustentar tanto gado, quanto seja preciso para dar extrume sufficiente para adubar o terreno da sua plantação, reservando os lugares que ainda tiverem algum matto virgem, e capoeira para lenha, e madeiras de construcção. Este pasto deve comprehender a metade, terça, quarta, ou quinta parte da sua fazenda,

conforme a sua extensão, e o numero de bocas que tem de sustentar. Este pasto deve ter boa aguada, e ser perto da sua residencia. É provavel que não poderá fazê-lo de uma só vez ; mas deve augmenta-lo á proporção da criação que tiver, e dividi-lo em tres partes ; não só para apartar a criação que deve estar separada, como para reveza-la de um para o outro pasto, quando fôr necessario.

Á medida que se fôr fazendo o pasto, se plantará nelle algumas arvores de grande cópa para sombra, como o cajá, andáuaçú, nogueira da India, gamelleira, etc. Estas arvores se plantaráõ alinhadas de cem palmos em todos os sentidos. Plantados por esta fórma refrescão o pasto, e dão sombra aos animaes.

Advirto desde já que não consintão os seus pastos sem arvoredos ; pois os pastos limpos pesteião muito os animaes nos mezes calmosos ; além disto, os pastos arvorejados por esta maneira conservão melhor o capim, porque as arvores os abrigão mais ou menos dos raios do sol.

Emquanto á qualidade do capim que deve ser feito este pasto, não direi cousa alguma decisivamente. Cada um plante o que lhe parecer conveniente, e melhor se der na terra

em que se plantar, porque muitas vezes, a maior parte dessas terras, estão cheias de capim melado, ou gordura; e nesse caso, deve-se conserva-lo. Mas aonde elle não existir, aconselho que se plante gramma, porque resiste mais á criação, por ser a qualidade de capim que dá mais pasto em pequeno terreno. Das tres qualidades de gramma, a larga se deve plantar para o gado de criação, não obstante ser algum tanto pestilente quando floresce, e quando bróta; a goiva e a miuda servem para os animaes do trabalho, por serem mais substanciaes; mas não resistem tanto á criação como a larga. Tambem o capim amargoso é bom pasto, e é mais saudavel que a gramma larga; mas este capim não se dá bem em todos os lugares. É o capim natural das vertentes do Pomba, Muriahé, e mais outros tributarios do rio Parahiba. Existem no Brasil mais qualidades de capim, exoticas e indigenas, como o colonia, ribeirão, angola, angolinha; mas estas qualidades não servem para pastos dos possuidores de poucas terras, porque não resistem á criação como a gramma; comtudo servem para os animaes de estribaria, por dar córte abreviado, principalmente o angola. To-

davia o fazendeiro que tiver na sua fazenda brejos que não possa dessecar, deve nelles plantar o angola, afim de aproveitar o terreno; mas não soltará a criação neste pasto sem que este capim esteja maduro, por ser então muito pestilente.

Ha em Minas um capim, a que chamão impropriamente cabeça de touro. Este capim dá em touceiros pelas estradas e caminhos velhos; tem as folhas semelhantes ás do capim rabo de burro; mas são mais delgadas, e mais macias, e cresce até á altura de tres palmos. O gado o pasta bem. Parece-me que este capim deve ser mais substancial; portanto se deve plantar nos pastos velhos e terras cançadas, por se dar bem em terrenos pisados da criação. A sua propagação se póde fazer por meio das sementes, que madurecem em Janeiro e Fevereiro. Deve ser queimado, ou capinado o terreno em que se tem de semea-lo.

Temos muitas outras qualidades de capim; mas o nosso desmazelo é tanto, que ainda não temos experimentado, nem propagado essas qualidades em os nossos campos artificiaes, de que poderiamos tirar muito proveito.

Feito o pasto, deve o agricultor fazer um

grande bananal, o qual deve conter de duzentas a mil touceiras de bananeiras de S. Thomé, conforme as suas forças. Mas como o não poderá fazer de uma vez deve principiar cedo, afim de ter mudas para continua-lo. Este bananal deve ser alinhado, e as suas covas distaráõ umas das outras vinte palmos para todos os lados. Estas covas devem ter tres palmos de diametro, e dous de profundidade. Basta plantar uma só muda em cada cova, ainda que seja pequena, e pôr-se-lhe um pouco de estrume, que dentro de um anno dará novas mudas. Emquanto as bananeiras não cobrem o terreno pela perfilhação das mudas, póde-se plantar entre ellas milho, batata, inhames, taióvas; ao menos por dous annos.

É a banana de S. Thomé um poderoso recurso contra a fome nos annos de penuria, e ao mesmo tempo um grande auxiliar para engordar porcos, e aves domesticas, estando maduras. Nos annos de falta de mantimentos fazem da banana verde cozida uma massa, que comem com carne, peixe, ou feijão, como explicarei quando tratar do Ceará no Capitulo VI. O gado come-a bem ensinando-se-lhe; e as vacas que a comem dão bom leite; mas devem estar

maduras essas bananas. Os nossos fazendeiros ainda não apreciárão, como devião, a cultura deste util vegetal, do que o celebre Humboldt faz um grande elogio.

Recommendando, entre outras, a banana de S. Thomé, por ser mais substancial, não prescrevo a cultura das outras variedades para a mesa; pois sei que da Caiana e a da terra se faz saboroso dôce, que imita a marmelada.

A cultura da bananeira é mui commoda, e facil; pouco atraza os outros serviços; porque, emquanto estão novas, admittem outras plantas entre as suas carreiras; e quando estão fechadas as suas touceiras, não precisão mais capinas: e por isso o fazendeiro mais pobre póde ter um bananal de duzentas touceiras.

Entretanto o fazendeiro escolherá um terreno, que possa lavrar, estrumar, e cultivar na proporção de cincoenta braças quadradas (pouco mais de sete braças em quadro), por cada pessoa que tiver de sustentar; de sorte que, o terreno de um alqueire de planta de milho (100 braças em quadro) é sufficiente para dar mantimento que chegue para sustentar vinte pessoas com fartura, capados, e animaes domesticos, que concorrem para a sustentação da mesma familia.

Este terreno deve ser escolhido no lugar mais proximo da casa, quanto fôr possivel, pela commodidade do trabalho; mas na sua escolha se deve attender ás seguintes qualidades e são: que seja plano, com alguma declividade, que seja de terra massapé, e se fôr possivel, que se possa regar quando fôr preciso. Estas qualidades serão preferiveis á proximidade da casa; porque ellas são essenciaes para a producção do mantimento. Escolhido o terreno para a cultura, deve ser este repartido em quadrados de 2,500 braças quadradas (50 braças em quadro). Estes quadrados serão divididos por caminhos de dez palmos de largura; e no angulo, ou canto de cada quadrado, haverá uma área de dez braças em quadro para se pôr estrume quando fôr preciso.

Estes caminhos são indispensaveis para passarem por elles os carros com estrume, e com os mantimentos nas colheitas.

É de summa importancia cercar-se o terreno da cultura com muro de taipa, pedra, ou achas, assim como o bananal para evitar-se o estrago dos animaes silvestres e domesticos nas plantas.

Nas fazendas, em que ha samambaiaes, é isto de maior necessidade; porque nessas é

preciso soltar os porcos nas capoeiras, e ensina-los a comer a raiz da samambaia, que além de nutri-los, se extingue completamente.

CAPITULO III.

CULTURA DOS MANTIMENTOS.

Depois de cercado o terreno destinado para a cultura dos generos alimenticios o fazendeiro fará roça-lo no mez de Junho se estiver em capoeiras, ou em Julho se estiver em capim. No mez de Agosto se queimará este terreno, e depois será encoivarado, e limpo da madeira que tiver, e será lavrado todo com o arado, depois se abriráõ as covas pela maneira seguinte. Pela primeira vez sómente, que se plantar este terreno, far-se-ha uma boa porção de estacas, que serão fincadas a macete em linha recta de nascente a poente com a distancia de quinze palmos de uma a outra estaca, e de oito palmos de linha a linha. Estas estacas ser-

vem para no primeiro anno desta cultura dirigirem os coveiros na direcção das carreiras, afim de não ficarem com sinuosidades. Nos annos seguintes não são precisas estas estacas mais, porque ficão os signaes das covas na terra.

Ainda que o terreno tenha algum lombo, ou pequeno espigão de norte a sul, será este atravessado sempre com as linhas das estacas de nascente a poente, para que o sol penetre o centro das carreiras; o que é indispensavel para a producção do mantimento. Neste caso se collocaráõ tres balisas, duas nas extremidades da linha, e uma no centro, no lugar mais elevado para a direcção das estacas.

Então dous, quatro ou seis trabalhadores, dos mais intelligentes, principiaráõ a covar (cada um em sua carreira), em toda extensão da linha.

Estas covas distaráõ entre si tres palmos; terão de largura palmo e meio, e de profundidade um palmo. Os torrões que sahirem destas covas serão desfeitos com o olho da enxada para não embaraçarem o milho no seu nascimento. Depois de covada toda a roça, se deitará em cada cova um prato de estrume, de maneira que um alqueire chegue para trinta e duas covas.

Acabadas de estrumar as covas, mandará abrir novas covas em linha recta no centro do vão que fica, e devem ter a distancia de quatro palmos entre si, e outro tanto das covas estrumadas.

Nos mezes de Setembro ou Outubro, quando cahirem as primeiras chuvas, se plantará, primeiramente o milho nas covas estrumadas, depois mandioca nas covas não estrumadas. Como é muita a mandioca plantada em todo este terreno, para gasto da familia, plantará tambem inhames, taiovas e mangaritos no lugar das covas não estrumadas, mas para estas túbaras escolherá o lugar mais fresco.

Quando se plantar o milho, o plantador deitará em cada cova oito grãos espalhados nas covas, e nunca menos, e cobrirá com terra estes grãos. O milho espalhado nas covas, viça e se restolha melhor, porque os pés que se arrancão não abalão os que ficão. Assim que o milho tiver quatro folhas, será capinado; e quando tiver dous palmos de altura, será restolhado pela maneira seguinte: Cada trabalhador tomará a sua carreira e seguirá por ella, arrancando o milho mais fraco que achar nas covas, e deixando nellas cinco pés de mi-

lho sómente. Quando o milho principiar a lançar os garfos, levará segunda capina, e se lhe chegará terra ao pé. Talvez alguem diga que estas minuciosidades gastão muito tempo, e atrazão o trabalho. Se alguem assim o pensar engana-se; pois que dão um grande resultado na cultura do milho, por que na colheita podem dar o duplo e o triplo do que darião pelo outro systema. É verdade que as covas no primeiro anno gastão algum tempo na sua factura e estrumação, porque devem ser fundas e largas para poder conter um prato de estrume; mas d'ahi por diante não é preciso pôr-se mais estrume nas covas por ficar a terra estrumada pela continuação de pôr-se estrume nella, quando o gado o dér sufficiente para aduba-la geralmente; e as covas ficão marcadas pelos pés de milho que se arrancão, quando fôr necessario fazer nova plantação.

A plantação do milho não deve ser apressada, porque o milho deve ser espalhado na cova para dar maior tronco, e encorpar melhor. Emfim a restolhação tambem gasta algum tempo, mas é pouco, pois o trabalhador em pouco tempo percorre a sua carreira.

Uma circumstancia me fez adoptar esta ma-

neira de plantar oito grãos de milho em vez de cinco ou seis, como usão os mais lavradores : e é, o ter observado que nos climas ardentes, o milho sempre falha nas covas, porque certos bichinhos comem o olho do milho, e assim ficando o grão inutilisado, falhão nas covas, não só um, como dous ou tres ; por isso não é raro vêr-se muitas roças, em que a maior parte das covas não tem mais de dous a tres pés de milho; o que diminue consideravelmente a sua colheita. O methodo de plantar o milho alinhado com a distancia de oito palmos de carreira a carreira, e de tres de cova a cova, tem a vantagem de levar o terreno mais um terço de covas ; e por conseguinte de dar mais a terça parte do milho que daria se fosse plantado pelo methodo que usão actualmente os agricultores; além disto duplica o terreno, porque no vão das carreiras se póde plantar mandioca, inhames, taiovas, araruta e mangaritos, como abaixo mostrarei quando tratar da plantação destas túbaras.

O terreno de cem braças em quadro assim plantado de milho, póde dar de quatrocentos a quinhentos alqueires de milho pelo menos, correndo o tempo regularmente. É certo que

leva o dobro de milho de planta; mas contendo o terreno a mesma extensão de superficie, obtem-se grande resultado pela economia do trabalho que se emprega na sua cultura, conseguindo-se o duplo pelo menos do seu producto.

Parece-me ter dito quanto basta sobre a cultura do milho; passarei agora á das túbaras. Disse acima que entre as carreiras do milho se abririão covas, distando quatro palmos das mesmas carreiras, e outro tanto entre as covas para a plantação da mandioca; mas fallando genericamente, não expliquei a maneira da sua plantação, o que vou agora fazer.

Depois que o fazendeiro tiver marcado e covado o terreno para a plantação do milho, reservará a parte mais arida para a mandioca, e araruta, ficando o terreno mais fresco para a plantação do inhame, taiova e mangaritos.

Feito isto escolherá um ou dous trabalhadores mais habeis para marcar as covas da mandioca, que, como já disse acima, distaráõ umas das outras quatro palmos, e após estes seguiráõ outros cavando a terra tres palmos ao redor da marca.

Não será preciso este trabalho se a terra ti-

ver sido lavrada com o arado; porque o que se exige é a terra fôfa para o desenvolvimento da raiz da mandioca.

A capina da mandioca deve ser logo depois, ou ao mesmo tempo da capina do milho. No acto de capina-la se chegará terra ao redor do tronco para cobrir as suas raizes.

Quando a rama tiver dous palmos, se quebraráõ junto á terra, as ramas que excederem a duas, para engrossar as suas raizes. No mez de Agosto se decotaráõ as suas ramas, e se deitaráõ fóra da roça em um ou mais montes, para não brotarem dentro della. Como a plantação dá mandioca deve comprehender sómente a quarta parte do terreno estrumado, fica ainda muito terreno, para a plantação das outras túbaras, e assim se deve plantar tambem algumas carreiras de mandioca aipim ou mansa, como a mata-fome da rama vermelha, e a esparralhada da rama branca: e como as raizes destas duas especies tem pequena extensão, se plantaráõ com tres palmos de distancia de cova a cova, e quatro das carreiras de milho. Em tudo mais se observará o que acima fica dito sobre a plantação da mandioca. Estas duas especies não são para polvilho, nem farinha,

mas sim para sobre-mesa, para se cozinhar com carne, e para os escravos comerem cozida á noite com melaço, o que dá uma boa cêa.

Plantação da araruta.

Sendo a araruta a túbara que dá o polvilho mais substancial, não deve o fazendeiro descuidar-se da sua plantação entre as carreiras do milho. Esta planta requer terreno massapé mediocremente estrumado. Deve-se plantar com a distancia de palmo e meio entre uma e outra cova, quanto caiba a enxada; e por isso se póde plantar tres carreiras entre as carreiras de milho. A sua plantação deve fazer-se em Julho e Agosto, na occasião da sua colheita. Plantão-se os tuberculos pequenos que não se podem ralar, e tambem os seus talos picados. Tira-se o seu polvilho como o da mandioca. É este polvilho mui substancial e saudavel para os doentes e convalescentes, servem optimamente para os biscoutos e pães, que são saborosos e nutrientes. A fécula ou bagaço que fica do polvilho serve para os porcos, e os nutre muito. Esta túbara nunca se perde por plantar-

se em grande quantidade, porque, quando não se póde ralar toda, dá-se aos porcos; mas isto só póde ser nos mezes de Julho e Agosto. Nos outros mezes, ou está pôdre ou verde.

Inhame.

É o inhame a túbara mais vantajosa para engordar porcos, e sustentar os homens na occasião das grandes fomes, comtanto que o reservem previdentemente em grandes quarteis para essas crises; mas, para se tirar vantagem desta planta, deve-se conservar intactos os seus quarteis por quatro ou cinco annos, como direi quando tratar da fome das provincias do norte. O inhame conserva-se na terra muitos annos, não sendo o lugar enxarcado, porque então o calor esquenta a agua, e apodrece. Estando em terreno estrumado e fresco, cresce cada anno uma cabeça das suas túbaras, pelos quaes se contão os seus annos. O inhame requer terreno areento, fresco e estrumado. Conheço quatro qualidades de inhame. A primeira, rôxa, dá a cabeça pequena, mas é o mais saboroso para

a mesa. A segunda, branca, dá maior cabeça que o rôxo. A terceira, tambem é branca, mas tem as folhas algum tanto listradas, e quando se separa o talo da cabeça, fica o lugar cortado côr de rosa disfarçada, e a sua cabeça dá dedos como a taiova. Esta especie tem a cabeça maior que as antecedentes; é de grande vantagem para engordar porcos, mas não é tão saborosa como as antecedentes. A quarta, finalmente, tem as folhas mui parecidas com as da taiova, que são rachadas até á forquilha do talo. É de côr arroxada, e mui semelhante ao inhame ou taiova silvestre. Esta especie foi introduzida ha poucos annos em Minas, e a denominão inhame de dez arrobas. O seu tronco, ou a caule, quando tem alguns annos, é da grossura de uma hastea de bananeira, pouco menos. É a especie que me parece durar mais sobre a terra, e por isso deve ser cultivada com esmero, pois é o mais vantajoso que conheço, e será tambem um grande auxiliar para engordar porcos. Além disto não quer terreno humido, e dá-se bem em lugar enxuto, comtanto que seja estrumado: esta circumstancia só o faz recommendavel.

Este inhame deve ser plantado em grande quantidade, e deixar-se intacto na terra cinco,

seis e mais annos para se aproveitar as suas túbaras, especialmente nos annos de grande penuria, em que elle sómente póde ser a salvação do povo, como direi quando tratar da fome, que por vezes tem devastado as provincias do norte.

A cultura do inhame deve merecer muita attenção do agricultor previdente, que deseja ter um recurso infallivel nos annos de falta de mantimentos. Portanto escolherá do terreno cercado e estrumado o lugar mais fresco para plantar o inhame. Póde-se plantar duas carreiras entre as carreiras de milho, cujas covas distaráõ umas das outras tres palmos; mas as duas especies ultimas, de que acima fallei, distaráõ entre si quatro palmos, e se plantará uma só carreira entre as de milho. No mez de Agosto ou de Setembro se farão as suas covas em linha recta, com a profundidade de um palmo, e outro de largura. Se a terra não estiver estrumada, se deitará em cada cova um prato de estrume; quando cahirem as primeiras chuvas, se fará sua plantação. As mudas consistem nos olhos, e assim uma cabeça póde dar tantas mudas, quantos olhos tiver, cobrindo-se com terra o que não tiver grêlo. Tambem se

póde plantar o inhame e taiova entre as carreiras das bananeiras, e vegetão bem até as bananeiras fecharem.

Taiova.

Depois do inhame segue-se a taiova, pertencente á mesma familia das aroideas. Esta preciosa túbara devia merecer mais consideração do que actualmente tem dos agricultores, não só pelo saboroso gosto das suas raizes, como pelo das suas folhas, que dão optima cêa, e servem para môlhos; além disto tem a vantagem de conservar-se muitos annos na terra: portanto torna-se uma segura providencia para os annos de fome.

A sua plantação é como a do inhame grande; deve ter a distancia de quatro palmos de uma a outra cova, no centro das carreiras do milho; as suas covas tambem devem ser estrumadas, como as de inhame grande; e deve ser plantada nos lugares mais frescos.

O agricultor deve esmerar-se em plantar a maior porção desta túbara. Ha duas especies

de taiova, uma com dedos, e outra sem elles. Esta é de mais vantagem, por dar maiores raizes, e serem estas mais saborosas.

Mangaritos.

Depois das taiovas segue-se o mangarito. É o mangarito tambem da mesma familia da taiova e inhame,e igualmente se plantaráõ entre as carreiras de milho. As suas covas distaráõ entre si dous palmos, e por isso se podem plantar tres carreiras entre as do milho; mas para dar boas túbaras, deve ser cavada e estrumada a terra, em que se houver de plantar. Ha duas qualidades de mangaritos, brancos e rôxos: os brancos são mais saborosos, e dão maiores túbaras, por isso aconselho a cultura desta qualidade.

O mangarito, assim como a araruta, se deve plantar todos os annos, porque todos os annos deve ser colhido, o que não acontece ao inhame e taiova, que se conservão muitos annos na terra, e as suas túbaras crescem com o andar do tempo.

Ia-me esquecendo de fallar na abobora vermelha e morango, que se plantão nas mesmas covas de mistura com o milho; mas, nos lugares em que se plantarem as aboboras, não se plantará cousa alguma entre as carreiras do milho para dar maior desenvolvimento ás suas ramas; aconselho, porém, que se estrume a superficie de todo o terreno em que se quizer plantar aboboras e morangos, para darem bons fructos; pois mais vale dez pés em terreno estrumado, que cem em terra agreste.

Aqui concluo a enumeração das plantas que devem ser plantadas entre as carreiras do milho, no tempo da sua plantação, ficando o feijão, que tambem se planta entre o milho, para tratar-se delle no lugar competente.

Tratarei agora das que devem ser plantadas fóra do milho; mas ao mesmo tempo que elle, como o arroz, etc.

É o arroz um dos principaes alimentos do homem; pois a maior parte do genero humano se sustenta do arroz: sendo um alimento, ao mesmo tempo substancial e temperante, é mui util o seu uso nos paizes ardentes; e por isso deve ser adoptado para almoço da escravatura nas provincias do norte. Tambem póde servir

para a cèa, mas não deve ser quotidianamente, pelas causas apontadas no Capitulo IX no tratatamento da escravatura e trabalhadores. Portanto, não só por esta circumstancia, como pela facilidade da sua cultura, e sua grande exportação, devia ser plantado em maior quantidade do que actualmente se faz. As provincias do norte principalmente devião augmentar a sua cultura como um recurso efficaz contra a fome, que os opprime quasi todos os annos.

Têmos actualmente diversas qualidades de arroz; mas a que me parece mais util é o arroz miudo de casca amarella, porque, alêm de carregar bem, rende mais que as outras qualidades no pilar. Este arroz tem mais outras vantagens, e são: dar-se bem em terreno enxuto; resistir mais ao sol; e não deitar quando fica maduro, como acontece com o arroz branco, e com o modernamente introduzido, o que chamão — arroz do governo —; e assim me parece que deve ser preferida esta especie a todas as outras; mas cada um siga o que melhor lhe parecer.

A cultura do arroz não deixa de ter seus inconvenientes, principalmente se é plantado em lugares paludosos; então é a causa das febres

intermittentes e typhoides nos trabalhadores, que o cultivão; além disto, a palha do arroz pestêa aos animaes que a comem. Para obviar estes inconvenientes, aconselho aos agricultores que escolhão um terreno plano de mil braças quadradas, a dez ou quinze mil braças quadradas, conforme as forças do agricultor, em lugar onde possa ser regado com facilidade; quero dizer: que tenha, ou possa ter um rego de agua por cima. Depois nivele este terreno com uma pequena declividade para não deter a agua. Então lavre com o arado todo este terreno; quebre todos os torrões; e estrume-o com muita igualdade.

No mez de Setembro, depois de se capinar e limpar todas as hervas que nelle houver, plante-o todo de arroz na distancia de tres palmos de umas a outras covas. Basta pôr-se nas covas quanto apanhe os dedos pollegar e indice. Se não chover, regue todo este terreno com agua do rego, de sorte que fique geralmente encharcado. Ao ponto que fôr nascendo o capim, será logo capinado; e nunca se deixará o matto tomar conta do arroz, porque esta planta deve estar sempre limpa. No arroz, e em outra qualquer plantação, é mais economia

dar-se quatro capinas, do que dar-se uma sómente, porque estando o capim rarificado, faz-se em um dia o serviço que não se faz em cinco, como muitas vezes tenho experimentado, e além disto a planta vegeta com dobrado viço. Nunca esqueça o agricultor desta regra, se quizer que as suas plantações prosperem. Advirto mais o agricultor, que nunca deixe o capim dar semente, pois enfraquece muito o terreno.

Se não houverem chuvas, deve o arroz ser regado de oito em oito dias; mas advirto que as régas devem ser feitas de manhã, e nunca com o sol quente.

Quando o arroz quizer espigar, se não chover, se farão as régas de quatro em quatro dias, e assim se continuará até seccar o grão. Estando maduro e secco, corta-se bem rente. Não approvo o methodo de colher-se o arroz em espigas, como usão muitos lavradores, excepto quando fôr isto necessario, por ser a colheita em tempo chuvoso, porque o arroz, sendo cortado rente do chão, dá sócca, que quasi sempre dá a metade da colheita, quando é bem tratado, e a terra é boa. A sócca tambem deve ser tratada como a primeira planta. Tratado o arroz por esta fór-

ma, o terreno que leva uma quarta de planta póde dar de trinta a quarenta alqueires; e ainda cincoenta comprehendida a sócca. Colhida a sócca, deve-se arrancar á enxada todas as touceiras do arroz para não enfraquecer o terreno. Colhido o arroz, deve ficar amontoado um dia para desapegar melhor o grão da palha. Algumas pessoas deitão o arroz no terreno e o pisão com os bois para separar o grão da palha. Eu não acho bom este methodo, por que os bois sujão o arroz com o excremento; por isso aconselho, de batê-lo em bancos, em uma casa assoalhada e rebocada. A palha que fica deve ser deitada longe de casa, em lugar aonde não vão animaes para comê-la, porque é muito pestilente. Tambem a familia deve evitar quanto lhe fôr possivel respirar o ar infectado do vapor que sahe da palha do arroz, que é muito nocivo á saude. A palha depois de estar pôdre é bom estrume.

Por este methodo póde o agricultor plantar um, dous, ou mais alqueires de arroz, comtanto que tenha terreno adaptado para isso, como acima fica explicado.

No anno seguinte é preciso estrumar-se de novo este terreno, porque o arroz enfraquece muito a terra em que se planta.

Batata doce.

É a batata dôce uma das substancias alimenticias mais nutriente, e mais saborosa que temos no paiz. Tanto serve para sustentar os homens, como os animaes, mui principalmente para engordar porcos, e nutrir as vaccas de leite, que com este alimento dão leite abundante e gordo.

Mr. Monlevade, rico fazendeiro do municipio da Itabira (provincia de Minas), sustenta com as batatas a sua escravatura, porcos, animaes cavallares e gado, gastando muito pouco das outras substancias alimenticias.

Em um artigo publicado ha annos (não me lembra agora o jornal), elle fez vêr, que em um terreno, que apenas dava cincoenta alqueires de milho, sendo plantado de batatas, colheu no primeiro anno mil e oitocentos alqueires de milho, no segundo mil e duzentos, e no terceiro seiscentos.

Os Francezes nas suas colonias plantão grandes campos de batatas; porém nós ainda não apreciamos como deviamos, para o nosso interesse, este precioso vegetal. Apenas se vê em

nossas fazendas um ou outro canteiro de batatas para sobremesa, quando todos os agricultores devião ter grandes quarteis desta utilissima túbara.

Conheço varias qualidades de batatas doces; mas dou preferencia a duas especies por carregarem e darem boas túbaras, que são: uma semelhante á denominada — coração magoado —, por ter o interior rôxo, apezar de ser muito maior, e a batata de marára denominada em Minas — batata de tres mezes —, apezar de não ser tão doce como a antecedente.

Aconselho, portanto, aos nossos fazendeiros que plantem grandes quarteis de batatas, para fartura de suas familias. As batatas ainda podem dar nutriente e saudavel cêa á escravatura, com melaço ou sem elle.

A batata é um dos melhores alimentos para engordar porcos. Cozinha-se em tachos, e no ponto de principiar a desfazer-se (delir-se), se lhe ajunta um pouco de fubá grosso, ou farello; mexe-se com uma pá, e tira-se do tacho para outra vasilha até esfriar. A batata tem um inconveniente, e é, o não se conservar por muito tempo debaixo da terra, como o inhame, a mandioca, e a taiova; porque, passado o

mez de Agosto, apodrece se não se colhe logo. Mas este inconveniente se póde remediar, passando-a por uma leve fervura em um tacho, e pondo-se depois ao sol para seccar a humidade, para depois empaiolar-se.

A batata não exige terreno muito forte, nem estrumado: ella vegeta bem em terreno enxuto, solido, e areento; por isso deve ser lavrado com arado; e depois de lavrada a terra se plantará a batata em principio de Setembro. As suas covas devem ter a distancia de oito a dez palmos de uma á outra; plantão-se os tuberculos pequenos, porque sahem as ramas mais depressa e mais viçosas, do que sendo plantadas partidas em varios pedaços: tambem se plantão as suas ramas, e nascem muito bem; mas assim augmenta mais o trabalho.

Quando a batata começa a estender as suas ramas, deve ser capinada á enxada, as outras capinas devem ser feitas á mão. A sua colheita é de Junho até fim de Julho: desse tempo por diante vai a apodrecer. A batata de marára dá boas túbaras em quatro mezes, e por isso se deve colher logo que estiver madura; pois continúa a dar sempre. Esta nasce melhor plantando a rama.

Cará.

Depois da batata segue-se o cará, túbara bem conhecida entre nós. Esta planta quer terra fôfa, e estrumada ; portanto deve ser lavrada com o arado, e adubada sufficientemente para dar boas cabeças. Planta-se a mesma túbara partida em pedaços de meio palmo quadrado, com a grossura de quatro dedos para o centro, ficando a casca para cima. As suas covas devem ter tres palmos de uma á outra. Colhe-se em Agosto, quando seccão as suas ramas. Conservão-se as suas tuberas arrancadas um anno, por isso os fazendeiros, que quizerem ter fartura para suas familias, devem plantar grandes quarteis desta planta.

Batata Ingleza.

É a batata ingleza originaria da Virginia, na America do Norte. Foi levada á Inglaterra por Sir Walter Raleigh, e ahi acclimatada por este povo industrioso. Com o auxilio deste tu-

berculo a Europa já está salva das grandes fomes, que outr'ora devastavão a sua população. A batata ingleza dá colheitas abundantes em terreno onde o trigo não produz. Ella não se dá bem em paiz quente; prefere a terra fria; por isso se deve plantá-la nas serras e lugares altos, açoitadas da geada. Planta-se em Outubro, partido o seu tuberculo em varios pedaços, comtanto que cada pedaço tenha um olho; e colhe-se quando a sua rama está secca. Se quizerem colher grandes tuberculos desta batata plantem-na em rêgos com estrume na distancia de dous palmos de rêgo a rêgo, e um palmo de cova á cova. É muito util a sua cultura.

Todos os vegetaes acima mencionados, se plantão no mesmo tempo do milho. Passarei agora á plantação do feijão. No mez de Janeiro, nas mesmas carreiras do milho, se limpará o terreno, em que quizerem plantar feijão. Nas terras frias farão a sua plantação em Janeiro, o mais tardar até o principio de Fevereiro. Porém nas terras quentes será em principio de Março, tres dias antes da lua nova. Se não houver terreno devoluto entre as carreiras do milho, se plantará o feijão na direc-

ção das mesmas carreiras, plantando-se uma cova entre duas de milho, pondo-se um punhado de estrume em cada cova. (Isto no caso de não estar a terra estrumada.) Então se deitaráõ nas covas quatro grãos de feijão, que se taparáõ com mui pouca terra, só quanto cubra o feijão. Passado um mez será capinado, ainda que tenha pouco matto, e antes de estender os cipós, levará segunda capina, observando-se o que disse acima a respeito do arroz. (*) Estando secco o feijão colhe-se, e conduz-se para casa, e bate-se em dia de sol forte. Depois de batido guarda-se, não em tulhas, mas em quartos assoalhados, em lugar fresco, em que entre o ar livremente.

Antes do apparecimento do bicho do feijão, os fazendeiros o guardavão em quartos depois de batido, e bem sécco. Hoje, porém, são precisas mais cautelas para se evitar o bicho, e

---

(*) Nem sempre a capina tem por fim limpar o matto; a sua principal utilidade, depois de limpar a planta, é revolver a terra para que o calorico penetre a sua raiz, e desenvolva o seu crescimento; porém ainda que o capim seja pouco se deve correr a enxada, e chegar-se terra ao pé da planta, com que muito se lucra.

são: depois de batido, sécca-se bem ao sol; deixa-se ficar no terreiro até esfriar; então guarda-se em um quarto espaçoso, assoalhado, que tenha algumas janellas abalustradas, de fórma que por ellas possa entrar livremente o ar sufficiente para refrescar o feijão: deita-se então nelle uma boa porção de cinzas. Comtudo isto, não se póde conservar o feijão em grandes montes para não esquentar; e quando chegar a este ponto, ou apparecerem alguns bichos, deve logo ser posto no sol para extingui-los, e guarda-lo ne fórma acima dita.

Favas.

Plantão-se as favas no mesmo tempo do milho. Alguns agricultores as plantão misturadas com o milho; mas eu não approvo esse uso, porque as favas trepão no milho, e o derribão com o seu peso; por isso aconselho que se plantem as favas nas beiras das cercas, aonde não cheguem animaes. Colhem-se depois do milho, quando já estão seccas. Tudo o mais é como fica explicado acima ácerca do feijão. Ha diversas qualidades de favas; mas

as mais saborosas são as de Belem brancas e vermelhas. Esta qualidade se deve plantar nas cercas da horta para se comer antes de seccar.

Aqui termino o catalogo dos generos alimenticios, que se plantão nos terrenos estrumados entre o milho, e fóra delle; o mais que tenho a dizer a este respeito pertence á horticultura, sobre o que direi alguma cousa no seu lugar competente. Resta-me ainda tratar de dous generos alimenticios, de summa vantagem para o paiz, cuja cultura se tem abandonado, e são: o trigo e centeio.

Trigo.

É a cultura do trigo uma das mais vantajosas para o Brasil, pelo alto preço a que chega a sua farinha no interior. Já se cultivou o trigo em Minas, aonda elle vegeta bem, nos lugares altos; hoje, porém, está abandonada esta importante cultura. Não sei verdadeiramente a causa desse não merecido abandono; pois não dão uma razão satisfactoria. Algumas pessoas me tem dito que a ferrugem que dá no trigo, é a causa do seu abandono, por embaraçar esta a creação do grão; mas outras pessoas habilita-

das para isso me tem dito que a ferrugem provém de se capinar o trigo com instrumentos de ferro, e que para evitar-se a ferrugem no trigo deve elle ser capinado á mão. Eu, porém, me persuado que a ferrugem provém de circumstancias locaes, ainda não bem averiguadas pelos agricultores do trigo. Sei que o trigo não se dá bem em paiz quente, como tenho experimentado neste municipio nas margens do rio Muriahé; mas vendo malograda a minha experiencia, dei um pouco de trigo a um morador na serra, que divide as aguas do Pomba e Muriahé, e tendo elle plantado e capinado á mão, teve o contentamento de ver o trigo espigar bem; mas, por um inqualificavel descuido, deixou os passarinhos comer todo, de fórma que perdi a planta. Este anno vou outra vez encetar nova experiencia. O trigo quer terrenos frios, e de boa qualidade. Deve ser plantado nas provincias do Rio Grande do Sul, São Paulo, e Santa Catharina, e nos lugares mais altos da provincia de Minas; mesmo em todas as outras provincias, mas nos altos das suas serras. Estou persuadido que o trigo originario do Egypto se daria bem em os nossos lugares baixos, situados dentro da zona torrida.

Deve-se plantar o trigo do meiado de Abril até o principio de Maio, pelo methodo da cultura de arroz. A sua colheita é de Setembro a Outubro. Deve haver todo cuidado com elle assim que principia a apontar a espiga para evitar os passarinhos que o perseguem muito. Para reduzi-lo á farinha é preciso levantar a pedra do moinho mais alguma cousa do que é preciso para se moer o milho.

Centeio.

Exige o centeio o mesmo tratamento que o trigo, e cultiva-se no mesmo tempo, e pela mesma fórma ; com a differença, porém, de se poder capinar com enxada : em tudo mais como no trigo.

HORTICULTURA.

Não é meu intento tratar aqui especialmente da horticultura ; pois depende isso da vontade e inclinação do fazendeiro, quese capricha mais ou menos em ter uma boa horta. Comtudo direi aos fazendeiros que a horta é uma meia dispensa, e que concorre muito para a fartura, e saude da familia ; pois o feijão sem couves não é tão saudavel, como misturado com ellas. E assim deve o fazendeiro ter, á proporção de suas forças, bons canteiros de couves, repolhos, alface, mostarda, chicorea, almeirão, alhos, cebolas ; e de hervas medicinaes, como espinafre, cujas folhas são laxantes, salsa hortense, aipo, herva tostão, funxo, cujas raizes são diureticas e aperientes, herva cidreira, arthemisia, endro, arruda, ortelã, salva, alecrim, losna, sabugueiro, macella gallega, mangerona, mangericão, fragaria, poejo, para soccorrer as enfermidades não se esquecendo de ter plantados em um canto da horta, ou na sua proximidade, dous ou tres pés de mamona branca para os encalhes, doença mui commum nos paizes quentes. So-

ca-se um caixo antes de estar madura a mamona, deita-se-lhe uma oitava de sal commum, espreme-se e dá-se em um clyster.

Além de uma boa horta deve o fazendeiro ter um bom pomar das frutas mais triviaes, para a familia, como laranjas, limas, limões doces, jabuticabas, cambucás, cajús, laranjas da terra, limões azedos, cidras, etc., nos paizes quentes; e nos frios ou temperados, marmellos, maçãs, pecegos, etc.; comtanto que os referidos arvoredos sejão bem alinhados, e tratados. A abundancia de frutas comestiveis nunca é superflua em uma casa aonde se crião porcos, que aproveitão todas as sobras do sustento dos homens. Passarei agora a tratar da criação dos animaes domesticos.

CAPITULO IV.

CRIAÇÃO DO GADO VACCUM E LANIGERO.

Sendo o gado vaccum um dos principaes instrumentos de abundancia dos viveres, pelo estrume que presta á cultura dos generos ali-

menticios, convem que se trate delle com todo desvello para augmentar a sua producção.

Não poderei ser muito extenso sobre este artigo, pois assim o exige a brevidade deste opusculo; mas, não obstante isso, indicarei algumas regras geraes, pelas quaes se guiará o fazendeiro na criação, tratamento, e enfermidade dos referidos gados.

Fique desde já entendido, que as regras aqui estabelecidas não se entendem com os criadores dos nossos sertões; pois esses crião milhares de cabeças de gado por anno, sem se submetterem aos preceitos essenciaes, que se devem observar a respeito desta criação, porque, confiados na superabundancia e uberdade dos seus pastos, entregão á natureza o cuidado da sua producção. Estas regras só tem applicação aos nossos fazendeiros agricultores, para quem o gado serve de agente de estrume para a sua cultura: e como estes tenhão os pastos mais acanhados, e á proporção da extensão do seu terreno lhes é indispensavel uma razoavel economia no tratamento deste gado. Portanto, depois de feito o pasto, sendo de gramma, regularáõ os fazendeiros seis vaccas para cada um alqueire de planta de milho, feito em pasto, e

sendo de capim gordura ou mellado,quatro vaccas: entende-se aqui tambem um touro, e o producto das vaccas até á idade de dous annos.

Logo que se fizer o pasto se fará um curral proporcionado ao gado que tiver o fazendeiro, e assim póde ter vinte a vinte e cinco, ou trinta braças em quadro.

A um dos lados deste curral, mais retirado da cerca quatro braças, se collocará uma manjadoura á maneira de taboleiro, e sem grades. Este taboleiro será feito de taboões, e assentado sobre esteios de boa madeira com o comprimento de vinte a quarenta, ou oitenta palmos (conforme o gado que tiver), com quatro palmos de largura, e com uma guarda nos flancos, e nos topos de um palmo de altura; o taboleiro distará do chão quatro palmos. Neste taboleiro se deitará toda palha do milho que se fizer. Assim que lhe fôr possivel fará um rancho de boas madeiras, coberto de telhas, taboinhas, ou sapê, com a altura de dez palmos, largura de trinta, e o comprimento de cincoenta a cem ou mais palmos, que será circumdado de um rego, para não entrar a agua da chuva. Serve este rancho para agasalhar o gado nas noites de

inverno, pois as chuvas de noite resfrião muito o gado, o que lhe faz bem mal.

Todos os dias á tarde mandará recolher o gado neste curral, e o soltará no dia seguinte ás seis horas da manhã. No espaço de oito dias o gado acostuma-se a dormir no curral, e vem espontaneamente encerrar-se nelle todos as noites, e se alguma rez não apparecer, está doente, furtada, ou morta.

Todos os oito dias será conduzido para as áreas da roça o estrume que se achar no curral. Junto a este curral se fará outro pequeno, com a entrada para este, e sahida para fóra, com um coche, e uma bica d'agua perto para se dar sal ao gado em todas as luas novas. As vaccas paridas tomarão sal de oito em oito dias; mas em pouca quantidade. Além dos pastos para apartamento do gado haverá um pasto pequeno em que não andarão porcos, com um pequeno capão de matto, limpo por baixo, para nelle se apartarem as vaccas que estiverem proximas a parir. Quando as vaccas parirem, se lhes dará um punhado de sal no quarto dia, dissolvido em agua, para se cobrirem logo: o que acontece dentro de um mez. Se algumas vaccas demorarem a lançar as páreas, ou secundinas,

se lhes dará a beber um punhado de sal em agua morna, e um pouco de fubá; e logo as lançarão. Logo que as vaccas parirem se mandará ordenhar os quatro peitos para não se coagular o leite no ubre; o que muitas vezes acontece por não mamarem os bezerros em todos os peitos, e por isso ficão esses perdidos.

Se endurecer o ubre por esta causa, se fomentará duas vezes ao dia com um lenimento feito com herva de coelho pisada, sal, azeite, e banana de S. Thomé assada; na falta da herva de coelho póde supprimir-se com folhas de malvas verbasco, ou grelos de vassoura.

No dia seguinte ao do nascimento do bezerro se deitará na sua lingua um pugilo de sal moido (quanto apanhem os tres dedos,) para evitar a criação dos sapinhos (aphtas), e se continuará assim por dez dias; um sim, outro não.

Mas se apezar de tudo isto fôr a lingua affectada de sapinhos, se deitará o bezerro no chão, e se cortarão os sapinhos com uma tesourinha, e se esfregará a lingua com limão assado e sal. Conhece-se que o bezerro está com sapinhos, quando se apresenta triste, com a boca aberta, babando, e não mama. Algumas vezes tambem são os bezerros acommettidos de lombrigas

(doença de que morrem muitos, não se acudindo logo). Os symptomas desta doença são: ranger os dentes, ventre entumecido, diarrhéa, e deitar lombrigas na obra. Neste caso, sendo o bezerro novo, se deixa mamar todo leite, e no outro dia deita na obra todas as lombrigas, ou a maior parte dellas.

Se ainda continuarem os symptomas, deita-se-lhe pela boca, antes de mamar, sumo de limão com sal. Este curativo deve ser feito ao meio dia, quando o bezerro já tem digerido o leite para não o talhar no estomago. Tambem é bom remedio dar-se-lhe infusão de ortelã com sal. Comtudo o melhor preservativo contra as lombrigas é dar-se ao bezerro todos os dias um pugilo de sal (quanto apanhem os tres dedos). Se os bezerros fôrem acommettidos de diarrhéa, se lhes dará a beber cozimento feito de labaça com sal.

Voltarei ao meu assumpto.

Far-se-ha mais um pastinho separado para os bezerros ahi ficarem até se desmamarem. Neste pasto haverá uma coberta para abriga-los da chuva.

Se quizerem que as vaccas dêm bom leite, lhes ensinarão a comer batatas doces picadas

e bananas de S. Thomé maduras. O mesmo curral de guardar o gado servirá para se ordenhar as vaccas. O leite de quatro vaccas dá um queijo, quando ellas são bem tratadas; mas como se deve tratar bem do bezerro, e o leite, que se lhe dá póde fazer falta ao queijo, neste caso será preciso o leite de cinco vaccas para um queijo. Na factura dos queijos deve haver o maior asseio; e assim, quando se tirar o leite, se cobrirá o tano ou barril com um panno grosso, e sobre este panno se deitará o leite. O processo do queijo se aprenderá praticamente com pessoas que o saibão fazer, sem o que não se fazem queijos bons.

Do sôro do leite guardado para o dia seguinte se tira manteiga da nata que sobrenada no sôro; e este então se dá aos porcos, com que se nutrem muito.

Quando ordenharem as vaccas, reservarão um peito para os bezerros, e estes mamarão de tarde tambem, até á idade de tres mezes. Como as vaccas presas no curral não pastão de noite, dar-se-ha á tarde ás vaccas paridas batatas doces picadas e bananas maduras de S. Thomé.

Passados dous annos, será preciso augmentar

o pasto, porque este gado crescerá certamente, se fôr tratado com cuidado.

É o gado vaccum uma das criações mais lucrativas, e talvez o ente irracional de que o homem tira mais utilidade; pois da vacca se aproveita carne, sebo, leite, cornos, unhas, couro, cabello e estrume; e do boi se aproveita sobretudo ainda o trabalho, portanto nos deve merecer muita attenção a criação deste animal.

Para estimular o desejo dos agricultores pobres, afim de criarem este gado, vou contar uma pequena historia por mim observada. Tres leguas ao sudoéste do Ouro Preto, na fazenda do Salto, conheci uma mulher de nome Maria do Carmo. Esta mulher era muito pobre, e aggregada da dita fazenda; comprou uma vacca, e em 1832 tinha já 140 cabeças do producto desta vacca. Com parte deste producto comprou uma fazenda, toda em capim gordura. Em 1852 ainda tive noticia dessa mulher: tinha então immenso gado. Dirão algumas pessoas que isso é uma felicidade excepcional. Não é tanto assim; pois logo no primeiro anno perdeu a primeira cria femea dessa vacca, mas deveu o seu immenso producto á salubridade do lugar, á far-

tura da pastagem e ao cuidado que ella tinha com o seu gado.

Doença do gado.

Depois de ter tratado das doenças mais communs dos bezerros, tratarei agora das enfermidades mais triviaes dos bois e vaccas,sem querer comtudo arrogar-me os foros de veterinario. Conhece-se que a rez está doente quando está desbarrigada, triste, com o pello arripiado, e com o focinho sêcco. Qualquer destes symptomas, ainda mesmo isolados, indica doença no gado. Nestes casos dá-se-lhe cozimento de folhas de batatas doces, com duas colhéres de sal commum, e meia onça de salitre; e continua-se todos os dias até sarar. Sendo novilho de dous annos para baixo, se dissolverá no cozimento sómente duas oitavas de salitre. Se a rez bater verilha, se obrar ou ourinar sangue, dar-se-lhe-ha quatro onças de sal de Glauber no cozimento de raiz de ortiga de oiça (cansanção). Se a rez se apresentar com o ventre inchado, se lhe dará a beber sumo de folhas de batata, ou uma porção de terra dissolvida em agua fria, e ficará presa á sombra por dez horas sem beber agua.

Duas horas depois que tomar a terra, ou sumo de folhas de batata, se lhe deitará pela boca uma garrafa de azeite de mamona. Este remedio sempre é util quando a rez está inquieta, e apresentar symptomas de colica. Com estas providencias conservará o fazendeiro o seu gado sadio, sem muito trabalho. Se o fazendeiro tiver os seus pastos intercalados de arvoredos grandes para sombreiros, e dessecar todos os brejos e lagôas, como acima aconselhei, rara vez lhe adoecerá o gado. Sobre a qualidade de gado que devem criar, cada um siga o que lhe parecer; mas aconselho que não comprem vaccas nem touros com os cornos grandes e grossos; pois estas vaccas dão pouco leite, e os bois são fracos para o trabalho. Aconselho mais: que de tres em tres annos, reformem o touro; pois não mudando os pais, degenera a raça; comprem então novilhos toureiros, que sendo reformados todos os tres annos, torna-se o gado verdadeiramente tourino pelo cruzamento. Vendão as vaccas velhas para o córte, e reservem as novilhas para criar. Por esta maneira se reforma em nove annos todo o gado na especie que se quizer, sómente com o cruzamento pelos touros de qualquer raça.

Carneiros.

Tem os carneiros o mesmo tratamento do gado vaccum, com a differença de ser mais fraco para resistir ás bicheiras; podem dormir no mesmo curral, mas em coberta separada, e cercada com cinco varas para não entrar e não pisa-los; e por isso serão fechados todos os dias, para não se misturarem com o gado.

O seu esterco é dos melhores para a horta, principalmente para cebolas e alhos.

As ovelhas paridas devem ficar no pasto dos bezerros um mez, ou mais, para os porcos não comerem os cordeiros recem-nascidos; e com ellas deve ficar o carneiro até se cobrirem. Quando estiverem em vesperas de parir, serão recolhidas no mesmo curral dos bezerros, e ahi ficarão até os cordeirinhos ficarem robustos, como acima fica dito. Todos os mezes, no dia de lua nova, se dará sal aos carneiros: para isso se varre o terreiro, e semeia-se o sal nelle. Corta-se a sua lã em Março e Setembro.

Deve-se capar os cordeiros assim que tiverem tres mezes. Os fazendeiros escolherão para pastores os da raça merinó, e apartarão as filhas, assim que desmamarem, para outro pasto, aonde

se lhe dará novo pastor merinó, mas de outra fazenda. Cada pastor póde ter trinta ovelhas, conforme a força do pastor, e póde chegar a quarenta o seu rebanho, mas devem estar separados os rebanhos para os carneiros não brigarem.

Neste mesmo Capitulo mencionarei o tratamento do gado cabrum.

É o gado cabrum o mais facil de criar-se, e o mais difficil de conter-se; pois não ha valados nem cercas que o contenhão, a não ser agua, ou cerca de achas perpendiculares. Mas a facilidade da sua propagação e criacão, a bondade da sua carne, e do seu leite deve animar aos agricultores a criarem este gado, embora lhes fique mais custoso o tapume de seu pasto. Podem se criar as cabras com os carneiros, pastarem e dormirem juntos. O seu tratamento é o mesmo. Os cabritos devem ser capados logo que tiverem dous mezes: sendo assim engordão crescendo, e fica a sua carne mais saborosa. Da sua pelle preparada se faz o cordovão cégo, e se fossemos mais indrustriosos podiamos fazê-lo de lustro. Portanto me parece mais vantajosa a sua criação para os fazendeiros que tiverem meios de contê-los em seus pastos.

CAPITULO V.

CRIAÇÃO DOS PORCOS.

É o porco o animal mais incommodo de criar-se por estar sempre a foçar e a desbarrancar os vallados e cavas do pasto no tempo das chuvas; mas como delle precisamos para adubar as nossas comidas, não podemos dispensar a sua criação.

O methodo de tratar os porcos, actualmente seguido pelos nossos criadores de capados, é algum tanto imperfeito, pois gastão mais milho do que é preciso para se obter uma arroba de toucinho, e sómente tem desculpa, por não acharem preço ao milho nos lugares aonde se crião grandes porcadas. Nas terras cançadas outro deve ser o systema de criar e engordar os porcos. Principiarei pela céva, que deve ser feita logo, por causa da economia que resulta no engordar os porcos; pois muitos fazendeiros, por não fazerem uma boa céva, chegão a engordar com difficuldade os seus porcos.

Disse acima no Capitulo II, que o curral dos porcos deve ser separado dos curraes dos outros animaes, e que deve estar distante da casa por causa da lama. É isto uma necessidade; mas não deve estar tão distante, que difficulte o seu tratamento; mui principalmente a céva, que deve estar perto dos tachos em que se cozinha a sua comida.

Portanto, logo que fôr possivel, o fazendeiro levantará uma casa coberta de telhas, com a altura de oito palmos nos flancos, vinte a trinta de largura, e trinta a cincoenta de comprimento, conforme as forças do fazendeiro. Esta casa será assoalhada com pranchões de madeira de lei, e a sua porta ficará para um dos testeiros da céva; e será toda cercada de achas ou pranchões lavrados, com uma porta em um dos cantos da entrada, e outra que dê sahida para o páteo, aonde elles devem banhar-se, e beber agua. Este páteo deverá ser da mesma largura da casa, e ladrilhado de pedras grandes, para os porcos o não foçarem. O tanque, que será tambem calçado de pedras, terá vinte palmos em quadro, e um de altura; mas a rampa da entrada terá uma declividade tal, que os capados gordos possão entrar e sahir com facilidade. No centro

da céva se collocará um coche, de maior ou menor comprimento, com a largura interna de palmo e meio, e a altura interna de um palmo (*). Este coche será repartido em toda sua extensão por divisões de taboas com a distancia de dous palmos e meio de uma a outra divisão, para os capados não entrarem nelle, e cada um comer em seu lugar. Estas divisões devem sahir um palmo fóra do coche, e ser collocadas por cima do coche, de maneira que se possão pôr e tirar facilmente quando fôr preciso lavar-se o coche; e assim as suas prisões devem ficar um palmo lateral fóra dos flancos do coche. Entre a céva e o curral dos porcos do pasto haverá um pequeno curral com entrada pequena para por ella entrarem os leitões; e deste curral haverá outra entrada para a céva, afim de aproveitarem os leitões o resto da comida que sobrar dos capados.

Antes de se pôr a comida no coche, se tirará toda a comida velha, que por acaso fique dos leitões, e se deitará no coche do curral de fóra para os porcos do pasto. Isto é muito ne-

---

(*) Na falta de madeira, que dê esta largura, pode-se fazer o coche de taboões e gastalhos.

cessario fazer-se para os capados comerem bem ; pois não obstante ser o porco um animal voraz e immundo, quando vive em liberdade, torna-se caprichoso quando está preso ; e por isso é preciso variar a sua comida ; e ainda mesmo dar-lhe vegetaes crús ao meio dia para não enfarar, o que atraza a sua nutrição. Não se deve dar milho em grão aos capados, porque perde-se a quinta parte desta substancia, o que redunda em grande prejuizo no fim do anno : e assim môa-se o milho em fubá grosso, e misture-se com qualquer vegetal cozido ; e por esta fórma se aproveita toda a substancia do milho, e em quatro mezes estão gordos. A comida dos capados, para aproveitar bem, deve ser variada : de manhã pode-se-lhes dar folhas de inhame cozidas com fubá ; ao meio dia bananas de S. Thomé maduras e cruas ; de tarde batatas, inhames, ou taiovas cozidas com mui pouco fubá. Qualquer destas substancias se coze primeiro ; depois se lhe ajunta o fubá, mexe-se com uma pá por dous minutos, e põe-se no coche para esfriar. As mesmas bananas, não estando ainda maduras, se cozinhão ; deita-se fóra a primeira agua, e nesta então se ajunta um pouco de fubá, e

faz-se como ha pouco expliquei. Junto aos tachos deve haver um coche grande para nelle se depositar e esfriar a comida dos porcos. Nos tachos só ficará a comida emquanto estiver quente, pois esfriando-se cria azinavre, o que é muito nocivo aos animaes. Na comida dos capados, quando estiver cozida, se deitará um pouco de sal, de fórma que fique moderadamente temperada, não só para lhes abrir a vontade de comer, como para obstar á criação das lombrigas. Quando na céva se observar algum capado sem progresso na gordura, deve-se matar do segundo ao terceiro mez ; porque este nunca mais engorda : o contrario se fará com os que nutrirem bem ; pois a estes se tratará até fiquem completamente gordos.

Estas regras bastão para os fazendeiros comprehenderem bem o tratamento dos porcos da céva. Passarei agora ao tratamento dos porcos do pasto. Separado da céva vinte braças, se fará um curral para os porcos de fóra. Neste curral haverá uma coberta para dormirem agazalhados, cuja coberta terá uma divisão para dormirem separadas as porcas paridas. Neste curral se deitará tudo quanto se tiver de dar aos porcos de manhã e á tarde, como milho,

bananas, batatas, aboboras, etc. Eu costumo dar milho duas vezes na semana, e nos outros dias dou bananas de S. Thomé maduras; mas as porcas paridas devem ser tratadas á parte, para poderem criar os leitões. Neste curral se conservará um coche para se dar sal aos porcos de quinze em quinze dias; e na agua em que se dissolver o sal se ajuntará um pouco de fubá, o que os faz nutrir, e ao mesmo tempo os preserva das lombrigas. As porcas prenhes não tomarão sal, porque podem abortar. Quando as porcas fôrem amojando, e estiverem proximas a parir, dormirão apartadas no curral dos leitões, em que haverá uma pequena coberta para este fim: e ahi ficarão as porcas tres dias para os leitões ficarem mais robustos. Este curral se communicará por uma portinha com o apartamento das porcas paridas, e nelle se tratará das mesmas porcas e leitões como acima fica dito.

Os porcos que tem de entrar para a céva devem ser capados em dias de lua nova; mas nunca quando houverem invernadas, que fazem arejar as feridas e morrer os porcos. Estes capados magros serão tratados separados dous mezes antes de entrarem para a céva. O curral

dos porcos do pasto se communicará com a cêva pelo curral dos leitões, para passarem por ahi os capados de fóra quando isso fôr preciso.

Talvez pareção estas regras muito minuciosas e superfluas ao fazendeiro impaciente, que quer fazer muito com pouco trabalho. Se alguem assim o pensar, engana-se; pois nenhuma utilidade póde conseguir o lavrador do seu trabalho sem um methodo na sua lavoura, e sem uma vigilancia contínua em todo complexo da sua fazenda: a criação principalmente deve estar sempre debaixo das vistas de seu dono. Os feitores e administradores só querem salvar as apparencias: rarissimas vezes se acha um bom administrador. No lugar competente farei a descripção das qualidades que deve ter um bom administrador.

Aves domesticas.

A criação das aves domesticas é da maior necessidade em uma fazenda, não só para o uso diario da mesa como para a diéta da familia quande está doente; além disto, o preço das aves domesticas nas cidades populosas deve

influir muito aos lavradores, que morarem perto destas povoações, a criarem em ponto grande gallinhas e perús, para os venderem nestes lugares. Da provincia de Minas, na distancia de trinta a quarenta leguas ao Porto da Estrella, levão os Mineiros gallinhas e perús para vender, e lhes faz muita conta, porque não cessão de tirar proveito deste commercio.

Das qualidades de gallinhas me parecem melhores as indias, e cochinchinas, porque são maiores e estão sempre gordas, apezar de pôrem menos ovos do que as nossas antigas gallinhas. As aves aquaticas, como patos e marrecos, são tambem fartura para a familia, e os marrecos poem muitos ovos; mas estas aves aquaticas não servem para os doentes, por serem muito rheumosas. Fica mais saboroso o pato mistiçado com o marreco.

As gallinhas devem estar separadas dos porcos. O seu pasto deve ser nos quintaes ou pomares, e mesmo nos cafezaes, se não fôrem distantes de casa; mas o gallinheiro deve ficar um pouco distante da casa e dos curraes dos animaes domesticos, por serem muito pestilentes. Alèm disto o gallinheiro deve ter repartimentos para as outras aves, e todo elle deve

ser varrido de tres em tres dias, para não pestiar as mesmas gallinhas.

A sua criação póde ser incumbida a um preto idoso ou invalido.

CAPITULO VI.

METHODO DE CULTURA DOS GENEROS ALIMENTICIOS MAIS APROPRIADOS PARA RESISTIR ÁS SÊCCAS NAS PROVINCIAS DO NORTE, ESPECIALMENTE DO CEARÁ, E PARA SUPPRIREM AS FALTAS DOS VIVERES NAS CRISES DE PENURIA.

Tem sido um problema de difficil solução a causa da fome que de vez em quando afflige as provincias do norte. Todos os que têm escripto a este respeito attribuem ás sêccas endemicas destas provincias a causa deste horrendo flagello. O Sr. Dr. Gabaglia, porém, baseado em factos incontestaveis, observados por elle na sua residencia na provincia do Ceará, como membro da Commissão scientifica, attribue a outras causas a fome que tem assolado esta e outras provincias suas vizinhas.

Quem quizer ver isto satisfactoriamente discutido, leia os seus — *Ensaios sobre as sêccas do Ceará*—e ficará plenamente satisfeito. Eu, porém, que sómente tenho em vista ensinar o methodo mais facil e seguro de cultivar-se os generos alimenticios, mais proprio para estes climas aridos, restringir-me-hei unicamente a este fim, deixando para os profissionaes as discussões de materias scientificas, pertencentes á meteorologia e physica terrestre. Entretanto não posso deixar de apreciar devidamente os conselhos do Sr. Gabaglia sobre a canalisação e represas na provincia do Ceará, que, attentas as circumstancias topographicas dessa provincia, podem ser vantajosos recursos para a sua lavoura. Voltarei ao meu assumpto. Depois de ter escripto no Capitulo III deste opusculo o methodo de cultivar-se perennemente no mesmo terreno com o auxilio do estrume, e depois de ter feito ver ao leitor as vantagens deste systema, não posso demorar-me nesta materia, repetindo o que já disse ; sómente addicionarei mais alguns conselhos aos habitantes dessas provincias afim de poderem cultivar os generos alimenticios que menos sintão as influencias nocivas das sêccas.

Primeiro que tudo insistirei na factura dos canaes e represas, aconselhados pelo Sr. Dr. Gabaglia, nos lugares em que fôr admissivel este melhoramento agricola, para facilitar a cultura do arroz no maior ponto que fôr possivel, com o fito de supprir a falta dos outros mantimentos nos tempos criticos; pois o arroz, além de ser um alimento sadio, é o mais proprio para os paizes calidos, por ser de natureza temperante. Além disto, nas proximidades desses canaes, represas, e em todos os lugares mais frescos, se deve plantar grandes quarteis de inhames e taiovas, que se guardarão intactos unicamente para os annos de penuria, pois o inhame e a taiova se conservão na terra cinco, seis e mais annos, conforme os lugares em que são plantados. Nas vastas planicies, de que abunda o Ceará, se plantarão grandes bananaes de bananeiras de S. Thomé, porque são as mais substanciaes, dando preferencia ás pretas, por serem melhores que as brancas. Nas grandes faltas de mantimentos, são as bananas de S. Thomé um grande recurso contra a fome. Tenho visto fazer-se uso dellas por esta fórma: Cortão o cacho quando está de vez e principia rachar a casca da banana; despencão-as e

as deitão a ferver em uma vasilha com agua; depois as descascão e fazem com ellas uma massa, á maneira de pirão, para se comer com carne, peixe ou feijão. A mesma banana cozida, estando de vez, serve para engordar porcos; mas em todo caso se deve deitar fóra a primeira agua da sua decocção, por ser summamente adstringente.

Não proscrevo as outras qualidades de bananas, que se tem introduzido depois destas; mas, não tendo a utilidade destas, devem ser plantadas em pequena quantidade, e sómente para sobremesa, como a maçã e ouro. Da caiana, e da da terra se faz um doce mui semelhante á marmelada. As bananas de S. Thomé servem tambem para se dar aos porcos, gado e aves domesticas; mas devem estar maduras, como disse no Capitulo III. Como as bananeiras aqui são destinadas tambem para refrescar o terreno e proteger dos ardores do sol as plantas que se tem de cultivar entre as suas carreiras, ou linhas, serão plantadas pela maneira seguinte: escolhido o lugar, (que deve ser plano) para a plantação das bananeiras, se alinhará todo elle em linhas rectas de norte ao sul, com a distancia de cincoenta

palmos de uma á outra linha, e nestas linhas se marcaráõ as suas covas de dezeseis em dezeseis palmos.

No centro destas covas se plantará uma muda de bananeira que tenha bom cará (raiz), ainda que a muda seja pequena. Para duração das bananeiras, devem ter as covas tres palmos de largura e dous de profundidade. O cará ou raiz da bananeira se enterrará ainda um palmo mais abaixo da superficie da cova, e se lhe deitará algum estrume, se se achar perto. Esta maneira de se plantar as bananeiras é para refrescar o terreno intermediario, e para abrigar dos ardores do sol as plantas nelle cultivadas. É certo que das 10 horas da manhã ás duas da tare todas as plantas ficão expostas ao sol; e as do centro desde as nove até ás tres; mas não soffrem a sua influencia o dia inteiro: o que já é um grande beneficio. Além disto, sendo a bananeira um dos vegetaes que mais abunda em sal alkalino, tem a propriedade de attrahir a humidade da atmosphera e diffundi-la na terra, tornando-a assim mais fresca.

As plantas cultivadas entre as carreiras das bananeiras, tendo um espaço sufficiente para

correr o ar, vegetão melhor que no terreno exposto aos ardores do sol, e sem algum abrigo; além desta circumstancia, a hastea e folhas das bananeiras são um dos melhores estrumes que conheço: todas estas qualidades tendem a melhorar o terreno, e torna-lo mais fertil. Entre as linhas das bananeiras se plantaráõ sómente mandioca, inhames e taiovas; mas os inhames devem ser das especies mencionadas em quarto lugar no Capitulo III, que é mais parecido com a taiova; porque este inhame dá-se bem em terreno enxuto. Todas estas plantas conservão as suas túbaras alguns annos debaixo da terra; a mandioca tres annos, o inhame e a taiova cinco e mais, como acima disse; e por isso são a melhor providencia para os annos de fome. O inhame e a taiova se plantaráõ em carreiras de norte a sul, distando oito palmos das carreiras das bananeiras; e nos trinta e quatro palmos que ficão entre as suas carreiras se plantaráõ sete carreiras de mandioca.

Quaesquer destas plantas distaráõ entre si quatro palmos, para vegetarem bem.

Já disse acima que os cearenses, e os habitantes das outras provincias do norte, que

estiverem nas mesmas circumstancias, devem plantar bananaes em grande quantidade para terem um abrigo seguro contra a fome ; e assim o mais pobre fazendeiro deve plantar ao menos trezentas touceiras de bananeiras, não só para utilisar-se do seu fructo, como da sua sombra a beneficio das outras plantas. Talvez algum pobre lavrador julgue excessivo para suas forças um bananal de trezentas touceiras.

Não é, porque não o plantará de uma só vez, por falta de mudas, que dê a quantidade de todas estas covas, portanto serão precisos dous annos e mais para a reproducção de mudas que possão supprir a todas estas covas, e dentro deste tempo tem occasião opportuna para plantar todo esse bananal, se não fôr descuidado.

Castanheiro.

Depois das bananeiras devem os habitantes do Ceará (e aquelles das mais provincias do norte que a fome tem flagellado), plantar o castanheiro e a arvore do pão no maior ponto que lhes fôr possivel, pois são dous grandes auxilios contra a fome.

Planta-se o fructo do castanheiro; depois da arvore procedente deste fructo, tirão-se os galhos esgalhados no mezes de Junho a Agosto, antes de sahirem os brotos, e plantão-se; e esta segunda arvore é que dá então o fructo em Março, em grande quantidade. Estes fructos podem se conservar muitos mezes sem alteração, estando bem acondicionados.

Arvore do pão.

Foi a arvore do pão um dos mais beneficos presentes que recebemos da Providencia.

Quando os Inglezes a conhecêrão no Othaiti, levárão para as suas colonias duas embarcações carregadas de mudas. E nós tão descuidados somos, que quasi não conhecemos esta preciosa arvore; e é uma raridade cuidarem nella os nossos agricultores, á excepção de um ou outro fazendeiro de gosto que a cultiva por luxo nos seus jardins.

A arvore do pão dá os seus fructos por oito mezes consecutivos, o que nenhuma outra faz. Por isso me parece que a sua cultura será mui util ás provincias do norte. Os seus fructos

comem-se assados,e tem o sabor de pão, d'onde se deriva o seu nome. Plantão-se os seus rebentões. O governo devia promover a sua cultura em grande escala na provincia do Ceará, com que faria um grande beneficio a esta provincia.

Não se enfade o leitor com estas minuciosidades; pois escrevo para beneficio dos pequenos agricultores, e desejo summamente que este meu trabalho lhes seja util.

Pastagens.

Depois de ter exposto aos habitantes das provincias do norte, e especialmente aos do Ceará, o methodo de cultura dos generos alimenticios mais proprios para resistirem ás sêccas, e supprir a falta dos viveres nos annos de penuria; tenho de aconselhar a plantação do bambú para pasto do gado vaccum. Esta especie de taquára, originaria da India, é mui semelhante á nossa taboca, com a differença de não ter espinhos, e ser mais cumprido o seu colmo.

Uma vez arraigada fórma grandes touceiras, que se augmentão por immensos rebentões.

Com paciencia e constancia se póde encher vastas planicies desta graminea, plantando os seus rebentões ou mudas, na distancia de quinze palmos em todos os sentidos; mas não soltaráõ o gado nestes partidos antes de tres annos depois da sua plantação. Este pasto resiste á sêcca mais forte, é muito substancial e appetecido do gado, além disto o seu colmo ou haste serve para cercas, e delle tambem, sendo distallado, se faz balaios e esteiras.

Comtudo não se devem descuidar da plantação das arvores e arbustos, recommendados pelo Sr. Dr. Gabaglia nos seus *Ensaios*, como carnaúbas, canna-fistulas, cardos, mamoeiros, juás, jucás, etc., pastos que os gados comem com soffregidão.

CAPITULO VII.

CAUSA DAS SÊCCAS DO CEARÁ E MEIOS QUE SE DEVEM EMPREGAR PARA OBSTAR ÁS SUAS REPETIÇÕES.

Comquanto pertença privatimente ao dominio da meteorologia o conhecimento dos phenomenos, que contribuem para a formação das chuvas, e a indagação das causas que podem abreviar ou demorar os seus periodos; entrarei de passagem nesta questão, por conhecer a influencia que tem as chuvas na producção dos generos alimenticios.

Estou persuadido que a principal causa da falta ou demora das chuvas na provincia do Ceará é a falta de mattos nas suas vastas planicies, que, ou nunca existírão, ou se já existírão tem sido destruidos pela mão imprevidente dos seus habitantes.

Longe de querer censurar a opinião dos que se persuadem que as mattas não contribuem para a formação das chuvas na provincia do Ceará, ousarei emittir a este respeito a minha

opinião, baseado em factos, que me parecem analogos, e que tem sido por mim observados ha mais de quarenta annos na provincia de Minas, aonde nasci, e em cujas raias actualmente habito. E assim espero que os defensores da opinião contraria não levem a mal esta minha franqueza.

Nos dous primeiros decennios deste seculo os antigos lavradores meus conhecidos, donos das fazendas hoje incluidas nos municipios do Piranga e Queluz, na distancia de nove a quatorze leguas ao sul do Ouro Preto, tinhão grande pressa de queimar as suas roças até meiado de Agosto, e o mais tardar até 24 desse mez; pois d'ahi por diante contavão com as chuvas; e não se enganavão, como muitas vezes observei.

Plantavão o milho, arroz, etc., no principio de Setembro; o mais tardar até meiado desse mez, e fazião boas colheitas. Quando as sêccas se delongavão até o fim de Setembro, como em 1833, era um clamor geral; porque contavão esse anno como falto de mantimentos. D'ahi por diante as chuvas forão-se demorando insensivelmente, e raras vezes chovia em Setembro. Os veranicos tornárão-se mais exten-

sos, e o tempo chuvoso mais breve. Queixavão-se então os velhos lavradores, que o tempo estava mudado, que tudo ameaçava miseria, porque os peccados erão muitos.

Eu, porém, que não me satisfazia com essas razões, puz-me a reflectir sobre a causa que motivava a falta das chuvas, e pelas minhas observações conheci que a causa principal deste phenomeno era a destruição das mattas pelo augmento da lavoura nesses lugares.

Ainda mais convicto fiquei desta opinião, quando me recordei, que os terrenos situados a uma legua ao norte de Catas-Altas da Noroega erão mais favorecidos das chuvas, do que os que ficavão ao sul desta povoação e freguezia, porque aquelles estão proximos a uma grande matta, em uma serra que divide as aguas do Piranga com as do Qualaxo, a qual matta se estende desde a proximidade do Ouro Branco até abaixo do Manja-Leguas, em uma grande distancia.

A mesma irregularidade das chuvas se tem notado nas primeiras vertentes do Pomba, e de seus tributarios da margem esquerda, como os riachos Paraopeba, Ubá e Xopotó Novo, depois que se derribárão as suas mattas, pelo

desenvolvimento da agricultura. Finalmente mencionarei as vertentes do Muriahé como um testemunho mais da minha opinião. Quando em Setembro de 1835 pela primeira vez visitei este lugar, estava quasi todo elle coberto de viçosas mattas, e em mui poucos lugares havia então algumas pequenas derribadas.

As chuvas ahi principiavão cêdo, os caminhos estavão cheios de lama, e havião não poucos atoleiros. As chuvas então continuavão de tal maneira, que obstavão as queimas das roças, e era isso a principal causa da falta de mantimentos no Muriahé.

Hoje, porém, no decurso de vinte e oito annos, porque grande parte dessas mattas estão derribadas, as chuvas apenas apparecem em Outubro. Rarissimas vezes chove em Setembro.

As melhores plantações de milho, arroz, etc., se fazem em Outubro; mas não passamos sem fortes veranicos de Janeiro a Fevereiro.

Partindo destes factos, por mim observados nesta provincia (Minas), posso argumentar analogicamente com elles para o Ceará e outras provincias do norte, que a falta de chuvas que ellas soffrem é causada pela falta de mat-

tas, pois estas concorrem muito para a formação das chuvas, como passo a provar.

Sendo o vegetal um ente organisado, que vive, tem necessidade de ser alimentado; tira por conseguinte, por uma força propria, a sua alimentação da substancias absorvidas do seio da terra, e da atmosphera, as quaes ella decompõe para se assemelhar ás materias que lhe convém. Pelas raizes chupa a arvore o succo da terra para a sua nutrição, e pelas folhas absorve o ar impregnado dos tres gazes de que é composto, e assimilando-se do azote, e algum carboneo, expelle o oxygeneo que lhe é superfluo. Por esta operação absorve a arvore grande porção de humidade da terra, que a transmitte á atmosphera em vapores subtilissimos, rarefeito pelo calor do sol, que condensados nas regiões superiores da atmosphera, e unidos a outros vapores, descem á terra em fórma de orvalho, chuva ou neve. Nas regiões calidas é mais activa esta operação, principalmente quando o sol, aproximando-se do tropico do sul, dardeja perpendicularmente os seus raios sobre essas arvores; e tanto maior é a porção dos vapores que se elevão á atmosphera quanto mais grande é o numero das ar-

vores que os emittem, e mais forte o calor que os volatilisa. Parece-me ser essa a razão, porque em o nosso clima vem as chuvas em os dias grandes, por ser nesse tempo mais forte o calor.

No meu humilde entender, me persuado, que as arvores nos paizes calidos, cooperão mais que o mar para a formação das chuvas, porque, admittida a hypothese contraria, não faltarião as chuvas no Baixo-Egypto, pela proximidade em que está do Mediterraneo, que na occasião das enchentes do Nilo é summamente agitado pelo noroéste, que arroja este mar sobre o valle daquelle rio, devendo esta agitação em tempo calidissimo (como é nessa occasião no Egypto), produzir grande evaporação nas aguas do Mediterraneo, e cooperar muito para as chuvas, o que não acontece assim, porque rarissimas vezes chove no Egypto.

Os exemplos que traz o Sr. Dr. Gabaglia das sêccas notaveis do Ceará provão a favor da minha opinião. O longo periodo de 54 annos, que medirão entre as sêccas notaveis de 1724 e 1778, comparado com os periodos que se seguem de 14, 17, 8, 10, 18 annos até 1845 demonstrão, que a destruição das mattas pelo

desenvolvimento da agricultura no Ceará, abreviárão estes periodos dos annos chuvosos pela repetição dos annos sêccos.

Os exemplos da Europa, que o Sr. Gabaglia apresenta, não podem destruir esta theoria, porque o seu clima é mui diverso do nosso.

No que diz respeito ás inundações, concordo com a opinião do Sr. Gabaglia, e outros physicos, que as attribuem ao derribamento das mattas; e dou a razão.

Emquanto as florestas estão virgens, e intactas do fogo, conservão no chão as folhas, e detritos das arvores, que se refazem todos os annos de nova folhagem. Estas folhas e detritos, servindo de permanente dique, obstão ao escorrimento das aguas pluviaes, não só impregnando-se da agua que podem absorver, como cooperando, pela resistencia que faz ao seu escorrimento, para ella se embeber na terra. Com este embaraço, quasi todas as aguas das chuvas são embebidas na terra, e assim penetrando-a, vão paulatinamente augmentar as aguas dos regatos, ribeiros e riachos até chegarem aos grandes rios sem causarem alluviões. O contrario acontece nos lugares derribados e reduzidos a capoeiras, catingas, e campos.

Estes lugares, privados dos entulhos supraditos, e ligada a terra pelo lôdo, que sobre ella se cria, dão livre passagem ás aguas pluviaes, que, agglomerando-se nos valles, regatos e riachos, correm impetuosamente para os grandes rios; e então causão essas grandes enchentes, que tudo assolão na sua passagem: e tanto mais rapidas e temiveis são estas enchentes, quanto mais limpo e descortinado é o lugar aonde cahem as chuvas. É por isso que nos campos de Minas, muitas vezes, pequenos regatos, engrossados pelas chuvas, levão de rojo ao imprudente cavalleiro que aventura a sua passagem. A' vista do exposto concluo, que se o governo, ou os habitantes do Ceará, arborisassem o seu terreno, obterião uma favoravel mudança no seu ardente clima, não só attrahindo as chuvas, como refrescando o ar pela emissão do oxygeneo, de que abundão as arvores, muitas vezes em prejuizo seu.

Nem todas as arvores têm a mesma força absorvente, e emissiva; por isso devem escolher com preferencia aquellas arvores que tem a propriedade de emittirem mais humidade, como o cajá, e outras semelhantes, que mesmo no pino do meio dia humedecem o chão com

a agua que gotejão as suas folhas; não se esquecendo de plantarem ao mesmo tempo as arvores que servem para construcção, que, apezar de não servirem para os seus plantadores, podem servir para os seus netos, de cujo bem-estar não nos devemos descuidar, porque tambem os nossos antepassados trabalhárão para nós. D'aqui se deve concluir, que é de summa necessidade a conservação das mattas actuaes, o que é mui facil, se adoptarem o meu systema de cultivarem perennemente em um só lugar pelo methodo exposto no Cap. III. Os mesmos bananaes, cuja plantação aconselho em ponto grande, não tem sómente a utilidade de refrescar o terreno intermediario, como tambem de prestar as suas frutas para a sustentação dos homens, e animaes domesticos; elles influirão bastantemente na alteração da atmosphera. E assim posso certificar que, se os Cearenses aceitarem os meus conselhos, obteráõ grandes resultados na sua lavoura, e evitaráõ as calamidades da fome.

CAPITULO VIII.

CULTURA DO CAFÉ NAS TERRAS CANSADAS.

Como o fim desta obra é ensinar aos agricultores a aproveitar e tornar uteis os terrenos estereis por cansados; e tendo já escripto como se devem cultivar nelles os generos alimenticios, passarei agora a tratar da cultura do cafezeiro nas terras cansadas. A experiencia tem mostrado que o cafezeiro vegeta admiravelmente nas derribadas de mattas virgens, pois que em alguns lugares principia a dar o café em tres annos, e dos quatro por diante dá boa colheita.

Mas para obter esse resultado são indispensaveis tres condições, que são:

Plantar-se em terra boa, mudas grandes, e ser bem tratado.

Fóra destas condições demora mais annos a sua colheita. Nas terras cansadas o cafezeiro cresce com muito vagar; demora mais annos a sua colheita, e acaba mais cedo. Estas circumstancias desanimão aos fazendeiros,

que não tem mais terras novas para cultivar o café, porque nenhuma utilidade podem tirar dessa cultura.

Entretanto para o futuro, quando desapparecerem as mattas, ficarão os nossos vindouros privados da cultura desse importante ramo de exportação, se não adoptarem um meio de cultivar com vantagem o café nas terras cansadas. Esse meio é unicamente plantar-se o cafezeiro em covas com estrume, como é costume fazer-se nos campos em Minas.

No centro desta provincia aonde não existem mais mattas, escolhem os lugares mais altos, para evitar a geada; e nesses lugares plantão os cafezeiros em covas com o diametro de dous palmos, e um de profundidade; deitão-lhe depois dous pratos de estrume, de fórma que um alqueire de estrume dá para dezéseis covas. O cafezeiro cresce viçoso; chega á altura de 14 palmos, e dura vinte annos nas terras frias. Quando chega a certa idade é preciso usar-se de escada para colher-se o café nos ramos superiores. Alguns pés chegão a dar de um alqueire a dous de café.

Nos lugares calidos os cafezeiros poucas vezes excedem a altura de dez palmos.

Este methodo de plantar-se o cafezeiro póde ser adoptado pelos fazendeiros que tiverem bons vargêdos com alguma declividade para não empoçarem as aguas das chuvas, comtanto que a terra não seja barrenta; mas estas covas devem ter um pequeno esgoto, feito na mesma occasião em que ellas se fizerem, para evacuarem as aguas das chuvas. Nas capinas se chegará o matto capinado a estas covas; porque serve de estrume, e conserva a terra mais fresca e mais fôfa ao pé da raiz do cafezeiro; o que é muito util para a fructificação. De dous em dous annos se deve pôr nova porção de estrume nestas covas. Este trabalho é assaz remunerado pelo producto que delle tira o fazendeiro. O cafezal, sendo em terreno plano, deve ser plantado com a distancia de doze palmos de pé a pé em terrenos calidos, e com dezeseis palmos nas terras frias. Nos lugares montanhosos se observará outra regra. Depois de roçado e queimado o terreno, em que se tiver de plantar o café, mandará o fazendeiro fazer vallas horizontaes com a largura e profun-

didade de dous palmos. Estas vallas atravessaráõ toda a extensão do morro, em que se tiver de plantar o cafezal, e sómente serão interrompidas nos lugares em que houver de passar o caminho de carro. Ellas começaráõ do cume da montanha para a base, sempre atravessadas, e distaráõ entre si quatorze palmos. Depois disto se plantaráõ os cafezeiros nestas vallas com a distancia de seis palmos de pé a pé, e se deitaráõ dous pratos de estrume em cada pé de cafezeiro. As mudas devem ser grandes, que tenhão ao menos tres palmos, e devem ser aparadas, ficando sómente um palmo de haste. Se houver abundancia de mudas, plantaráõ duas em lugar de uma.

Quando se capinar este cafezal, todo o matto capinado será deitado nestas vallas.

No tempo das chuvas se abriráõ esgotos nestas vallas, principiando pelas de cima, para vazarem a agua nellas retida, para não matar os cafezeiros.

Este methodo de plantar-se em vallas horizontaes é indispensavel nas terras cansadas para reter o esterco, que desce de cima, conduzido pelas chuvas.

Entre tres carreiras de café se plantará uma carreira de bananeiras.

As mudas das bananeiras distaráõ doze palmos de uma á outra. As bananeiras tambem serão plantadas em vallas. Nas capinas destes cafezaes, nunca se deixará o capim criar semente; pois o capim, dando semente, enfraquece a terra; e sendo o matto capinado antes de dar semente estruma á terra. Se houver samambaia, será limpa a foice emquanto a haste está sem galhos, o que é muito facil de fazer-se. Por esta fórma se extingue em pouco tempo um samambaial; e as suas raizes depois estrumão a terra. Talvez pareça ao agricultor mui dispendiosa esta maneira de plantar-se café, e cultiva-lo na fórma acima dita: confesso que ao principio dá algum trabalho, e gasta algum tempo na factura das vallas; mas depois retribue sufficientemente este trabalho pela colheita abundante que dá: além disto o fazendeiro não tem outro recurso, a não seguir este methodo, ou ficará sem plantar café, ou se sujeitará a planta-lo em terreno cansado, o que não vale a pena; e sobretudo porque, no terreno que leva quatro a cinco mil pés, póde levar dez a onze mil;

o que é uma grande vantagem, por se gastar a metade do tempo na capina, e colher-se duplicado numero de arrobas. É verdade que passados seis annos as fileiras dos cafezeiros ficão cerradas pela cópa que elles crião; mas sempre o cafezeiro dá a fruta nos dous lados que ficão descobertos; e quando isto obstar á sua fructificação, se cortaráõ os pés intermediarios, e assim ficaráõ com a distancia de doze palmos de um a outro pé.

O que parecerá talvez mais difficil ao agricultor é o estrume necessario para adubar o terreno de um grande cafezal. Esta difficuldade desapparecerá se adoptar o meu systema de agricultura mixta; isto é, fazer pastos para a criação do gado, e aproveitar o seu estrume para a cultura dos generos que se quizer plantar, como fica expendido no Cap. II. Entretanto, fique sabendo o fazendeiro, que dous carros de estrume adubão as covas de mil pés de café; e, por conseguinte, duzentos carros chegão para cem mil pés de café; o que não é impossivel, observando-se á risca tudo quanto fica dito a este respeito. Nos espaços vazios que ficão entre as fileiras dos cafezeiros se póde plantar algodão herbaceo, distando as

carreiras umas das outras seis palmos, e tres de pé a pé. As limpas, ou capinas do café, servem para o algodão; e este não faz damno aos cafezeiros por serem pequenas as suas raizes, assim como o seu arbusto. Quem quizer mais explicações ácerca do algodão herbaceo, lêa um folheto que trata especialmente delle, e se acha á venda em casa dos Srs. Laemmert, no Rio de Janeiro.

CAPITULO IX.

EDUCAÇÃO E TRATAMENTO DA FAMILIA.

Depois de ter escripto sobre o estabelecimento de uma fazenda, e ácerca do melhor methodo da cultura dos generos alimenticios para a sustentação da familia do fazendeiro, julgo a proposito dar alguns conselhos aos agricultores ácerca da educação physica e moral da mesma familia, sem o que o fazendeiro não póde passar uma vida tranquilla e socegada. O primeiro dever do homem na sociedade é ser util ao seu semelhante, debaixo das regras dos principios moraes; e tanto mais rigoroso se torna este dever, quanto mais ligadas são as relações entre os individuos que fórmão a mesma sociedade: e assim a familia de qualquer individuo tem o inauferivel direito de ser cuidadosamente protegida pelo seu pai commum.

Partindo deste principio segue-se que o senhor de uma fazenda tem rigorosa obrigação

de prestar aos seus escravos todos os meios que forem indispensaveis para o seu bem-estar, e para tornar mais toleravel a sua triste condição; cujos meios são sustento, agazalho, vestuario, educação, cuidado e remedios nas suas enfermidades.

Agazalho. Apezar de ter já explicado no Cap. II os meios de que se deve lançar mão para tornar mais salubre o local de uma fazenda, direi agora o que se deve fazer em particular para tornar saudaveis as senzalas, ou moradas dos pretos.

Quando se construirem as senzalas, escolherão, no quadro do terreiro, o lugar exposto ao vento do norte. Este lugar deve ser mais alto um palmo que o chão exterior, de fórma que as aguas das chuvas não possão humedecer o interior das senzalas; e por isso mesmo ellas devem ser apartadas dos barrancos, ou cavas duas braças, para que a sua evaporação continua não humedeça o ar interior. Estas senzalas serão bordadas de uma varanda de seis palmos pela frente, e serão repartidas em quartos de quatorze palmos em quadro para cada preto. Em cada um destes quartos haverá uma tarimba de taboas com a altura de dous

palmos do chão para o preto nella se deitar. Em cada uma destas tarimbas haverá uma esteira de palha de bananeira, uma colcha de lã grossa, e um travesseiro de panno grosso de algodão, cheio de farello lavado de milho. Ao romper do dia levantar-se-hão os pretos, e depois de todos juntos resarem um Padre Nosso e uma Ave Maria, lavaráõ os braços, a boca e o rosto na bica, ou chafariz, que deve haver nesta varanda (Cap. II), e receberáõ a benção do seu senhor. Depois disto receberá cada um em sua cuia ou tigella duas chicaras de café e uma brôa (bôlo), feito de fubá, e doce, cozida no forno. Se estiver neblinando, ficaráõ cinco minutos na varanda depois de tomarem café, para não constiparem. O almoço será pelas oito horas da manhã, feito de feijão com couves, adubado com uma onça de toucinho pelo menos, para cada preto, e angú. O jantar será pelas duas horas da tarde, o mesmo feijão com duas onças de carne secca, cozida nelle, arroz, e farinha. A cêa será pelas sete horas, feita de hervas, aboboras, ou arroz, e angú ou farinha: póde tambem ser de batatas, mandiocas ou carás. A cêa deve ser destas substancias variadas. O mingáo de cará, e o arroz,

continuados muitos dias successivos, azedão o estomago, o que não acontece trabalhando-se depois.

Entenda-se sempre que o preto deve ter por adubo em cada comida uma onça de toucinho, ou banha, e duas onças de carne sêcca por dia. As pretas regulão o mesmo tratamento; mas o seu serviço deve ser menos pesado; pois a sua constituição é mais debil. E assim no tempo da menstruação e gravidez devem merecer alguma attenção; portanto nestas occasiões evitarão os calores fortes nos dias de sol, e o fogo das fornalhas; pois o calor excessivo nestas occurrencias causa hemorrhagias uterinas e abortos. Podem comtudo trabalhar ao tempo até ás dez horas do dia, e das tres da tarde por diante, ou em outros serviços domesticos, como o fiar, tecer, etc. As mulheres no tempo da sua regra, não devem pisar na lama nem metter os pés dentro d'agua fria, porque isto póde causar a sua suppressão e graves enfermidades. As pretas neste tempo, e no da sua gravidez, não devem ser tratadas com rigor; porque isto muitas vezes é causa de abortos, suppressão das regras, e de muitos outros inconvenientes (*).

(*) O escravo nunca deve ser tratado com rigor, á excepção

Na occasião do parto a escrava deve merecer a mesma attenção, que merece a sua senhora, e o recemnascido os mesmos cuidados que os seus jovens senhores. Praticar o contrario seria faltar á humanidade e ao nosso interesse. No tempo da amamentação não devem as mãis estar expostas aos raios do sol, nem darem de mamar quando estiverem cançadas, porque o leite neste estado é nocivo, e por isso aconselho que o seu serviço neste tempo seja moderado. Tambem é nocivo aos meninos o leite da mãi quando estão com febre. Os meninos não devem dormir com as suas mãis, mas sim em seus berços. O contrario disto tem sido a causa de morrerem muitos meninos afogados e esmagados.

Os meninos devem ser lavados em agua morna, duas vezes no dia, e mudar a roupa todos os dias e todas as vezes que estiver humida, ou

---

de quando se mostrar incorrigivel. Procedendo seu senhor de outra maneira, faltaria á humanidade e caridade, e daria provas de uma educação má; pois este infeliz deve sempre olhar a seu senhor como a seu pai e seu bemfeitor e não como um tyranno. Se isto se observasse não haverião tantas desgraças, o que tem dado causa á sevicia e maldade de seus senhores e feitores. O escravo, por ser de côr preta, e ser nosso escravo, não deixa de ser nosso proximo e nosso semelhante; pois é filho do mesmo pai e obra do mesmo Deos, que manda não fazer aos outros o que não queremos para nós.

suja. No tempo da dentição deve haver todo cuidado com os meninos; pois é o tempo critico da infancia: e nesta occasião são acommettidos das lombrigas e diarrhèa. Quando os meninos chorarem demasiadamente é por motivo de colicas; e então devem ser purgados com manná, ou oleo de ricino, que é preferivel por ser anthelmintico. Adverte-se que os vermes dão cabo de grande numero de meninos: portanto, assim que apresentarem signaes de lombrigas, devem ir tomando com prudencia remedios anthelminticos; e quando principiarem a comer, sustenta-los-hão com arroz, caldos de carne, e mingáos (papas); e lhes recusaráõ feijão, favas, e outros farinaceos, porque são proprios para criarem as lombrigas.

Quando os meninos principiarem a engatinhar, evitar-se-ha com todo cuidado sentarem-se na terra fria: devem sentar-se em esteiras, ou nos assoalhos. Quando estiverem mais crescidos comeráõ todos juntos em uma vasilha propria; e nessa occasião serão inspeccionados por seus senhores, ou outrem que faça as suas vezes. Os meninos devem ser tratados com affabilidade por seus senhores; pois assim lhes crião

amor; e o coração humano raras vezes deixa de ser grato ao carinho e á affabilidade.

Portanto os senhores destes innocentes em nada se deslustrão em acarinha-los; e assim tambem não devem consentir que os seus filhos os maltratem. A humanidade de qualquer modo que esteja revestida, tem sempre o direito de ser bem tratada e todos aquelles que tem algum poder ou dominio sobre os seus semelhantes, tem o dever de minorar o mal do infeliz, que está debaixo da sua inspecção. Quando os meninos passarem de cinco annos devem ir aprendendo alguma doutrina christã, e principiar a trabalhar em serviços que forem compativeis com as suas forças, porém por pouco tempo; pois é isto sómente para moralisa-los, e para desenvolver e fortificar os seus musculos, e não para tirar fructo do seu trabalho; pois só de dez annos por diante podem dar algum serviço a seus senhores. Os meninos devem comer mais vezes que os adultos, porque o requer a sua constituição.

Reproducção licita. É indubitavel que a raça africana tem a mesma propriedade para a reproducção, como a raça branca, e que nas fazendas em que ella não se augmenta deve a sua

diminuição a causas especiaes: como são os lugares insalubres das suas habitações, o máo tratamento diario, pouca attenção e abandono mesmo nas suas enfermidades, o trabalho excessivo, as vigilias, finalmente a falta de casamentos entre elles, que é a principal causa. Portanto devem lembrar-se os fazendeiros, que os seus escravos tambem são homens, e que tem como elles a mesma propensão para o amor, e por isso lhes devem facultar casarem-se á sua vontade; pois d'ahi provêm o socego e moralidade dos escravos, assim como o lucro e tranquillidade de seus senhores, como vou expôr. O preto casado ordinariamente tem filhos, e os deve amar, assim como a sua mulher; portanto tem mais adhesão á casa de seu senhor; e se este trata bem de seus filhos, lhe cria amor, por uma sympathica retribuição. Está livre de passeiar de noite, e de perturbar as familias dos vizinhos, e por isso de soffrer algum desastre. Além de tudo isto, a prole enriquece a seu senhor. Adverte-se, porém, que os escravos casados não devem viver promiscuamente com os solteiros no mesmo páteo. Devem ter páteo separado, e receberem suas mulheres de noite.

Vestuario. Além do agasalho e sustento, tem

os senhores obrigação de dar aos seus escravos o vestuario necessario para abriga-los da inclemencia do tempo; e assim cada escravo deve receber para um anno duas camisas e duas calças de algodão grosso de Minas, dous jalecos de lã grossa ou baeta, e uma jaqueta de baetão, ou panno grosso para tres annos. A roupa suja dos escravos será lavada pelas pretas de casa, e distribuida por elles no domingo de manhã pelo feitor.

Trabalho. O trabalho do escravo deve ser regulado pelo trabalho ordinario do homem livre, e deve ser compativel com as sus forças. Muitos fazendeiros deshumanos obrigão os seus escravos por via de chicote a um trabalho desproporcionado ás suas forças. Estes infelizes, esgotando os ultimos alentos, acabão a sua existencia em pouco tempo com grande prejuizo de seus barbaros senhores.

Mas estes homens desalmados acabão pobres ordinariamente, como tenho muitas vezes observado. Pelo contrario, os fazendeiros humanos que tratão bem de seus escravos, e lhes dão trabalho proporcionado ás suas forças, têm prosperado á vista dos olhos. Percorra o leitor a provincia de Minas, e ahi verá esses fazendei-

ros que têm enriquecido pela producção dos seus escravos, e regularidade dos seus serviços. Quem corre pressuroso cança antes de chegar á méta do seu destino; mas quem caminha com diligencia regular chega sempre aonde quer.

O trabalho deve ser regulado pela luz do dia. Nos dias pequenos o trabalhador deve ter uma hora para almoçar e uma para jantar, e nos dias grandes duas horas para jantar; emfim, o trabalho diario não deve exceder ao mais de dez horas. Mais val o serviço de um trabalhador robusto e diligente em uma hora, do que o de um preto esfalfado e morto á fome em quatro horas. De noite os pretos só devem fazer milho, destalar fumo, aonde o fazem, e descascar favas ou feijão verde; isso mesmo até ás oito horas e nada mais. O serviço nocturno enfraquece muito a um escravo. A noite deve ser reservada para o descanso; embora o preto durma poucos horas de noite, o seu espirito deve ter algum repouso para conseguir um somno tranquillo.

Educação. É a boa educação a base da moral, e a fonte da virtude; e tanto mais puras serão estas, quanto mais perfeita fôr aquella. Divide-se a educação em civil e religiosa. A educação civil consiste em ser bom cidadão, respeitar as

leis do Estado, os direitos de seus semelhantes, ser affavel, tolerante, cortez, e generoso. A religiosa em observar as maximas do Evangelho e os preceitos da Igreja. De uma boa educação depende a felicidade de uma familia, e a tranquillidade de um paiz. Portanto os pais de familia tem rigorosa obrigação de dar á sua familia uma educação compativel com a sua condição. Tratarei por ora da educação religiosa. Sendo a religião o pedestal da nossa felicidade presente e futura, devemos arraigar as suas santas maximas no coração de nossos filhos e escravos se quizermos ter a nossa familia modesta, tranquilla e obediente. O homem sem religião é um cégo sem guia, que caminha sem destino, e tropeça a cada instante. É um cavalleiro pressuroso, que em noite tenebrosa corre a toda brida até precipitar-se no abysmo, que o devora. É uma náo sem leme, que impellida pelos ventos, veleja com rapidez sobre as ondas encapelladas, até esbarrar em um rochedo, aonde acaba sossobrada. Pelo contrario, o homem religioso é o viajor prudente que, em caminho escabroso, não dá um passo sem a luz de um pharol que indique o seu destino; é o cidadão pacifico, o amigo fiel, o marido cons-

tante, o pai desvellado, o filho obediente, o escravo submisso. A religião é o freio do homem impetuoso, o consolo do afflicto, o alento do fraco, a esperança do desgraçado. Por isso o pai de familia deve ter o maior desvelo em instruir a sua familia nos mysterios da religião christã, e fazer observar os preceitos da Igreja, e os mandamentos da lei de Deos. Todos os dias deve mandar ensinar aos meninos, e mais pessoas que ignorarem, a doutrina christã da cartilha do abbade Pimentel; e nos sabbados á noite, mandará repetir a doutrina aos que a souberem para não a esquecerem. Nos sabbados, antes da cêa, se cantará uma Ladainha e Salve Rainha a Nossa Senhora, e nos domingos á noite se rezará o terço de Nossa Senhora, e a Ladainha cantada. Estas canções arrebatão o espirito do preto ao empirio, e fazem esquecer algum tanto as suas fadigas. Nos domingos haverá missa ás oito horas. Toda a familia a deve ouvir com profundo recolhimento. Ao levantar a hostia cantará a familia algum hymno com melodiosa entoação: tudo isto produz um effeito maravilhoso na moral da familia. Como provavelmente póde acontecer não haverem sacerdotes para todas as fazendas, os fazendeiros se ligarão

entre quatro ou cinco para cada um ter ao menos uma missa por mez.

Nos dias de missa á tarde terão os pretos licença para folgarem por espaço de duas horas, mas isto se entenderá sómente nas fazendas de seus senhores, e com os escravos da mesma. Neste dia o senhor lhes dará uma ou mais marrans ou aves domesticas (conforme o numero dos seus escravos), para fazerem ao seu modo um jantar mais lauto. Todo este apparato enthusiasma o espirito do preto, e adoça o seu captiveiro. O fazendeiro fará a sua familia confessar-se todos os annos dentro da quaresma. Neste dia o escravo terá descanso para rezar a sua penitencia. O confessor deve ser o mesmo capellão, com permissão do respectivo parocho; mas este confessor deve ser um sacerdote escrupuloso, e que cumpra bem os seus deveres; pois um bom confessor é o melhor mestre para moralisar uma familia. A confissão é o antidoto das insurreições; porque o confessor faz ver ao escravo que o seu senhor está em lugar de seu pai; e portanto lhe deve amor, respeito, e obediencia; que o trabalho é necessario ao homem para a sua subsistencia; que esta vida é nada em comparação da eternidade; que o escravo

que soffre com paciencia o seu captiveiro tem a sua recompensa no reino do céo, aonde todos são iguaes perante Deos.

Estes conselhos, dados com affabilidade pelo confessor, fazem impressão na alma do preto; tranquillisão o seu espirito e produzem effeito maravilhoso.

Posso assegurar, sem receio de errar, que, se todos os fazendeiros do Brasil observassem esta regra, a insurreição seria um crime desconhecido entre nós.

Mas infelizmente as doutrinas irreligiosas do seculo passado, espalhadas entre o povo pela leitura de escriptos licenciosos, tem causado males incalculaveis em a nossa moral, esfriando nos pais de familia o cumprimento deste salutar dever.

Policia. É a policia de uma fazenda a tarefa mais delicada para um homem escrupuloso e temente a Deos. Tem de educar os seus filhos, e os seus escravos; vigiar o seu procedimento; castiga-los quando merecerem; e trata-los nas suas enfermidades. Comquanto já tivesse indicado as regras que os pais de familia devem seguir na educação religiosa de seus filhos, e escravos, farei mais algumas reflexões sobre a

conducta moral do mesmo escravo. Assim que os crioulinhos chegarem a dez annos serão separados das suas parceiras, e sómente terão ingresso no quarto de seus pais; porém, as negrinhas ficarão em companhia das adultas, e com ellas trabalharão separadas dos homens, tanto nas capinas como nos outros serviços. Estas terão por feitora uma preta casada, de bom procedimento e das mais velhas. Nunca se deve dar lugar ás escravas para se encontrarem com os homens; mas, se apezar das cautelas necessarias, apparecer alguma pejada, não deve ser maltratada, porque isto é ordinariamente a causa das escravas promoverem o aborto. O feitor do terreiro todos os domingos de manhã fará a inspecção da roupa e das senzalas para se certificar se estas estão limpas, e aquellas rendidas; e na mesma occasião receberá a roupa suja e entregará a lavada. Além disto examinará cuidadosamente se a roupa de algum escravo tem piolhos (muquiranas), e tendo, as separará das outras, e mandará ferver com bosta de vacca. Soffrerá então o paciente um exame minucioso na cama, e mais objectos que lhe pertenção, para se exterminar o piolho; pois este insecto é a causa de estar o preto cinzento,

e magro. Para regularidade desta inspecção, será marcada toda roupa dos escravos com o numero dos seus quartos. Nos domingos e dias santos de guarda serão os escravos dispensados do trabalho; pois é este o dia do descanso, excepto em algum serviço indispensavel, como tapar a cerca do pasto, ou concertar o rêgo do moinho, pois são serviços de primeira necessidade; mas se o preto quizer trabalhar em seu serviço, deve ser tolerado, porque este trabalho distrahe o seu espirito. Nada afflige mais o pobre escravo do que o trabalhar forçado nos domingos.

Quando um escravo merecer castigo, será este feito com moderação, pois nunca a ira deve tomar o lugar da justiça. Por isso quando se contractar um feitor ou administrador, se attenderá ás suas qualidades moraes, pois este deve ser humano, recto, e de bons costumes; e se fôr casado será melhor. Os feitores deshumanos e de costumes impuros são muitas vezes a causa da sublevação dos escravos. O senhor deve tratar a sua escrava com toda a honestidade; pois é isto indispensavel para a boa harmonia em sua familia, e para della merecer o respeito que lhe é devido. Nada enfurece mais um es-

cravo contra seu senhor do que o ciume. Grandes desgraças tem acontecido por este motivo. Emfim é uma grande infelicidade para uma familia o amor impuro de um senhor para com suas escravas.

Tratamento nas enfermidades. — É um dos deveres do fazendeiro tratar de seus escravos nas suas enfermidades; e assim quando algum se queixar de doença deve ser attendido, ainda que seu senhor se persuada que a sua molestia é fingida; pois muitos escravos tem morrido victimas do cruel abandono de seus senhores, suppondo ser fingidas as partes que dão de doentes. É mais justo e prudente dar-se um fazendeiro por enganado do que abandonar o escravo que se queixa de doença; excepto quando se conhecer claramente que ha fraude, e estas reincidencias se observarem muitas vezes. Não se persuadão os fazendeiros que o escravo sómente está doente quando o pulso está duro, e grosso, a testa quente; symptomas estes que unicamente exigem muitos fazendeiros, para se certificarem que seus escravos estão doentes, desprezando todos os outros symptomas de enfermidades bem graves, que a sua ignorancia desconhece, e entretanto a

humanidade soffre. Por isso seria mui conveniente que os fazendeiros soubessem alguma cousa de medicina, não só para atalharem o progresso das enfermidades, como para conhecerem as graves, e mandarem chamar os facultativos a tempo de remedia-las. Em todo caso o fazendeiro deve ter medico de partido.

Para esse fim se ligaráõ mais ou menos fazendeiros, e ajustaráõ um medico, que os soccorra quando fôr preciso; mas este medico não deve distar mais de duas leguas dos fazendeiros remotos afim de acudi-lhes a tempo. Além disto o fazendeiro deve ter uma botica em casa, e alguns instrumentos de pharmacia, para soccorrer os enfermos nos casos urgentes; pois muitas vezes está o medico em casa, e emquanto se vai á botica a enfermidade faz progressos, e torna inefficaz o curativo. O desembolço com o medico e a botica não é despeza propriamente dita, é um emprego de capital que dá lucro, porque livra de grandes prejuizos. Não é só a botica que é necessaria para o tratamento dos enfermos; tambem é preciso um pequeno hospital, ou enfermaria, aonde devem ser recolhidos os doentes da fazenda, a qual consiste em uma sala grande, bem

arejada, com mais ou menos leitos, e camas competentes, conforme as forças do fazendeiro e numero dos seus escravos; pois os escravos não devem ser tratados em suas senzalas, nem tarimbas.

No fim deste livro addicionarei um resumo de medicina domestica, adaptado á intelligencia de todos os agricultores, que consistirá sómente no diagnostico e tratamento das enfermidades mais triviaes das suas familias.

CAPITULO X.

CONCLUSÃO.

O conteúdo dos Capitulos precedentes, lido com attenção, convencerá o leitor da utilidade que obtem o lavrador seguindo o systema de cultura que aconselho; não só por tornar ferteis os terrenos cansados, como por multiplicar os mesmos terrenos, e aproveita-los em todos os sentidos. Comtudo, apezar de saltar aos olhos a vantagem deste systema, não duvido que alguns lavradores menos perspicazes, hesitem pô-lo logo em pratica, porque são difficeis de dasarraigarem-se dos preconceitos inveterados; e porque este systema, á primeira vista, parece mais trabalhoso que a actual rotina, unicamente seguida pela indolencia habitual dos nossos agricultores. Entretanto estou persuadido, que a maxima parte dos agricultores não hesitará em abraçar logo este systema, porque é intuitiva a sua utilidade; e tambem reflec-

tirão que eu não me entregaria a um trabalho tão minucioso e enfadonho, se não estivesse convencido da sua utilidade; e que com isto contribuia com o meu contingente para o bem publico.

Não é o prurido de escrever que me inspirou a redacção deste opusculo, pois bem se vê do seu conteúdo quanto me apartei das regras de um estylo correcto; e quanto procurei cingir me á intelligencia do maior numero dos agricultores, empregando os termos mais communs e triviaes, porque assim o julguei necessario.

Entretanto posso afiançar ao leitor, que a falta de merito litterario neste opusculo é supprida pela utilidade do seu objecto; pois quando emprehendi escrever este livro só tive em mira prestar mais um serviço ao meu paiz, o que muito satisfaz a minha consciencia.

Para não enfadar ao leitor, procurei ser o mais conciso, que me foi possivel; mas, apezar do meu desejo, não pude esquivar-me a immensas repetições, em todo o complexo desta obra, para mais bem impressionar o meu pensamento nos meus leitores. Talvez pareça aos agricultores que eu quero força-los a mudarem

seus habitos domesticos, como seja a substituição da farinha de mandioca pela farinha de milho (fubá), e outras muitas cousas: não intento força-los por meus conselhos a uma total mudança em seus habitos; sómente desejo modificar este methodo de alimentação pela addição do fubá, que é muito mais substancial e saudavel que a farinha de mandioca, cuja vantagem se póde conhecer, comparando a escravatura de Minas, que se sustenta exclusivamente com o angú (massa feita do fubá), e a das provincias maritimas, que se sustentão com a farinha de mandioca. Eu não proscrevo totalmente a farinha de mandioca, antes aconselho a sua plantação para se intercalar com a do milho; e mesmo para soccorrer os lavradores, e ao povo nos annos de penuria. Outra cousa notaráõ os agricultores, isto é: aconselhar eu a plantação de grandes bananaes: não se admirem os agricultores da minha insistencia sobre a plantação das bananeiras; porque, conhecendo a sua utilidade, a recommendo não só como alimento, mas tambem como sombreiro para abrigar as plantas dos raios do sol, e refrescar o terreno intermediario; além de tudo isto, é um dos melhores estrumes.

Quando recommendo aos agricultores a criação das quatro especies de gado vaccum, lanigero, suino, cabrum, é porque conheço a grande utilidade que tira o agricultor da sua criação.

O vaccum, além de concorrer com o estrume sufficiente para adubar o terreno da cultura, dá todo o mais producto, que referi no Capitulo IV; o lanigero dá carne e lã, e a pelle que, preparada, serve para calçado com o nome de carneira; o cabrum dá saborosa carne; e da pelle se faz o cordovão. Qualquer destas duas especies não precisa mais de anno e meio para comer-se: além disto dão muito bom estrume.

A respeito do gado suino, ou porcos, nada tenho a dizer que o não saiba o leitor, pois bem vê que é o adubo indispensavel da nossa mesa: e o trabalhador que não come bem adubado não póde ter forças para o trabalho.

A pelle do porco tambem serve para obras, sendo curtida, principalmente para forros; mas para curti-la é preciso extrahir-se toda a gordura, aliás não pega o cortume. Portanto já é tempo de nos libertarmos do tributo que pagamos á

Europa pelas suas pelles, e aos Estados-Unidos pela sua manteiga. Brasileiros, abramos os olhos!

Á vista do exposto, fique certo o leitor que não escrevi cousa alguma superflua neste opusculo, e por isso lhe recommendo, com a devida venia, que siga á risca os meus conselhos ácerca deste methodo de cultura, com que não se achará enganado; pois o tenho meditado, observado, e experimentado no longo espaço de vinte annos, e para pô-lo em pratica tenho gasto dinheiro, tempo, e trabalho, arruinando por isso minha exigua fortuna; comtudo estou satisfeito por ter consciencia de ter feito um beneficio ao meu paiz.

Adoptando-se este systema de cultura sobrão-nos immensos terrenos nos lugares mais proximos ao litoral, aonde elles podem ter um grande valor, parte dos quaes podemos dispôr vendendo-os aos colonos espontaneos, que affluirão ás nossas plagas assim que conhecerem as vantagens que lhes fazemos, pelo seu estabelecimento nos lugares proximos ao mercado. Uma sesmaria (meia legua quadrada), sendo cultivada por este systema, dá alimento com abundancia para mais de duzentas pessoas,

e por aqui se vê uma das grandes utilidades deste methodo de cultura que é a agglomeração da nossa população na zona proxima ao litoral, formando assim um núcleo respeitavel e forte para repellir, quando fôr preciso, qualquer insulto do estrangeiro que ousar conculcar os nossos direitos. (*)

Espero, portanto, dos meus patricios benigno acolhimento de mais este serviço que faço á nossa lavoura.

S. Paulo de Muriahé, 10 de Maio de 1863.

O Padre Antonio Caetano da Fonseca.

(*) O terreno aqui mencionado para a sustentação de duzentos individuos é ainda o quadruplo do que é preciso na Europa para o mesmo fim; porque fazendo-se o calculo de uma legua quadrada para duzentos individuos, estamos na proporção para a Europa de 1 para 4, que regula a mais de 3,200 individuos por legua quadrada, comprehendidas mesmo neste calculo as nações que tem terrenos de sobra, como a Suecia, Russia, Turquia, etc.

(*Nota do Autor.*)

TRATADO DE MEDICINA

EXTRAHIDO DA OBRA DO DR. BUCHAN

Depois de ter indicado aos meus patricios os meios de tornar ferteis as terras cansadas, e aconselhado o modo de conseguir o melhor resultado da sua lavoura, julgo de summa utilidade addicionar a este opusculo um resumido tratado de medicina domestica, extractada da obra do Dr. Buchan, de que me tenho servido com felicidade para curar a minha familia, de que se podem soccorrer os fazendeiros no curativo de suas familias, emquanto não chega o medico, e mesmo em sua falta: pois a maior parte das enfermidades, soccorridas a tempo, se curão facilmente, mas, deixando-as progredir, tornão-se ordinariamente incuraveis. Neste resumo só trato das enfermidades principaes que de ordinario acommettem a familia, e que podem ser curadas pelos fazendeiros, explicando neste tratado sómente os symptomas das enfermidades, sua dieta e curativo, omittindo tudo mais que pertence especialmente aos facultativos.

CAPITULO I.

DAS FEBRES EM GERAL.

Os symptomas caracteristicos das febres, são dôr de cabeça, calor excessivo, frequencia de pulso, fastio, debilidade geral, difficuldade em cumprir com algumas das funcções vitaes ou animaes.

Além destes ha outros symptomas menos caracteristicos das febres, mas que de ordinario as acompanhão, e são: as nauseas, sêde, anciedade, cansaço, emmagrecimento, insomnia, ou somno interrompido, que não deixa refrescar o corpo. Quando a febre vem só gradualmente, começa o doente a experimentar frouxidão, indifferença a tudo quanto o rodeia; queixa-se de dôr nos musculos e ossos da cabeça (a qual tem a sua séde na testa *); tem fastio, oppressão de coração, e a boca viscosa: passado algum tempo sente excessivo calor, sêde ardente, impossibilidade de dormir, etc. Mas quando a febre vem de subito, começa sempre por um frio extraordinario, com debilidade e falta de appetite. Este frio é muitas vezes acompanhado de tremor, circulação lenta, apertos de coração, males do estomago, etc.

---

* A dôr de cabeça é um dos symptomas caracteristicos das febres, a qual tem a sua séde particular na testa.

§ 4.º — *Das diversas especies de febres.*

Dividem-se as febres em continuas, remittentes, intermittentes; e nas que são acompanhadas de erupções cutaneas, e inflammação local, como bexiga, erysipela, etc. Chama-se febre continua aquella que nunca larga o doente todo tempo da sua duração, e que não tem alguma interrupção senão quando se acha perfeitamente curada pelos remedios, ou esforços da natureza. Esta especie de febre se subdivide em aguda, lenta e maligna.

Febre aguda é aquella em que os symptomas são violentos e precipitada a sua marcha, de maneira que a sua duração não passa de quarenta dias.

Febre lenta é aquella cujo progresso e symptomas são mais moderados. Quando em uma febre continua apparecem manchas lividas, petequias, annuncião a corrupção dos humores, e chamão a esta febre maligna, pôdre ou typho.

A febre remittente differe unicamente da continua nos seus gráos: nunca deixa o doente, durante todo curso da doença; mas, dentro das vinte e quatro horas, tem differentes crescimentos e diminuições, ou, como dizem os medicos, reduplicações e remissões.

As febres intermittentes são as que, durante o tempo que acommettem o doente, deixão-lhe algum intervallo; mas no fim de algumas

horas, de alguns dias, mais ou menos vezes, até sarar de todo.

§ 2.° — *Do tratamento das febres em geral.*

No tratamento das febres se deve indagar por que vias a natureza se quer desembaraçar da materia morbida para se ajudar aos seus esforços por quaes das secreções que ella indicar, como mais proprias, como pelas ourinas, suores, escarros, camaras, vomitos, etc. Se assim que a febre começa se seguisse, e auxiliasse os esforços da natureza, quasi sempre a febre seria de curta duração; mas, se são suffocados os esforços da natureza com remedios oppostos á sua indicação, é para se temer que a doença se prolongue; portanto nas febres inflammatorias ao principio quando o pulso, a lingua, os olhos indicão sangria, é esta o primeiro meio de que se deve lançar mão; depois os diluentes mais simples, abstinencia, e uma dieta debilitante farão cessar o progresso da febre e cura-la. Porém, nas febres de caracter pôdre, dever-se-ha seguir outra marcha, e se receitará os emeticos repetidos, saes neutros, bebidas aciduladas, e cordiaes. Em seu lugar competente mencionarei os remedios que mais convem a cada febre em particular.

§ 3.° — *Convalescença.*

É a convalescença uma parte da cura, ou o seu aperfeiçoamento; portanto deve merecer

ao professor particular attenção o estado da doença na sua convalescença.

Entra o doente em convalescença quando já não experimenta dôr alguma, quando respira com facilidade, dorme socegadamente as noites e tem todos os signaes que dão a mais completa segurança. Está claro que a convalescença deve ter diversos gráos de duração, assim como as doenças debilitão mais ou menos aos doentes, segundo a violencia ou duração dos seus symptomas. Ha enfermidades que bastão quinze dias, e ainda menos de convalescença; assim como ha outras que precisão de dous, tres mezes e mais. Grande parte dos convalescentes recahem quasi sempre por abuso na comida, outros por se entregarem prematuramente ás suas occupações diarias, sem attender ao seu completo restabelecimento. Ordinariamente o corpo, depois de ter experimentado uma febre, fica fraco, e delicado; é logo preciso que os convalescentes se resguardem do frio para não apanharem algum defluxo, ou constipação; além disto devem ter o espirito tranquillo e alegre por via de companhia divertida; fazer exercicio moderado em ar livre; mas deve evitar sobre tudo grande fadiga, e os prazeres de amor. Os alimentos devem ser ligeiros, e de facil digestão, mas nutrientes. Importa que coma muitas vezes ao dia, mas pouco de cada vez, pois é summamente perigoso para um convalescente comer quanto lhe pedir o estomago. O que nutre não é o que se come, mas sim o que se digere.

Os convalescentes que observarem á risca as regras seguintes não deverão temer recahida:

1.ª Que comão muito pouco de cada vez, e com frequencia.

2.ª Que não tomem mais de uma especie de alimentos.

3.ª Que mastiguem bem o alimento solido que tomão.

4.ª Que diminuão a quantidade de bebida que usavão na doença, ou que a misturem com a terça parte de vinho bom.

5.ª Que passêem quantas vezes puderem a pé ou a cavallo, especialmente antes de jantar.

6.ª Que comão pouco á noite afim de ter um somno socegado.

7.ª Que de tres em tres dias tomem um clyster emolliente, se tiverem o ventre demasiadamente cerrado, ou algum purgante brando.

8.ª Se ficar com fraqueza ou se tiverm o estomago desconcertado, tomem duas ou tres vezes por dia dezoito grãos de canella em pó, e outro tanto de quina.

N. B. Com os pretos e meninos deve haver a maior vigilancia na dieta, e convalescença.

CAPITULO II.

DAS FEBRES INTERMITTENTES.

§ 1.º — *Causas das febres intermittentes.*

As febres intermittentes dimanão dos vapores que se exalão das aguas detidas e corruptas,

como as lagôas e charcos, em que tem apodrecido substancias vegetaes.

Tambem dimanão de alimentos grosseiros, e de difficil digestão; a demasiada quantidade de frutas de caroço, quando não estão assaz maduras; a humidade das casas, o sereno, dormir em sitio humido, ou com roupas molhadas, emfim tudo quanto póde relaxar os solidos, diminuir a transpiração, e tolher a circulação dos fluidos nos vasos capilares, póde occasionar as febres intermittentes.

§ 2.° — *Seus symptomas.*

A febre intermittente começa em geral com dôres de cabeça, lombos e rins, por um cansaço em todos os membros, sensação de frio nas extremidades, horripilações, bocejos acompanhados de anciedades, nauseas, e vomitos. A tudo isto se segue o calafrio, depois delle um violento tremor; mas logo vem o calor, a pelle se põe humida, e sobrevem suor abundante, em que termina o accesso.

Um dos symptomas que caracterisa mais particularmente estas febres é a côr das ourinas, que deita o doente durante o suor, ou depois delle, a qual é avermelhada côr de tijôlo. No principio do accesso está o pulso apressado, fraco, e pequeno, e a sêde é assaz forte. Durante o calor acha-se o pulso mais forte, maior e a sêde é excessiva. Ia-me esquecendo advertir, que muitas vezes não estão bem desen-

volvidos estes symptomas, e o doente comtudo tem uma febre intermittente : neste caso é preciso bastante sagacidade da parte do professor. O frio de ordinario principia pelos pés, sóbe aos lombos um arrepiamento de frio ; o corpo diminue de volume, e a raiz dos cabellos fica elevada acima da pelle, á maneira de um frango depennado.

§ 3.° — *Como se deve tratar os doentes nas febres intermittentes.*

A primeira cousa que se deve fazer ao doente no tratamento desta molestia, é limpar-lhe as primeiras vias; e por isso, estando a lingua branca e suja se dará ao doente um vomitorio com dous grãos de tartaro emetico, em uma caneca de agua de folhas de poêjo, ou macella, ir-se-ha dando aos poucos as chicaras até o doente vomitar; depois de quatro ou cinco evacuações dar-se-ha ao doente algum caldo para volta-la para baixo, e se continuará a dar ao doente a infusão de flôres ou folhas de macella. No dia seguinte dar-se-ha ao doente uma chicara do remedio seguinte: R. Bicarbonato de potassa uma oitava; sumo de limão quanto baste para perfeita saturação; agua de cevada duas libras; assucar duas colhéres ; ajunte tartaro emetrico dous grãos, sal de Glauber uma onça. — Dá-se uma chicara deste remedio quente ao doente, duas ou tres vezes por dia. Se obrar muito, dar-se-ha menos vezes. Este remedio tomará o doen-

te dous dias, e findos os quaes, se lhe dará as pilulas seguintes: de sulfato de quinina, meia oitava; pós aromaticos duas oitavas (em sua falta canella em pó); farinha de trigo ou polvilho, meia oitava; mel, quanto baste para fazer massa, e desta 36 pilulas. Tomará o doente duas destas pilulas tres vezes por dia, a saber: de manhã em jejum, de tarde, e ás oito horas da noite, mas nunca deve tomá-las no accesso da febre; e beberá sobre ellas uma chicara de infusão de folhas de larangeira. Grande prudencia é precisa na applicação do sulfato de quinina internamente; pois sendo de natureza caustica, não se deve dar jámais ao doente todas as vezes que o estomago se achar com disposição inflammatoria: neste caso deve o doente fazer uso dos diluentes primeiramente; e mesmo no uso das pilulas. Tristes effeitos tenho visto do uso imprudente do sulfato de quinina por pessoas ignorantes das suas propriedades.

Quando o doente não está em termos de tomar o sulfato de quinina internamente, e a febre continúa, se fará a sua applicação externamente, pela maneira seguinte: sulfato de quinina, uma oitava; alcool ou restillo, meia garrafa: dissolva-se. Friccionar-se-ha o doente ao longo do espinhaço, com quatro colhéres desta solução, tres vezes por dia. Esta fricção se fará com uma escova macia, e na sua falta com a mão. Ao mesmo tempo usará o doente do cozimento seguinte: cevada, uma onça; tamarindos, duas

onças: ferva-se em duas garrafas de agua até ficar em uma, então tire-se do fogo, e deite-se dentro de folhas de malmequer da capoeira (*) uma mão; abafe-se, e estando frio, côe-se e guarde-se. Toma-se uma chicara de manhã, ao meio dia, e á noite, morno. Estando então o doente sem febre, fará uso das pilulas. Se o doente conservar o ventre preso, se ajuntará ao cozimento uma onça de sal de Glauber.

Se, apezar de tudo isto, o doente tiver a lingua vermelha e os olhos incendiados, o pulso duro, principiará a cura por uma boa sangria, segundo a urgencia dos symptomas, e forças do doente; neste caso é a febre inflammatoria, e os vomitorios lhe são muito nocivos.

§ 4.°—*Regimen.*

Haverá todo cuidado no asseio do doente, e dever-se-ha mudar a roupa que se humedecer com o suor: respirará o ar livre, e evitará o ar humido. Deverá ter dieta ligeira durante a febre e se absterá de carnes, caldos gordos, vinhos, bebidas espirituosas; pois tudo isto incendeia o sangue, e augmenta a febre; e assim usará sómente de canja de arroz, caldos fracos de gallinha e mingáos de araruta.

(*) O malmequer ha em quasi todos os lugares, nas terras fôfas e formigueiros velhos. Os meninos o chamão chumbinho, porque o seu fructo é semelhante ao chumbo meão, as suas flôres são intercaladas de vermelhas e amarellas disfarçadas. Este arbusto não cresce mais de 6 a 8 palmos, tem espinhos no seu tronco; é da familia do camará.

§ 5.°— *Convalescença.*

Depois de cessarem os symptomas da febre e sentindo-se o enfermo livre de seus incommodos, deve ter um mez de convalescença, portanto neste tempo fará exercicio moderado ao ar livre, evitará humidades, frutas, hervas flatulentas e indigestas, leite, queijo, e carne de vacca.

Usará de caldos de carnes brancas, comidas solidas; porém isto irá gradualmente; deve comer pouco de cada vez, e muitas vezes por dia. Evitará, com o maior cuidado, os prazeres do amor; pois nada é mais nocivo a um convalescente.

CAPITULO III.

FEBRE CONTINUA, AGUDA, ARDENTE, INFLAMMATORIA.

(Antes dos symptomas veja-se a causa á pag. 134.)

§ 1°—*Symptomas.*

Principia de ordinario por um frio geral, que é logo seguido de grande calor, pulso cheio e frequente, dôr de cabeça, e seccura da pelle, vermelhidão nos olhos, rosto affogueado, dôr nas costas e nos rins, ou cadeiras.

Symptomas caracteristicos. A todos estes symptomas succedem uma difficuldade de respirar, anciedades, e desejos de vomitar. Quei-

xa-se o doente de grande sede, regeita tudo quanto é alimento solido; não dorme; ordinariamente a lingua se lhe torna negra e aspera.

Symptomas perigosos. O delirio, uma agitação excessiva, a oppressão do peito em alto grão, a respiração trabalhosa, sobresalto nos tendões, o soluço, o frio das extremidades, os suores viscosos, evacuação involuntaria das ourinas são todos estes symptomas de máo annuncio.

§ 2.°—*Regimen que se deve observar na cura da febre continua aguda.*

Como esta doença é perigosa deve-se acudir ao enfermo o mais prompto possivel. Será sangrado logo a principio (não só nesta enfermidade, como nas mais acompanhadas de pulso vivo, dûro, e cheio), e se lhe tirará seis, oito, ou dez onças de sangue, conforme o permittirem as forças do doente. Se depois da primeira sangria augmentar a febre, e o pulso se puzer mais duro, será necessaria segunda, e talvez terceira sangria, dentro de 24 a 36 horas.

Tomará quatro vezes por dia uma chicara do cozimento seguinte: Cevada, duas onças; tamarindos, duas onças; fragaria, uma mão; ferva tudo em duas garrafas de agua até ficar em uma; côe e guarde para o uso. Ou esta mistura: Sal de subornato de potassa uma oitava; sumo de limão, quanto baste para perfeita

saturação. Depois de saturado ajunte: assucar, duas colhéres, cozimento de fragaria duas libras; que se tomará tambem quatro vezes por dia. Além disto, tendo o enfermo sêde, se lhe dará agua morna acidulada com algumas gotas de espirito de vitriolo dulcificado v. g. 40 gottas. Banhar-se-hão muitas vezes por dia em agua morna os pés e as mãos do doente. Se o ventre se põe duro e cerrado se dará ao doente clysteres emollientes, feitos de malvas, unto sem sal, ou azeite, ou manteiga fresca.

Se pelo decimo, undecimo, ou duodecimo dia se põe o pulso mais molle, se a lingua começa a humedecer-se, se as ourinas depoem um sedimento avermelhado, ha lugar para esperar favoravel exito; porém, se em vez de todos estes symptomas, se acha o doente abatido, se o pulso se vai enfraquecendo cada vez mais, se a respiração se faz difficultosa, com entorpecimento nos membros, tremor nos nervos, sobresalto nos tendões, deve-se temer máo exito. Nestes casos deve-se applicar vesicatorios entre as coxas, ou nas barrigas das pernas. Se os pés ficarem frios e a cabeça fôr accommettida de sangue, deve-se applicar sinapismos nos pés.

§ 3.°—*Dieta.*

Em todas as febres de caracter inflammatorio deve o doente abster-se de substancias animaes e estimulantes. Portanto usará sómente, du-

rante a febre, de canja de arroz, acidulada com algumas gottas de vinagre (meia colhér), e tisana feita com agua morna, duas colhéres de sementes de melancia descascadas, e uma colhér de assucar. Quando a febre principiar a declinar dar-se-lhe-ha caldos de gallinha pouco gordos, e se irá graduando paulatinamente os alimentos do doente até o seu restabelecimento. Na convalescença observe-se o que está determinado no § 5° do Capitulo II.

§ 4.°—*Supplemento a certas omissões.*

Causa das febres continua, aguda, etc.

A febre continua aguda é occasionada por tudo quanto póde esquentar o corpo, e augmentar a quantidade do sangue, como excessos de toda a casta; assim como fazer exercicio violento, dormir ao sol, beber licores fortes, comer alimentos picantes, entregar-se aos regalos da mesa sem fazer sufficiente exercicio. Póde causar esta febre tudo que póde supprimir a transpiração, como deitar-se em terreno humido e beber licores frios quando se sente encalmado: o tresnoitar póde tambem dar lugar a ella.

É da maior importancia nas febres agudas fazer sempre o doente respirar o ar fresco; para isso convem borrifar-se o quarto do doente com vinagre, e mesmo com agua de Labarraque, para evitar a putrefacção dos humores. Um dos

melhores meios para se conservar fresco o quarto do doente, é ter sempre ramos frescos e folhas verdes; mas, logo que murcharem, devem sar lançados fóra, e substituidos por outros.

O ar fresco contribue muito para allivio do doente. Nada ha mais nocivo do que abafar-se o doente, e cobri-lo de cobertores pesados, sob o pretexto de excitar o suor, e resguardar do frio. Esta barbara pratica póde ter tristes consequencias, porque augmenta o calor do corpo, cança o doente, e em vez de favorecer, oppõe-se á transpiração.

Refrescar-se-ha a boca do doente com aguamel, e um pouco de vinagre; e é na seccura da boca e faces, que aproveita muito o cozimento feito de tamarindos, beldroegas e nitro, para uso interno; e além disto allivia a febre.

Convem muito que o enfermo esteja só com uma ou duas pessoas, que fôrem necessarias para o seu tratamento, e evitar se-ha com cuidado o accumular-se o quarto do enfermo de pessoas inuteis, pois só servem para corromper o ar, e esquentar a imaginação do doente, o qual deve estar socegado e tranquillo quanto puder ser.

Evitar-se-ha com cuidado todo barulho, ruido, e mesmo impressão da luz muito viva.

Além disto não deve ser contrafeito em suas vontades; nada se lhe negará de chofre, mas será lisongeado em suas phantasias, dilatando, sobre outro pretexto, o cumprimento de suas vontades.

CAPITULO IV.

DO PLEURIZ.

Chama-se pleuriz a uma inflammação da membrana chamada pleura, que forra o interior do peito, o qual vem com pontada e febre. Divide-se o pleuriz em legitimo e bastardo, ou falso. Subdivide-se o pleuriz legitimo em humido e secco. No pleuriz humido escarra o doente facilmente, no secco pouco ou nada escarra.

§ 1.º— *Causas do pleuriz legitimo.*

Póde occasionar o pleuriz tudo quanto é capaz de supprimir a transpiração; portanto os ventos frios e humidos, dormir ao ar livre em terreno humido, os vestidos molhados, expoem o individuo a esta enfermidade. Tambem corre-se o risco de ficar sujeito a ella quando alguem se expõe ao ar frio, ou se mette em agua fria estando suado, e tambem bebendo limonadas e agua frias estando transpirando com suor abundante.

§ 2.º— *Symptomas do pleuriz.*

O pleuriz começa em geral com calefrio e tremor, a que se segue calor, sede e insomnia. Depois disto experimenta-se uma dôr violenta e pungente em um dos lados entre as costellas, (a que chamão pontada). Algumas vezes se estende a dôr até á espinha do dorso, outras vezes á parte interior do peito e tambem até

ás espaduas. Esta dôr é em geral mais aguda no momento em que o enfermo faz o movimento da inspiração, e quando tosse. O pulso nesta doença é de ordinario apressado e duro, e as ourinas incendiadas. O sangue depois de ter sahido da veia cobre-se de uma côdea dura. Os escarros do enfermo não tem ao principio caracter algum, mas logo se condensão, e muitas vezes são sangrentos.

§ 3.°—*Regimen que se deve observar na cura do pleuriz.*

Todo intento da natureza é desembaraçar-se desta doença por meio de alguma evacuação critica de sangue, expectoração, escarros, suor, dejecções serosas, ou ourinas carregadas, etc., portanto, estando o pulso vivo e duro, é necessaria a sangria; e assim a primeira cousa que se deve fazer ao enfermo, é uma sangria copiosa de oito a doze onças de sangue, segundo permittirem as forças do enfermo. Uma sangria abundante no principio de um pleuriz faz muito beneficio, e approveita mais que muitas pequenas no decurso da doença. Se depois da primeira sangria continuar a pontada com violencia, será necessario, no fim de doze ou dezoito horas, tirar mais seis ou oito onças de sangue, e si continuar a a sua vehemencia, se lhe fará terceira sangria.

Depois das sangrias se applicará um vesicatorio sobre a dôr, feito de meia oitava de can-

tharidas em pó, meia oitava de farinha de trigo, e vinagre quanto baste para se fazer esta massa branda : passadas doze horas se limpará a chaga e se porá sobre ella um parche com unguento basilicão ; usa-se este vesicatorio duas vezes por dia : ao mesmo tempo se dará a beber ao doente meia chicara de agua tartarisada tres vezes no dia. Faz-se a agua tartarisada deitando-se em uma garrafa de agua fria dous grãos de tartaro emetico. Póde-se dar ao doente o seguinte cozimento, intercalado com a agua tartarisada duas vezes ao dia : Cevada, uma onça; cascas de raiz de bardana, e de salsa da horta, de cada cousa meia onça ; ferva-se em duas garrafas de agua até ficar em uma ; tire-se do fogo e ponha-se dentro de flôres de coclearia uma mão ; em sua falta, de flôres cordeaes duas oitavas ; abafe, e estando frio côe e guarde. Toma-se uma chicara deste cozimento morno uma hora depois da agua tartarisada, continua-se assim até sarar. Todas as bebidas que se derem ao doente devem ser quentes. Se não sarar com estes remedios consulte a *Guia Medica de Chernoviz*. Se houver ainda alguma dôr na parte se applicará nella seis ou oito bichas ; em sua falta ventosas sarjadas. Convem que o doente esteja tranquillo e socegado, e que banhe os pés e as mãos a miudo em agua quente. Se, apezar do uso da agua tartarisada tiver o ventre preso, tomará o seguinte purgante: Senne, duas oitavas; rosas, meia onça; manná,

uma onça; ferva por cinco minutos, tire do fogo, abafe e estando frio côe e guarde. Deve-se ajudar a acção do purgante com clysteres emollientes.

§ 4.°—*Dieta.*

No pleuriz, como em todas as mais febres agudas, se absterá o doente de substancias animaes, vinhos e alimentos fortes. Fará uso de canja de arroz, sôro e algum mingáo brando de araruta ou de polvilho. Convalescença como na febre aguda, § 5°, Capitulo II.

§ 5.°—*Do pleuriz bastardo ou falso.*

Dá-se o nome de pleuriz bastardo áquelle cujo assento da dôr é mais externo do que no pleuriz legitimo, de que acabamos de fallar, e assim no pleuriz bastardo sente-se principalmente a dôr nos musculos intercostaes. Aquelles que são sujeitos aos outros pleurizes, são igualmente sujeitos a este.

§ 6.°—*Symptomas do pleuriz bastardo.*

Manifesta-se por uma tosse secca, pulso vivo e difficuldade de deitar-se sobre o lado affectado, symptoma tanto mais digno de notar-se, que nem sem sempre se encontra no pleuriz legitimo. Esta doença algumas vezes é obstinada; e neste caso é preciso recorrer-se á sangria, ventosas sarjadas, bichas e fricções com lini-

mento volatil. O vesicatorio é o seu ultimo recurso ; mas deve-se principiar a cura, conservando-se o doente abrigado por alguns dias, fazendo uso das bebidas diluentes, que promovem a transpiração ; a infusão de flôres de sabugueiro com algumas gottas de tinctura de aconito (doze gottas), agua tartarisada, observando-se o regimen e dieta do pleuriz legitimo. Não se omittindo os banhos de pés e mãos em agua quente, as bebidas nitradas, e os diureticos.

Tambem são de grande utilidade as fricções com pomada stibiada. Faz-se a pomada misturando-se meia oitava de tartaro emetico com uma onça de banha derretida sem sal. Não formando pustulas logo, se ajuntará mais meia oitava de tartaro á banha derretida, ficando assim uma oitava de tartaro para uma onça de banha.

CAPITULO V.

PARAFRENESIS OU INFLAMMAÇÃO DO DIAPHRAGMA.

Parece-se tanto o pleuriz com a parafrenesis, assim nos symptomas como no tratamento, que quasi se podem considerar como enfermidades identicas.

§ 1.º—*Symptomas particulares na parafrenesis.*

É esta enfermidade acompanhada de uma febre mui aguda, dôr violenta na parte affectada,

que em geral augmenta ao tossir, espirrar, respirar, tomar alimentos, evacuar, ourinar, etc., e assim o enfermo tem a respiração curta, respira do ventre para precaver a contracção do diaphragma; não póde dormir, a tosse é secca, tem soluços e muitas vezes delirio. O riso sardonico, ou para melhor dizer, uma especie de tregeitos involuntarios, é symptoma mui commum nesta doença.

§ 2.°—*Tratamento do parafrenesis.*

Neste caso devem-se empregar todos os meios para precaver a suppuração do diaphragma, porque se acontecer esta desgraça, é impossivel salvar o doente. O regimen e os remedios são todos os que estão receitados para o pleuriz. Sómente se accrescentarão os clysteres emollientes, que são mui uteis, porque, relaxando os intestinos, divertem o humor da parte affectada.

CAPITULO VI.

DA FEBRE MALIGNA, PÔDRE OU TYPHOIDE.

São causas da febre pôdre ou typhoide a emanação dos vapores que sahem dos charcos e aguas corruptas, em que tem apodrecido materias animaes e vegetaes, e por isso são mais sujeitos a ella os que habitão em casas baixas e humidas, aonde o ar não é renovado, os que não tem cuidado com a limpeza da sua roupa,

os que trabalhão em lugares paludosos em tempo de fortes calores, os que se sustentão exclusivamente de substancias animaes guardadas muito tempo, e os que se alimentão de mantimentos fermentados e arruinados pela humidade.

A adversidade, desgraças e magoas tambem podem occasionar esta febre. Tambem o contagio communica esta febre no mais alto gráo, por isso deve haver toda cautela no tratamento desta enfermidade, afim de evitar o contagio.

§ 1.°— *Symptomas da febre pôdre ou typho.*

A febre pôdre se annuncia em geral por uma debilidade notavel, cansaços espontaneos e sem causa alguma apparente. Esta debilidade é ás vezes tamanha, que o enfermo não póde andar, ou ainda ter-se em pé, sem receio de achar-se mal: sente-se no maior abatimento; suspira, perde o animo: obra muito nelle o temor da morte. Tem nauseas, e vomita algumas vezes bilis: padece violentas dôres de cabeça, acompanhadas de pulsações ou palpitações nas arterias temporaes. Os olhos tornão-se ás vezes vermelhos, e sente dôr no fundo das orbitas. Ouve um zumbido nos ouvidos: tem a respiração trabalhosa, e muitas vezes cortada de suspiros.

§ 2.°—*Symptomas caracteristicos.*

Queixa-se de dôres na região do estomago e rins: a lingua no principio se acha branca, e

depois se torna negra e gretada: os dentes se cobrem de uma fuligem ou sarro, em fórma de côdea preta. Algumas vezes o doente deita lombrigas por cima e por baixo, estremece, treme, e muitas vezes delira.

Se o sangrão, o sangue parece dissolvido ou ter muito pouca consistencia, e apodrece logo. As dejecções são muito fetidas, e algumas vezes esverdinhadas e negras, ou de côr avermelhada. A pelle se cobre muitas vezes de manchas pallidas, purpureas, lividas, pardas ou negras, e algumas vezes sobrevêm violentas hemorrhagias pela boca e nariz, etc. A isto ajuntarei que o pulso é pequeno, apressado, duro; algumas vezes um tanto molle e frouxo, e muitas vezes intermittente; que a pelle se põe sêcca, árida e ardente, e algumas vezes fria e viscosa.

Distinguem-se as febres typhoides ou pôdres das febres inflammatorias pela pequenhez do pulso, pelo grande abatimento do enfermo, pelo estado da dissolução do seu sangue, pelas manchas purpureas, e pela podridão infecta de seus excrementos. Distingue-se igualmente das febres lentas ou nervosas pelo calor ou sêde, que são mais consideraveis nas febres pôdres, pela côr mais incendiada das ourinas, e emfim pela prostração das forças, e outros symptomas, que chegão ao extremo nas febres pôdres.

A febre pôdre ou typhoide, nos velhos, mata ao oitavo dia, e ao nono da doença, e pela maior parte ao undecimo e decimo terceiro.

Nos moços, ainda que perigosa, não é tanto como nos velhos. Raras vezes acaba antes dos vinte e cinco ou trinta dias. Os symptomas mais favoraveis são uma leve soltura de ventre ao quarto ou quinto dia, acompanhada de um calor brando e suor moderado; e quando durão certo tempo, desvanecem muitas vezes a doença: por isso convem muito não os atalhar. As pequenas pustulas miliares, que apparecem entre as petequias ou manchas purpureas, são tambem um bom symptoma; assim como essa especie de sarna de que se cobrem os beiços e nariz no declive da doença. É bom signal quando o pulso se levanta com o uso do vinho, de outro qualquer cordeal, e diminuem os symptomas nervosos de que fallamos.

§ 3.°—*Symptomas perigôsos.*

Entre os symptomas mais desfavoraveis podem se contar uma diarrhéa excessiva, com o ventre duro e inchado, manchas largas, negras, lividas na pelle, aphtas na boca (sapinhos), suores frios e viscosos, a gota serena, ou cegueira. Emfim, quando o suor e saliva são tintos de sangue, e as ourinas são negras, ou o sedimento que depoem é preto, acha-se o doente em grande perigo.

§ 4.°—*Regimen que deve observar o doente assaltado da febre typhoide.*

Na cura desta doença se deve esforçar, quanto fôr possivel, para combater a disposição dos

humores á podridão; a suster as forças do doente; a concorrer com a natureza em expulsar a causa da doença por via de uma transpiração suave e outras evacuações.

Deve haver o maior cuidado em desviar o doente de um ar doentio e corrupto, fazendo o doente respirar um ar fresco e renovado de continuo: para isso se abriráõ as portas e janellas do quarto, tendo a cautela de evitar a impressão de algum ar humido e muito frio, borrifando o quarto com vinagre e agua de Labarraque; pondo ramos verdes no quarto do doente, como fica dito no § 4° do Capitulo III. Evitar-se-ha a accumulação de muitas pessoas no mesmo quarto.

Estando o doente com o ventre cerrado, usará por bebida ordinaria o cozimento de tamarindos, até que o tenha desembaraçado. A infusão de flôres de macella, até onde o estomago possa consentir, é uma bebida mui conveniente nesta doença. Os alimentos devem ser leves e consistiráõ em caldos (mingáos) de farinha de avêa, de polvilho, araruta, pannada, a que se ajuntará um pouco de vinho, se o doente estiver fraco.

Todos estes alimentos serão azedados com o succo de laranja. Póde o enfermo comer tambem frutas maduras, cozidas ou assadas, como maçãs, ameixas, marmelos. Nesta enfermidade não convem deixar o enfermo longo tempo sem comer.

Qualquer pequena quantidade de alimento ou bebida, tomada com frequencia, sustem as forças do doente e oppõe-se á tendencia dos humores para a podridão; e assim se lhe deve dar amiudadas vezes ao dia cozimento de cevada acidulado com acido sulfurico (espirito de vitriolo). Parecem-me tambem muito uteis as limonadas das frutas de cajá (bamburreiras), e, em sua falta, de laranjas da terra. O vinagre, sendo feito do vinho, é um dos melhores antisepticos.

§ 5.°—*Remedios que se devem administrar na febre typhoide ou pôdre.*

Se houver indicação para se applicar um vomitorio no principio desta febre, se conseguirá bom resultado; mas, se a lingua estiver vermelha e houver signaes de inflammação do estomago, o vomitorio é perigoso; importa, porém, ter sempre o ventre livre por meio de clysteres e laxantes. Nunca se applicará sangria nesta doença. Tambem os vesicatorios não se devem applicar senão no ultimo extremo.

Se o doente tiver o ventre cerrado, se lhe dará tres vezes ao dia uma chicara da mistura seguinte: Bicarbonato de potassa, duas oitavas; sumo de limão, quanto baste para perfeita saturação; ajunte agua de ortelã duas libras, sal de Glauber meia onça. Estando o ventre livre, se dará ao doente de duas em duas horas duas colhéres da seguinte poção: Cozimento

de quina, meia libra; tintura de quina, duas onças; espirito de vitriolo, uma oitava; xarope de laranja azeda, uma onça.

Se, apezar deste remedio, continuar o abatimento das forças e a tendencia para a podridão, se dará ao doente, de seis em seis horas, uma chicara do cozimento seguinte: Quina, uma onça; serpentaria de Virginia, uma onça; ferva em duas garrafas d'agua até ficar em uma e meia; deixe-se esfriar e ajunte-se espirito de canella (alcoolato de canella), duas onças.

Se o doente tiver soltura de ventre, se lhe dará, de duas em duas horas, duas colhéres do cozimento seguinte: Quina pisada, uma onça; canella pisada, duas oitavas; ferva-se por oito minutos em uma garrafa de vinho tinto, e estando frio côe-se e ajunte-se-lhe elixir de vitriolo (na sua falta espirito de vitriolo), quanto azéde. Emquanto durar a soltura do ventre se dará ao enfermo por bebida ordinaria cozimento de cevada azedada com espirito de vitriolo.

Se o doente se achar accommettido de nauseas ou vomitos, se lhe dará a sóda na occasião da effervescencia. Não havendo sóda, se lhe dará uma chicara da mistura seguinte: Sal de losna (na sua falta carbonato de potassa), uma onça; sumo de limão, quanto baste para perfeita saturação; ajunte-se agua de canella simples, duas onças; assucar, uma colhér; agua, seis onças, para duas dóses. Se houver apparencias de inchação das glandulas parotidas, se

applicarão cataplasmas maturativas para abreviar a suppuração (*). Estando a materia formada, se abrirá o abscesso e se conservará a suppuração com unguento de basilicão e balsamo de Genoveva.

CAPITULO VII.

DO SARAMPO.

Communica-se o sarampo pelo contagio. É mais ou menos perigoso, conforme a constituição do sujeito, estação do anno, clima, etc.

§ 1.°—*Symptomas do sarampo.*

O sarampo se annuncia pelos accessos alternados de frio e calor, acompanhados de desassocego e fastio. A lingua se põe branca, mas geralmente humida; o enfermo tem uma tosse pequena e breve; sente-se com a cabeça pesada, tem os olhos encarnados, carregados e lacrimosos; tem somnolencia, uma distillação de serosidade pelo nariz. Ás vezes, porém, não se manifesta a tosse senão depois da erupção, e ha inflammação e calor nos olhos.

Estes symptomas são acompanhados de um corrimento de lagrimas muito acres, e de uma extrema sensibilidade nos olhos, de sorte que

(*) A cataplasma maturativa se faz pondo-se ao fogo seis onças de leite e uma gemma de ovo desfeita no leite com uma onça de miolo de pão ou rosca sêcca.

se não póde supportar a luz sem dôr. Ás vezes inchão as palpebras tanto, que se cerrão absolutamente os olhos.

Tem o enfermo ordinariamente dôres nos peitos, e muitas vezes a erupção é precedida de vomitos ou fluxo de ventre. As camaras nos meninos são commummente verdoengas; queixão-se de comichão na pelle, estão inquietos e impertinentes, e é ordinario ver-se-lhes sangrar o nariz no principio e fim da erupção.

Pelo quarto dia apparecem umas pintas pequenas, semelhantes a mordeduras de pulgas, sobre o rosto, primeiro na testa, depois no peito, e no fim nas extremidades.

No sarampo maligno se faz a erupção mais ou menos tarde: ás vezes ha tres ou quatro dias de differença. Começa pelas espaduas e outras partes do corpo, antes de chegar ao rosto. Todos os symptomas que precedem ou acompanhão esta erupção são mais violentos: o pulso é lento e pequeno, a respiração frequente.

Ha oppressão nos hipocondrios; as ourinas são descoradas; ha delirio, spasmo, sobresalto nos tendões. Distinguem-se as pintas do sarampo das das bexigas pela sua elevação, que apenas é sensivel; e porque, demais disso, se terminão cahindo como umas pequenas escamas; ao mesmo tempo que as das bexigas se tornão em uns botões, que suppurão. Ha de mais disso tosse, e um lagrimejar involuntario, o que não ha nas bexigas. É ás vezes

o sarampo seguido de um excessivo fluxo de ventre, symptoma ordinario do sarampo maligno. Neste caso corre grande perigo a vida do enfermo.

§ 2.° — *Regimen que se deve receitar aos que são acommettidos do sarampo.*

Deve-se dar ao doente no principio infusões mornas de flôres de sabugueiro, de borragem, de raiz de althéa com xarope de gomma. Gargarejos de malvas, de folhas de verbasco, de raiz de althéa com xarope de diacodio. Sustentar-se-ha o doente de canja de arroz temperado com gordura, caldos de gallinha, mingáos de polvilho e araruta. Banhará os pés e pernas em agua morna muitas vezes no dia. Quando a descamação estiver a terminar, se dará ao doente um laxante composto de duas onças de manná e meia onça de rosas. Não se conservará o doente muito abafado ; mas tambem se absterá de expôr-se ao ar humido e frio, e se conservará vestido de flanella para abrigar o peito. Se a erupção apparecer lentamente tomará infusão de poejo com seis grãos de carbonato de ammoniaco ; se apparecerem symptomas inflammatorios, como se os olhos estiverem vermelhos, dôr de cabeça, tonturas, se a garganta se inflammar, se sentir dôr e oppressão no peito, recorrerá á sangria geral e local e beberá ao mesmo tempo, de duas em duas horas, uma chicara do cozimento seguinte :

Cevada, duas onças; raiz de althéa, uma onça; ferva em duas garrafas de agua até ficar em uma, tire do fogo, e ajunte flôr de sabugueiro duas oitavas; abafe e estando morno côe e guarde: adoçará cada chicara destas com duas colhéres de mel. Se a erupção desapparecer subitamente se banhará o enfermo em agua quente, e tomará seis grãos de flôr de enxofre em uma colhér de assucar, bebendo em cima uma chicara de infusão de poejo quente: isto se fará tres vezes por dia até que appareça a erupção. Apezar disto não se esquecerá do cozimento de cevada. Se, depois da cura do sarampo, continuar a tosse com affecção do peito, tomará todos os dias em jejum uma oitava de alcaçuz em pó com um grão de kermes em pó. Passado o sarampo, tomará o doente um ou dous purgantes de manná e rosas, como fica receitado acima. Emquanto estiver com os sarampos não beberá agua fria; pois é muito nocivo ao peito, e provoca a tosse.

§ 3.°— *Tratamento da convalescença do sarampo.*

Os convalescentes do sarampo devem ter a maior cautela na sua alimentação; e assim a sua comida deve ser gallinha, frango, arroz, leite quente com pão ou rosca; mas isto tudo em pequena quantidade, para evitar a ingorgitação do sangue na cavidade do peito e cabeça. Evitará o vinho, bebidas frias e acidu-

ladas. Deve fugir de expôr-se demasiadamente cedo ao ar frio, para evitar algum catarrho, asthma ou pneumonia.

CAPITULO VIII.

DO FRENEZI OU INFLAMMAÇÃO DO CEREBRO.

É esta enfermidade mui commum nos paizes quentes, e póde ser essencial ou symptomatica de outra enfermidade. As pessoas vivas e apaixonadas, os homens de letras, os que estão no vigor da idade, e os que tem o genero nervoso, são os mais sujeitos a ella.

§ 1.º—*Causas do frenezi, ou inflammação do cerebro.*

O frenezi é muitas vezes occasionado pelas vigilias, bebidas espirituosas tomadas com excesso, colera, tristeza profunda, e dôr por algum infortunio. A suppressão de alguma evacuação costumada dá muitas vezes lugar a ella; taes são as hemorrhagias nos homens, e a assistencia nas mulheres. Os que se expoem imprudentemente ao ardor do sol com a cabeça descoberta, são muitas vezes acommettidos delle, etc.

§ 2.º—*Symptomas do frenezi.*

Os symptomas da inflammação do cerebro são: dôr de cabeça, vermelhidão nos olhos, rosto incendido, somno interpolado ou totalmente per-

dido, grande seccura na pelle, constipação do ventre, retenção de ourinas, um pequeno corrimento de sanguè pelo nariz, zunido nos ouvidos, extrema sensibilidade no systema nervoso. Formada que esteja a inflammação do cerebro, os symptomas em geral são os mesmos que os da febre inflammatoria. É certo que no frenezi o pulso é muitas vezes fraco, irregular e tremulo ; mas ás vezes é duro e cerrado.

Quando só o cerebro se acha inflammado, o pulso é sempre molle e pequeno ; mas quando a inflammação acommette tambem as membranas do cerebro, como a pia mater e a dura mater, é então duro o pulso.

Symptomas caracteristicos.

Um symptoma caracteristico e ordinario desta doença é a delicadeza do ouvido, o qual é parte para que o doente ouça com singular subtileza ; mas este symptoma não é de longa duração.

Outro symptoma, igualmente commum, é a pulsação das arterias da fonte e pescoço.

A lingua está muitas vezes negra e secca ; raras vezes, porém, se queixa o doente de sêde, e até recusa beber. Não tem o espirito occupado senão daquelles objectos que lhe tinhão feito impressão antes da doença, e, mettido ás vezes no maior silencio, rompe de subito e se mostra furioso.

Acha-se o enfermo em um continuo delirio,

o homem mais brando torna-se arrebatado ; ora grita, ora chora, ora canta. As suas perguntas assim como as suas respostas são inconsequentes ; vê-se-lhe nos olhos uma mobilidade singular. Tremem-lhe as mãos, põe-se a apanhar moscas, e a examinar os cobertores. As ourinas, quando não se achão supprimidas, são claras, brancas ; neste caso é isto máo presagio.

O tremor contínuo, o sobresalto dos tendões, a suppressão das ourinas, a insomnia obstinada, a salivação continua, o ranger dos dentes, que se deve considerar como uma especie de convulsão, são symptomas todos perigosos. Quando o frenezí vem depois da inflammação dos bofes, dos intestinos, da garganta, etc., é em geral funesto ; porque provém de uma transportação de humores desta parte para o cerebro. D'aqui vem a necessidade que ha de evacuar em todas as doenças inflammatorias. Os symptomas favoraveis são uma transpiração ou suor livre e abundante, uma copiosa hemorrhagia do nariz, o fluxo hemorrhoidal, ourinas em grande quantidade e que depoem muito sedimento. Algumas vezes esta enfermidade vem a terminar por uma soltura de ventre, e nas mulheres por uma hemorrhagia. Como esta doença se torna muitas vezes mortal dentro em poucos dias, requer a maior promptidão na applicação dos remedios ; porque quando é prolongada; ou mal tratada, converte-se muitas vezes em loucura, ou em uma especie de demencia.

§ 3.º—*Regimen que se deve receitar aos que são acommettidos do frenezi.*

O tratamento do frenezi apresenta duas indicações, que merecem attenção, e são : diminuir a quantidade do sangue que está no cerebro, e afrouxar o seu curso nos vasos da cabeça. Deve o doente estar na maior tranquillidade. A companhia, o ruido, tudo que póde affectar os sentidos ou perturbar a imaginação, aggrava esta doença, e até a demasiada luz lhe é nociva; e por isso a camara do enfermo deve estar um pouco escura, e não deve ser nem muito quente nem muito fria. Deve-se-lhe deixar alguma pessoa do seu gosto que o entretenha, pois é necessario divertir o doente, quanto fôr possivel, e não o contradizer em nada. Os alimentos devem ser leves, compostos principalmente de substancias farinaceas. A pannada, canja de arroz, mingáos de polvilho, azedados com sumo de limão lhe convem muito. A bebida ha de ser fresca e diluente, como sôro, cozimento de cevada, e tamarindos, e os mesmos tamarindos sós.

§ 4.º—*Remedios que se devem administrar.*

Nada allivia mais o doente que uma hemorrhagia do nariz ; neste caso é necessario provoca-la, irritando as ventas. O primeiro remedio de que se deve lançar mão é uma copiosa sangria no braço, e logo depois dar-se-lhe um pur-

gante de sal de Glauber (duas onças; se o doente fôr debil uma onça). Depois disto se lhe applicarão seis bichas em cada fonte. Se não melhorar será sangrado nas vêas jugulares, e se banharão os pés em agua quente muitas vezes no dia. Como o fluxo hemorrhoidal é de grande vantagem nesta enfermidade convem provocá-lo com clysteres irritantes, como de herva de bicho e pimenta, bichas no anus e suppositorios feitos de mel, aloes e salgema. Sinapismos nas pernas e pés. (Fazem-se deitando-se em um pouco de agua morna duas onças de sementes de mostarda em pó; molha-se o panno nesta agua, e envolve-se com elle desde as pontas dos dedos até os joelhos.) Se o frenezi fôr causado pela suppressão das regras, se applicarão sinapismos entre as coxas, se dará a beber ao doente chá forte da India.

Se a nada ceder se applicarão dous vesicatorios na barriga das pernas. O ventre do enfermo deve sempre estar livre com purgantes, e clysteres irritantes.

CAPITULO IX.

DA OPHTALMIA OU INFLAMMAÇÃO DOS OLHOS.

Causas da ophtalmia.—Póde causar a ophtalmia: pancadas nos olhos, argueiros, insectos, o olhar fixamente para objectos muito lustrosos, o vento humido, estando suado; finalmente o retrocesso de uma enfermidade mal curada,

assim como as gonorrhéas supprimidas, etc. Algumas vezes tambem é epidemica e então se faz contagiosa.

§ 1.°—*Symptomas da ophtalmia ou inflammação dos olhos.*

A inflammação dos olhos é acompanhada de dôr aguda, calor, vermelhidão e inchação nestes orgãos. O doente não póde supportar a luz, algumas vezes sente dôr pungente, como se lhe picassem os olhos com uma espinha, outras vezes lhe parece que os tem cheios de argueiros negros, ou que está vendo voar moscas diante delles.

Os olhos estão humidos com certo humor ardente, que corre em abundancia todas as vezes que quer olhar para o alto. O pulso é apressado e duro, e ha certo gráo de febre. Quando a enfermidade é violenta, inchão as partes vizinhas e sente-se uma palpitação assignalada nas arterias temporaes.

Quando a inflammação dos olhos é ligeira, com facilidade se cura, principalmente quando procede de causa externa. Mas quando é forte e ha longo tempo que dura, deixa muitas vezes manchas sobre os olhos; escurece a vista e ás vezes encaminha a perdê-la de todo, ou a uma legitima cegueira. Quando o doente tem fluxo de ventre é bom signal, e tambem quando a inflammação passa de um para o outro olho. Mas

quando o doente sente dôr violenta de cabeça, está em perigo de perder a vista.

§ 2.°—*Regimen que se deve receitar aos que são atacados da inflammação dos olhos.*

Deve o enfermo abster-se de tudo quanto é irritante e calido. Os unicos alimentos que convem são vegetaes brandos, caldos ligeiros. A sua bebida deve ser agua de cevada ou infusão de ortelã, sôro ordinario. O aposento do enfermo deve ser sombrio, ou cobertos os olhos com um lenço de maneira que o prive da maior claridade. Deve resguardar-se de olhar para a luz ou para qualquer objecto luminoso. Deve evitar o tossir, expirrar, vomitar; procurar estar tranquillo, e evitar todo o movimento do corpo e do espirito, e tudo quanto póde tirar o somno.

§ 3.°—*Remedios que se devem administrar aos que são acommettidos da inflammação dos olhos.*

Deve o enfermo fugir de applicações externas, pois tudo quanto se põe immediatamente sobre os olhos, contribue muitas vezes para augmentar o mal. A sangria no braço é o primeiro remedio de que se deve lançar mão, quando a inflammação é violenta. Depois se lhe applicarão bichas nas fontes, o mais perto dos olhos que fôr possivel. Convem deixar correr o sangue

das bichas por algumas horas. Se a inflammação fôr rebelde repetir-se-ha a mesma operação por algumas vezes. Tomará o doente um purgante composto de uma onça de sal de Glauber, e meia onça de rosas. Fará ao mesmo tempo uso dos diluentes, tomando todos os dias duas oitavas de sal de Glauber e meia onça de tamarindos, usando por bebida ordinaria agua de cevada e raiz de sapé. Tomará ao deitar-se um cópo grande de sôro quente com quatro colhéres de vinho para abrir a transpiração. Banhará muitas vezes as pernas e os pés em agua quente. Quando é pertinaz a inflammação dos olhos convem rapar a cabeça duas vezes por semana, e lava-la com agua fria. Se, apezar de tudo, a inflammação não ceder, applicar-se-hão vesicatorios ás fontes e atrás das orelhas, e manter-se-ha a sua purgação por muitas semanas com unguento basilicão, e cantharidas em pó. Havendo calor e ardor nos olhos se banhará algumas vezes no dia com cozimento de malvas e leite. Depois de desvanecida a inflammação, se banharáõ os olhos com uma parte de aguardente e seis de agua para fortificar a vista.

Se a ophtalmia é passageira basta purgar-se o doente com sal de Glauber e rosas, e lavar-se com cozimento de malvas, ou uma parte de aguardente e seis de agua e algumas gottas de limão, applicando-se algumas bichas nas fontes, atrás das orelhas e nuca.

CAPITULO X.

DA ESQUINENCIA INFLAMMATORIA. (GARROTILHO.)

Entre as diversas especies de esquinencias tratarei sómente da inflammatoria e simples para que o fazendeiro possa atalhar o seu progresso até chegar o medico.

§ 1.º—*Symptomas da esquinencia inflammatoria.*

Conhece-se a inflammação da garganta pela sua inspecção ; pois que as partes internas da garganta se apresentão vermelhas e inchadas, além de que o enfermo se queixa de não poder engulir. O seu pulso é apressado e duro, acompanhado de todos os symptomas da febre inflammatoria. O sangue que se lhe tira da vêa é de ordinario coberto de uma côdea esbranquiçada, e os escarros do enfermo são pegajosos. Á medida que a inflammação faz progressos, augmenta a difficuldade de respirar e engulir. A dôr passa ás orelhas ; os olhos apparecem incendidos, e incha o rosto. Vê-se o enfermo muitas vezes na necessidade de estar em postura direita, pelo perigo de suffocar-se. Experimenta continuamente nauseas ou enjôos de vomitar, e quando bebe, muitas vezes lhe sahe pelo nariz. Finalmente morre ás veze o enfermo de fome, só por não poder engulir especie alguma de alimento. Ainda que a dôr de

engulir seja muito consideravel, se a respiração estiver ainda livre, não é tanto para temer-se.

Quando a inchação apparece no exterior é symptoma favoravel. A respiração laboriosa, acompanhada de dôres no peito, é muito perigosa. Não se dá cousa tão perigosa, segundo Hippocrates, como a angina, em que não apparece no exterior producção alguma saudavel. E assim, quando se manifesta uma erysipela ou tumor no alto do pescoço e do peito, dão estes symptomas annuncio de que a enfermidade passa do interior ao exterior. Mas se este tumor, se esta erysipela desapparecem de subito e a enfermidade passa ao peito, é então para receiar tudo do enfermo, principalmente não tendo este tido escarros. Quando a esquinencia é effeito de outra enfermidade, que tem já debilitado o enfermo, é muito critico o seu estado. Os doentes acommettidos de angina, e que tem a garganta sêcca e lisa com escarros pouco densos, estão em perigo.

Tudo ha para temer-se quando os enfermos, sendo acommettidos da angina, não escarrão logo materias cozidas. A espuma na boca, a lingua espessa, o rosto pallido e desfallecido, são symptomas mortaes.

§ 2.°—*Regimen que se deve receitar aos que são acommettidos da esquinencia inflammatoria.*

O regimen nesta enfermidade é o mesmo que no pleuriz. Os alimentos devem ser ligeiros e

dados em pequenas quantidades ; a bebida abundante e fraca, e diluente, acidulada com vinagre ou sumo de limão. É de summa importancia estar o enfermo a seu commodo e tranquillo. Deve guardar silencio, ter o pescoço envolto em flanella ou baeta macia e ter a cabeça algum tanto levantada. Usar amiudadas vezes do gargarejo de folhas de juquiri e herva de coelho, com um pouco de lixivia. Deve, além disso, banhar os pés e as pernas em agua quente muitas vezes de dia e de noite.

§ 3.°—*Remedios que se devem applicar aos que são acommettidos desta enfermidade.*

Sendo esta enfermidade mui perigosa, é preciso, logo que se manifesta, ser o doente sangrado no braço, e pôr-se bichas na parte affecta. Além disto se purgará com agua laxativa viennense, ou este purgante, que é melhor : Senne, duas oitavas; sal de Glauber, meia onça ; manná, uma onça ; e herva doce, uma oitava. Dissolva o manná em seis onças de agua no fogo, e fóra delle ajunte-se os mais simplices, abafe ; e estando morno, côe e dê-se ao enfermo. Este purgante se deve repetir de tres em tres dias, por tres vezes. É muito util nesta enfermidade. Conservar-se-ha na boca uma pedra de nitro puro, e engulir-se-ha pouco a pouco : serve de gargarejo e promove a secreção da saliva e ourina.

Depois das bichas se dissolverão duas oitavas

de tartaro emetico em agua morna e se embeberão em um panno para envolver-se no pescoço. Este topico é muito proveitoso nesta enfermidade depois das sangrias, pois attrahe a inflammação para fóra. Se a enfermidade não obedecer a estas applicações e ameaçar a vida do enfermo, se assentará um vesicatorio na nuca, que tenha meio palmo de extensão, para chegar perto das orelhas dous dedos. É este o ultimo recurso, que raras vezes falha. Tirado o vesicatorio se conservará a purgação da chaga por quinze dias, até que se desvaneça de todo a inflammação.

Quando as mulheres são acommettidas do garrotilho ou inflammação da garganta, é preciso indagar se lhes falta a regra, e sendo essa a causa da inflammação da garganta, se lhes fará uma boa sangria no pé, e se repetirá no dia seguinte no outro pé, que logo conseguirá allivio, como tenho observado. Seguindo-se á risca o tratamento acima receitado, rara vez perigará o doente.

CAPITULO XI.

DO DEFLUXO E DAS DIVERSAS ESPECIES DE TOSSE.

Esta enfermidade é causada pela suppressão da transpiração, por molhar a cabeça estando quente, etc.; e acommette o doente com alguma febre ainda que leve: ninguem está isento della.

§ 1° —*Symptomas do defluxo.*

Os symptomas mais ordinarios do defluxo são: oppressão do peito, um cansaço desacostumado, dôr de cabeça, peso de todas as partes vizinhas do nariz, estallo nas ventas e seu entupimento. O enfermo não póde assoar-se; mas distilla pelo nariz um humor claro e acre, que logo se condensa á medida que o entupimento se desvanece: perde o olfato, o gosto e o appetite.

§ 2.°—*Regimen que deve seguir o que se acha acommettido do defluxo.*

Deve o enfermo pôr-se de dieta, sustentando-se de leite quente, usando por bebida ordinaria cozimento de cevada em que se tenha infundido grêlos de assapeixe (camará); usará de sôpas ligeiras, caldos de gallinha, mingáos de polvilho, araruta. A cêa deve ser caldo de cangica de milho, adoçado com assucar ou mel. Evitará a carne, peixe, leite frio e azêdo, queijo, melaço, e agua fria, vinho e licôres alcoolisados. Guardará silencio e evitará o ar humido e frio; banhará os pés e as pernas em agua quente; beberá infusão de chá de flôr de sabugueiro.

O remedio mais poderoso para o defluxo, no principio, é o seguinte: toma se de raiz de capeba, raiz de assapeixe (camará) e raiz de altéha, de cada cousa uma onça, ferve-se em tres

garrafas d'agua até ficar em duas; então deite-se dentro de grêlos de assapeixe e de capeba, de cada cousa uma mão; ferva mais cinco minutos, tire do fogo e ajunte de raiz de alcaçuz uma onça, abafe, e estando morno côe e ajunte de assucar limpo duas libras, mel puro uma libra; leve ao fogo, ferva um pouco e guarde. Toma-se quatro colhéres deste xarope de manhã na cama, e á noite ao deitar-se, em uma chicara de infusão de flôres de sabugueiro ou chá da India, depois de ter banhado os pés e pernas em agua quente. Sendo menino bastão duas colhéres.

§ 3.°—*Das diversas especies de tosses.*

Sendo a tosse uma enfermidade mui conhecida, julgamos ser superfluo entrar no labyrintho de symptomas e distincções das diversas qualidades de tosse mencionadas pelo Dr. Buchan; e assim tratarei sómente dos remedios que se devem applicar, deixando as suas complicações para os medicos, que devem ser consultados.

§ 4.°—*Remedios que se devem applicar na tosse.*

Como quasi todas as especies de tosse provêm das mesmas causas que o defluxo, os remedios deste são indicados na invasão daquella; e assim o doente deve evitar o ar frio e

humido, ou quente e abafado, conservando no seu aposento uma temperatura moderadamente quente. Fará uso de bebidas diluentes, como cozimento de cevada, raiz de althéa e alcaçuz; se não transpirar, tomará, ao deitar-se, uma chicara de chá da India quente com doze gottas de tintura de aconito; se, aberta a transpiração, continuar a tosse, dar-se-ha ao doente uma chicara de cozimento de cevada quente, acima receitado e uma colhér de oximel scillitico.

Se, apezar de tudo, continuar a tosse, se dará ao enfermo duas colhéres do xarope seguinte, em uma chicara de infusão de flôres de sabugueiro: sementes de orucú, meia onça; ferva em meia garrafa d'agua (uma libra) até gastar a metade; então tire do fogo e ajunte poaia pisada duas oitavas, abafe, e estando morno côe e ajunte mel meia libra, leve ao fogo por poucos minutos, tire, deixe esfriar e guarde para o uso. Tambem modifica muito a tosse tomar-se em duas colhéres de mel quatro grãos de poaia em pó.

Evitará o doente o uso dos acidos, vinho e espiritos alcoolisados, agua fria, etc. Fará uso dos mingáos de polvilho, araruta, leite quente com pouco sal, agua morna, infusão de alcaçuz, e banhará a miudo os pés e pernas em agua quente.

Ha diversas especies de tosses symptomaticas; mas para se curar essas é preciso debellar-se a causa principal.

As mulheres pejadas costumão ser affectadas de uma especie de tosse; para cura-la bastão algumas sangrias no braço e alguns purgantes brandos e suaves, como mannâ, rosas, etc.

CAPITULO XII.

DA INFLAMMAÇÃO DO ESTOMAGO, OU GASTRITE.

Toda a inflammação das primeiras vias é perigosa e requer os soccorros mais activos e promptos, porque muitas vezes termina por suppuração, e outras por gangrena, que causa uma morte certa. Suas causas, de ordinario, são: bebida de licôres frios quando ha calma, a suppressão da transpiração, o recolher subitamente uma erupção. Póde ser tambem da acrimonia de bilis, ou de substancias acres introduzidas no estomago, de vomitorios e purgantes irritantes e demasiadamente fortes, de venenos corrosivos, etc. A gota exaltada e repercurtida, quer seja por frio que se apanhou, quer seja pelo uso de remedios contrarios, causa tambem esta inflammação. As substancias indigestas podem produzir esta doença.

§ 1.°—*Symptomas da gastrite, ou inflammação do estomago.*

A inflammação do estomago é acompanhada de uma dôr fixa e calor ardente na região do estomago, de insomnia e anxiedades. O pulso é pequeno, frequente e duro. O doente vomita,

ou pelo menos experimenta nauseas e males de coração; tem sêde excessiva, as extremidades frias e respira com difficuldade; tem suores frios caliquativos, e ás vezes convulsões e fraqueza. O estomago incha, e muitas vezes parece duro ao tacto.

Um dos symptomas caracteristicos desta enfermidade é a sensação dolorosa que o doente experimenta todas as vezes que toma alguma cousa sólida ou liquida, principalmente se a bebida ou alimentos são demasiadamente quentes ou demasiadamente frios.

Muitas vezes o estomago sente uma dór aguda e pungente, causada por flatos e affecções spasmodicas.

Esta enfermidade, quando não vem com febre, trata-se com remedios calidos e antispasmodicos; mas, quando é acompanhada de febre, dá motivos para se temer a inflammação de que aqui se trata.

Quando o enfermo vomita tudo que toma em alimentos ou bebida; quando a insomnia é rebelde e ha soluços; emfim, quando o pulso é intermittente e os accessos de fraqueza são frequentes, está o doente no maior perigo.

§ 2.º—*Regimen que se deve observar na inflammação do estomago.*

Deve-se evitar com o maior cuidado as bebidas e os alimentos calidos, acres e irritantes. A fraqueza do enfermo póde enganar neste ponto

aos que estão ao seu lado, e motiva-los a dar-lhe vinho, licôres espirituosos, ou outros cordiaes; mas estes remedios aggravão a enfermidade e muitas vezes causão uma morte subita: e assim é de summa importancia ter a maior cautela no tratamento desta doença, para evitar funestas consequencias. A vontade de vomitar póde tambem enganar e fazer applicar-se o vomitorio como necessario, o qual, neste caso, não deixa tambem de matar com menos celeridade.

Os alimentos devem ser liquidos, ligeiros e refrigerantes, como mingáos de polvilho, de mandioca, de araruta, canja de arroz acidulada com vinagre ou sumo de laranja da terra, e caldos ligeiros de frango. Estes alimentos se tomaráõ em pequena quantidade e amiudadas vezes.

Para bebidas se dará ao enfermo sôro clarificado, feito com laranja da terra, agua de cevada, agua pannada, infusão ou cozimento de plantas emollientes, como alcaçuz, raiz de malvaisco e de sapé.

§ 3.º—*Remedios que se devem administrar na inflammação do estomago.*

Se a inflammação não fôr mui intensa, se applicaráõ seis ou oito bichas na região do estomago. Em falta de bichas se applicaráõ duas ventosas sarjadas: usará das bebidas acima receitadas e clysteres emollientes, cataplasma de

farinha de mandioca ou de sementes de linhaça na boca do estomago (epigastrio).

Se a inflammação fôr intensa, se praticará logo uma sangria boa, e se prescreveráõ banhos mornos, bebidas frias em pequenas dóses e repetidas frequentemente, talhadas de laranja âzeda ou de limão para chupar, vesicatorios nos membros, agua de Seltz, poção de Rivière, laxantes, clysteres com azeite, fricções sobre o abdomen com laudano, e oleo de amendoas doces. Observar o regimen na convalescença por quinze dias.

CAPITULO XIII.

DA ENTERITES, OU INFLAMMAÇÃO DOS INTESTINOS.

Esta enfermidade é uma das mais dolorosas e perigosas a que os homens estão sujeitos, e procede das mesmas causas que a inflammação do estomago.

Podem produzi-la a constipação do ventre, as lombrigas, as frutas verdes ou irritantes, como pimentas, ananaz; as bebidas alcoolicas; emfim, tudo quanto póde irritar o canal intestinal.

§ 1.º—*Symptomas da inflammação dos intestinos.*

Os symptomas da inflammação dos intestinos são quasi os mesmos que os da inflammação do estomago.

A unica differença que ha é ser a dôr mais aguda e estar situada mais abaixo, ao redor do umbigo. O ventre se torna cerrado ou apertado, como uma especie de corda; a constipação é constante, o pulso pequeno, frequente, fundo, perdido; a sêde excessiva, e o calor muito grande.

O vomito é tambem mais violento; o doente vomita abundante materia viscosa e depois espumosa e de sabor desagradavel: a esta materia succede uma bilis acre, que corróe o esophago; emfim, ás vezes deita pela boca os escrementos, clysteres, suppositorios.

Quando as dôres mudão de lugar, quando os vomitos apparecm por intervallos e os clysteres sahem pela via inferior, deve fazer-se um bom presagio desta enfermidade. Mas, se o doente vomita os clysteres e as materias fecaes; se se acha excessivamente fraco; se tem o pulso pequeno e tremulo; se está pallido e abatido; se o bafo tem cheiro desagradavel e fétido, ha fundamento para temer que a doença tenha fim funesto.

§ 2.°—*Regimen que se deve observar nesta doença.*

O regimen que se deve observar é o mesmo que se receitou acima para a inflammação do estomago. É necessario que o doente esteja tranquillo, evitar-lhe o frio, e arreda-lo de tudo o que póde excitar as paixões da alma.

Os alimentos serão muito ligeiros e dados em pequena quantidade. A bebida será diluente, como o sôro clarificado, a agua de cevada e de raiz de sapé.

§ 3.º — *Remedios que se devem administrar na inflammação do ventre inferior.*

A primeira cousa que se deve fazer nesta doença é a sangria no braço; depois deve-se applicar oito ou dez bichas no baixo-ventre, principiando do estomago para baixo; e se repetiráõ estas sangrias se continuar a violencia dos symptomas. Ao mesmo tempo se applicaráõ fomentações e clysteres laxantes; fará uso das bebidas gommosas ou acidulas frias, como o cozimento de arroz, de cevada, de malva e de herva de coelho. Banhará o enfermo as mãos e os pés em agua morna; applicará cataplasmas de farinha de linhaça e de mandioca no ventre, mas não deixará esfriar de todo. A sangria só terá lugar no principio. Se a enfermidade não ceder aos clysteres, nem ás fomentações, se applicará um vesicatorio sobre o lugar onde a dôr é mais sensivel, e dará ao doente, de hora em hora uma chicara do seguinte cozimento: raiz de althéa, duas onças; ferva em duas garrafas de agua até ficar em uma, côe e deite dentro sal de Glauber duas onças. Além disto se fomentará o ventre do enfermo amiudadas vezes com oleo de amendoas doces. Assentar-se-ha o enfermo em banhos mornos de vassourinha.

Se os vomitos não cessarem, se dará ao enfermo quatro colhéres de mistura salina simples, de hora em hora. Chupará talhadas de limão, e de laranja azeda, clysteres de polvilho de mandioca com laudano liquido. Tudo o mais como na inflammação do estomago.

§ 4.°—*Da prisão do ventre, a que os medicos chamão constipação.*

É a prisão do ventre uma enfermidade mui commum nos pretos, e comquanto se pareça alguma cousa com a interites, não tem as consequencias desta enfermidade; e assim, quando um preto se queixar que lhe dóe a barriga, que não póde evacuar, se lhe dará o clyster seguinte: Apanharáõ um cacho de mamona branca, que esteja com principios de oleo, ainda verde, e se pisará em um pilão; do seu succo, com agua morna e uma colhér de sal, se dará ao enfermo. Se com isto não melhorar se dará ao doente o clyster seguinte: Fumo curado, duas oitavas, ferva com duas onças de rapadura ou assucar mascavo, dissolvida a rapadura, tire do fogo, côe e deite dentro de sabão de barba ou medicinal, meia onça; azeite de mamona, duas colhéres; tartaro emetico nove grãos (peso de dous grãos de feijão); vascoleje bem, e tome-se morno. Se não evacuar com este clyster, repita-se outro, e dê-se ao enfermo, de hora em hora, uma chicara da agua seguinte: Tartaro emetico, dous grãos;

agua, uma garrafa. O enfermo, emquanto beber a agua tartarisada e tres dias depois, não beberá agua fria e estará agasalhado em quarto fechado.

CAPITULO XIV.

DA DIARRHÉA.

A diarrhéa é uma evacuação, por camaras, de materias liquidas, e de natureza differente. Divide-se em essencial, critica e symptomatica.

§ 1.º—*Symptomas da diarrhéa.*

A diarrhéa é de ordinario acompanhada de fastio, borborygmos (nos intestinos, roncos no ventre), dôres ligeiras de entranhas, vontade frequente de evacuar, ás vezes puxos (tenesmos), inchação do ventre, dôres tormentosas, caimbra nas pernas; quando a enfermidade é prolongada, fraqueza, etc.; as ourinas são carregadas, vermelhas e em pouca quantidade. Emfim, quando não se faz caso della, ou é maltratada, toma todos os caracteres da dysenteria, da qual já não póde distinguir-se.

Mas quando a diarrhéa é espontanea e não é contrariada pelos remedios, não é mais perigosa que a soltura do ventre, e deve considerar-se na maior parte das circumstancias

mais como uma evacuação saudavel, do que como enfermidade, e assim não se deve atalhar logo, menos que não tenha continuado algum tempo, e não enfraqueça o doente.

§ 2.º — *Tratamento da diarrhéa causada pelo frio, ou suppressão da transpiração.*

Quando a diarrhéa é causada pela suppressão da transpiração, deve o doente conservar-se abrigado, beber com abundancia alguma tisana diluente, banhar os pés e as mãos em agua quente, tomar banhos de agua morna que cubra o ventre, tres vezes no dia, longe da comida; usar de lã sobre a pelle, friccionar todos os dias a pelle com luvas de lã. Sendo a diarrhéa causada por superabundancia de humores, é o vomitorio de poaia o remedio mais appropriado; dá-se ao enfermo desoito grãos de poaia em pó, passados dous dias dar-se-ha ao doente meia oitava de rhuibarbo e se repetirá este remedio se a diarrhéa continuar. Fará uso o enfermo de mingáos de polvilho (gomma), e beberá solução de gomma arabica por bebida ordinaria. A sua comida será mandioca aipim, marmelos, maçãs cozidas, sôpas de pão e de biscoutos de polvilho, de mandioca e de araruta, e evitará a comida de carne, peixe, emfim, de toda substancia animal. Se, apezar de tudo, continuar a diarrhéa, dar-se-ha ao doente decocção branca de Sydenham da *Guia Medica de Chernoviz*, e

do cozimento de toda cerralha, com oito gottas de laudano liquido para cada chicara.

CAPITULO XV.

DA DYSENTERIA.

Causas da dysenteria.

Póde causar esta enfermidade tudo quanto póde tolher a transpiração ou corromper os humores; taes são as camas humidas, os vestidos molhados, os alimentos e o ar doentio; porém, as mais das vezes, é effeito do contagio. Convém, portanto, não frequentar as pessoas acommettidos desta enfermidade, pois só o cheiro dos excrementos do enfermo tem causado esta enfermidade.

§ 1.°—*Symptomas da dysenteria.*

Esta doença se annuncia por um fluxo de ventre, acompanhado de dôres violentas nos intestinos, e ás vezes de calor e ardor nas entranhas, por vontades continuas de evacuar, e por algum sangue mais ou menos nas camaras. Começa, assim como as demais febres, com um calefrio, prostração de forças, pulso vivo, sêde ardente, e vontade de vomitar. A lingua se põe sêcca, babosa e gretada; formão-se aphtas na boca. Sobrevem ás vezes vomitos, e ás vezes tambem a pelle se cobre de

manchas purpureas, e outros symptomas de que fizemos menção na febre pôdre.

As camaras são a principio oleosas e espumosas, e em breve apparecem com laivos de sangue, e depois assemelhão-se a sangue puro, misturado de uns fios miudos, que parecem raspaduras de carne. Quando evacúa sente um peso no anus como se todos os intestinos quizessem sahir. A dysenteria é de ordinario fatal nos velhos, nas pessoas delicadas, e nas em que a gotta ou o escorbuto tem atenuado as forças.

O vomito e os soluços são máos symptomas, porque annuncião inflammação do estomago. Quando as camaras tem um cheiro excessivamente fétido, ou são verdes, negras, são muito máo presagio, porque dão indicio de enfermidade do genero pôdre.

§ 2.°—*Regimen que se deve receitar aos que se achão acommettidos da dysenteria.*

Convem muito o asseio nesta enfermidade. Os excrementos se devem tirar logo da camara do doente e enterra-los profundamente. Deve-se fazer circular um ar fresco no aposento, borrifar-se o quarto do doente com vinagre e agua de Labarraque.

Importa muito animar o doente e torna-lo tranquillo. Nesta doença é mui necessaria uma rigorosa dieta, e assim deve abster-se de carne, peixe e de toda substancia ânimal;

comerá maçãs cozidas, panadas, mandioca, aipim cozido, assado, em mingáos; mingáos de polvilho, de mandioca, de araruta; beberá cozimento de cevada, agua de arroz, acidulados com umas gottas de sumo de limão. Trará o ventre agazalhado com uma baeta, e friccionará o corpo duas vezes no dia.

§ 3.º—*Remedios que se devem administrar aos que são acommettidos da dysenteria.*

Primeiro que tudo se dará ao enfermo um purgante de sal de Glauber; passados tres dias se dará ao doente desoito, vinte e vinte e quatro grãos de poaia em pó, conforme o indicarem as forças do enfermo; no dia seguinte do vomitorio tomará meia oitava de rhuibarbo em pó, e esta dóse se repetirá de dous em dous dias. Depois disso tomará tres vezes por dia quatro grãos de poaia em uma colhér de xarope de dormideiras. Não cedendo a enfermidade a estes remedios, dar-se-ha ao doente uma chicara do seguinte cozimento tres vezes no dia: Arroz branco pilado, duas onças; cascas de côco da Bahia, meia onça; cascas de romã e de gomma arabica, duas oitavas; ferva em duas garrafas de agua até ficar em uma, tire do fogo, côe, e toma-se uma chicara adoçada com uma colhér de xarope de dormideiras. Dar-se-ha ao doente, duas vezes no dia, um clyster feito de sementes de linhaça e ortelã do matto, em que se ajuntará, na hora

de tomar, trinta gottas de laudano liquido. Se este remedio não produzir effeito, dar-se-ha ao enfermo meia onça de confeição japonica e sobre ella beberá uma chicara de cozimento de pão campeche. Além disto tomará tres vezes ao dia um calix da agua seguinte : Caparrosa uma oitava ; agua, uma garrafa ou duas, etc.

CAPITULO XVI.

DA COLICA E SUAS ESPECIES.

A colica tem grande relação com a inflammação do estomago e intestinos, tanto nos symptomas, como na cura. Geralmente fallando, é a colica acompanhada de constipação e dôres agudas nos intestinos, e requerem um regimen diluente, evacuações, fomentações, etc. Divide-se ou denomina-se a colica flatulenta, biliosa, histerica e nervosa, conforme as causas de que procedem.

§ 1.°—*Causas e symptomas da colica flatulenta ou ventosa.*

A colica ventosa procede de flatos ou ventosidades, que distendem os intestinos e é muitas vezes complicada com a colica nervosa, de que se tratará adiante.

Procede de materias viscosas e tenazes, que encerrão muito ar, que o calor desprende. A colica ventosa tem a sua séde no estomago

ou nos intestinos. É acompanhada de uma tensão dolorosa na parte enferma. O doente sente borborygmos (roncos) no ventre. O ar, que se dilata cada vez mais, incha os intestinos, distende as suas paredes além do tom ordinario que lhes é proprio, e as põe em uma atonia. Esta flatulencia é sensivel, principalmente no hypochondrio esquerdo, que se percebe quando se dá attenção a isso, inchando o intestino colon ; o ventre põe-se inflammado, duro e sôa como um tambor. Ás vezes avulta de uma maneira que qualquer julgaria ser impossivel resistir elle á distensão, o que é a causa da difficuldade de respirar, que muitas vezes acompanha esta especie de colica. Acha-se o enfermo muitas vezes alliviado depois de ter lançado algumas ventosidades, quer pela via superior quer inferior. A dôr raras vezes é fixa. Os flatos correm de um para outro intestino, até que por fim vem a sahir. Quando se aperta o ventre não fica doloroso como na inflammação dos intestinos. Esta enfermidade é tambem acompanhada de bocejos, nauseas, cardialgia e constipação. A distensão dos vasos é as vezes tão consideravel que fórça o umbigo e nelle se fórma uma hernia ou rotura. Quando as dôres são nos intestinos menores e affectão o duodeno e o colon, é difficultoso distinguir esta colica da cardialgia.

§ 2.°—*Tratamento da colica ventosa.*

Quando esta enfermidade procede de licores flatulentos, frutas verdes, vegetaes azedos, etc., o melhor remedio, logo ás primeiras apparencias dos symptomas, é beber uma oitava de agua espirituosa de canella em uma chicara de infusão de herva doce; se isto não produzir effeito, dar-se-ha ao doente, uma hora depois, trinta gottas de licor anodino (ether sulfurico alcoolisado), em uma chicara de agua morna. Deve o enfermo ter os pés quentes, banhando-os em agua quente varias vezes no dia. Convem friccionar o ventre e o estomago com a mão, ou pannos quentes, varias vezes no dia, e pôr no ventre pannos molhados em agua quente. Esta especie de colica é a unica em que se póde aventurar o uso dos espiritos, dos aromas e outros remedios calidos; mas isto só convem no principio, e antes de manifestar symptomas de inflammação. Mas quando as dôres existem ha tempo consideravel e ha motivo para receiar que haja principio de inflammação nos intestinos, é necessario fugir de todos os remedios calidos como de outros tantos venenos. Deve então o enfermo ser tratado como se tivera verdadeira inflammação dos intestinos, de que fallámos no Capitulo XIII.

Entretanto não se deve descuidar dos clysteres de azeite de mamona, agua morna e sabão medicinal, e pôr sobre o ventre folhas de fumo verde com azeite de mamona.

§ 3.º—*Symptomas da colica biliosa.*

Esta colica é acompanhada de uma dôr muito aguda pela região umbilical. O enfermo experimenta uma sêde ardente : acha-se ordinariamente constipado, muito menos, porém, do que na inflammação do ventre inferior. O pulso é frequente, as mais das vezes pequeno, sem ser duro ou tenso : o doente tem seus atardoamentos e a voz rouca. Vomita bilis amarella, ardente e amargosa. Depois deste vomito parece o enfermo alliviado, mas brevemente voltão as dôres com a mesma violencia que d'antes. Á medida que a enfermidade faz progressos augmenta a disposição para o vomito, e ás vezes por tal maneira, que este se torna continuo, e o movimento dos intestinos está tão mudado, que se reconhecem os symptomas da inflammação do ventre inferior, de que fallámos no Capitulo XIII, § 1.º

Esta enfermidade manifesta-se tambem por amargor de boca e calor ardente de entranhas. As dôres ora são fixas, ora vagas, ora correspondem ao umbigo, ora ás costas e ora ao estomago, segundo a parte dos intestinos que se acha affecta. A maior parte dos enfermos se queixa de uma dôr semelhante á que poderia excitar uma corda que os apertasse. As ourinas são densas, avermelhadas, e correm em pouca quantidade : a estes symptomas succede ás vezes a ictericia.

§ 4.°—*Tratamento da colica biliosa.*

Se o enfermo é moço e forte, se tem o pulso cheio e frequente, é necessario sangra-lo; depois disto ministrar-se-lhe clysteres. Tomará no dia seguinte um purgante composto de uma onça de sal de Glauber e uma de manná. Beberá com abundancia sôro clarificado ou agua de cevada e cremor. Tambem se lhe dará a beber cozimento de tamarindos. Dar-se-lhe-ha clysteres de linhaça, azeite e sabão medicinal, quanto chegue para ligar o cozimento de linhaça com o azeite. Além do que fica receitado, se fomentará o ventre do enfermo com pannos molhados em agua quente: e quando estes meios não fação effeito, convem metter o doente em um banho quente até o peito.

As fricções que recommendámos no § 3° do Capitulo XIII, convem tambem nesta enfermidade. Em toda colica muitas vezes o vomito é custoso de se atalhar. Convem então dar ao enfermo quatro colheres de mistura salina simples em uma chicara de infusão de ortelã de hora em hora até atalhar o vomito. Quando não ceda á mistura salina, dar-se-ha ao doente vinte gottas de laudano liquido em uma chicara de infusão de folhas de larangeira e herva cidreira.

§ 5.°—*Da colica histerica.*

A colica histerica é uma enfermidade particular das mulheres. Repete por intervallos e

sem causa evidente. Ataca as mulheres de constituição laxa, de temperamento phlegmatico; áquellas que tem experimentado já algum accesso de vapores, e que se achão debilitadas por causa de partos laboriosos.

§ 6.°—*Symptomas da colica histerica.*

A colica histerica tem muita semelhança com a colica biliosa. É acompanhada de dôres agudas na região do estomago, de vomitos etc., mas o que a enferma vomita nesta enfermidade é de côr esverdeada.

Acha-se a enferma em um grande abatimento e desalento assignalado: respira com muita difficuldade. As suas camaras são esverdeadas, as dôres não são fixas, mas ora em uma, ora em outra parte do ventre.

Ás vezes cessão estas dôres por espaço de quinze dias ou tres semanas, e repetem-se com maior furor. Estes são os symptomas que caracterisão particularmente esta enfermidade, que, ás vezes, é acompanhada de ictericia, mas geralmente esta ictericia desapparece por si mesma em poucos dias. A menor paixão, o exercicio immoderado são capazes de reproduzir esta colica depois de desvanecida.

§ 7.°—*Tratamento da colica histerica.*

Nesta colica deve-se evitar tudo quanto tende a debilitar a enferma. Comtudo, se o vomito

fôr consideravel, dar-se-lhe-ha agua morna, ou congonha para limpar o estomago. Convem dar-lhe depois quinze gottas de laudano liquido em um cópo de agua de canella, o que se repetirá de doze em doze horas, até que se moderem os symptomas. Póde-se administrar á enferma de seis em seis horas quatro pilulas fétidas (de assafétida), e sobre ellas uma chicara de infusão de artemisa.

§ 8.º—*Symptomas da colica nervosa.*

Annuncia-se esta colica com dôres vagas no ventre, inquietações e sobresaltos convulsivos. A constipação do ventre, as dôres do estomago, o vomito, a côr pallida do rosto acompanhão tambem este periodo. Os enfermos tem a cabeça pesada e dorida, os olhos desvairados, e ás vezes perdem o uso da razão.

Augmenta-se-lhe a dôr do ventre e se fixa pelo umbigo, que se entranha mais do ordinario. Estas dôres são muitas vezes tão activas que os doentes se revolvem pela cama em altos gritos, e então parece que uma violenta compressão diminue os seus males. Nesta época as ourinas e os excrementos se achão retidos, o anus parece remontado e cerrado spasmodicamente. Sobrevem tambem convulsões, a perda da vista e da voz, e até ás vezes accessos epilepticos.

Em todo este tempo o pulso é ondulante e quasi natural. Se os doentes não são logo

soccoridos, as extremidades superiores se poem logo paralyticas, os dedos torcidos, e estes accidentes secundarios parecem a crise da enfermidade.

Outras vezes, quando o mal vai a peior, morrem os doentes entre dôres horriveis. Esta colica causa dôres mais violentas que todas as outras enfermidades dos intestinos, e muitas vezes dura longo tempo.

§ 9.°—*Tratamento da colica nervosa.*

O tratamento geral desta enfermidade é tão semelhante ao da inflammação dos intestinos, que parece escusado insistir mais neste ponto; e assim vejão-se os §§ 2° e 3° do Capitulo XIII, e observe-se o que nelles está determinado. É necessario laxar o ventre com purgantessuaves, dados em pequenas dóses, e repetidos a miudo; ajudar a acção destes purgantes com clysteres oleosos, fomentações, etc. O oleo de castor passa por um remedio muito proprio nesta enfermidade. Dá-se ás colhéres até duas ou tres onças; em clysteres até cinco ou seis onças. E quando não melhore o enfermo, veja-se o *Formulario de Chernoviz*, no artigo Colica nervosa, e siga-se o seu receituario.

Advertencia. — Em todas as enfermidades dos intestinos, colicas, e do estomago, é mui necessario estar o doente tranquillo, banhar os pés em agua quente muitas vezes no dia, e

fomentar o estomago e o ventre em pannos molhados em agua quente, tomar tres vezes no dia clysteres emollientes, feitos de cozimento de linhaça, azeite e sabonete, para unir o azeite com a agua do cozimento.

CAPITULO XVII.

DA NEPHRITES OU COLICA NEPHRETICA, E DA INFLAMMAÇÃO DA BEXIGA

Divide-se a nephrites em legitima, que é a inflammação dos rins, e a calculosa, que é a colica nephritica.

§ 1.º — *Symptomas da inflammação dos rins e da colica nephritica.*

Sente o enfermo uma dôr aguda nas costas e na região dos rins (cadeiras). Tem febre, entorpecimento, dôr surda na coxa do lado affecto. A ourina é ao principio clara, depois se torna vermelha; mas na maior força da enfermidade é pallida; sahe com difficuldade, ardor, e em pequena quantidade de cada vez. Padece muito o doente quando quer andar ou estar direito: deita-se mais facilmente sobre o lado affecto, do que sobre o outro; tem vontade de vomitar, e até vomita como na colica biliosa. Estas enfermidades differem da colica biliosa em ter a dôr o seu assento mais para trás, e haver difficuldade

de ourinar: symptomas constantes na inflammação dos rins, e que são raros na colica biliosa. Estes são os symptomas caracteristicos da inflammação dos rins propriamente dita, e da colica nephritica. A nephrites legitima, ou inflammação dos rins, começa pela febre; e esta febre não é effeito da dôr que causa uma pedra, como na colica nephritica. Não é acompanhada de entorpecimento nas pernas, e de retracção nos testiculos, symptomas da colica nephritica. Além disto a febre é, ora forte e ardente, ora mediocre, com um pouco de dureza no pulso. Em um dos rins, ou em ambos, ao mesmo tempo sente o enfermo dôr aggravante, que corresponde á terceira costella. A estes symptomas se ajuntão as anciedades, a insomnia, as nauseas e o vomito: arroja primeiro o que tem no estomago, e depois a bilis; cerra-se o ventre; a ourina é de uma côr avermelhada, inflammada, ás vezes sangrenta, e ás vezes tambem cessa de correr na força da enfermidade.

A nephrites calculosa, ou colica nephritica se distingue da nephrites legitima: 1°, por uma dôr mais aguda procedida de alguma pedra, que se tem posto em movimento, por exercicio violento: esta dôr é aggravante por intervallos, e repete mais obstinadamente; 2°, pela côr da ourina, que é sangrenta, mucosa, e ás vezes areente; 3°, pelo entorpecimento da perna do mesmo lado; 4°, pela retracção dos testi-

culos, e de uma dôr pelo transito da uretra; 5°, pelo vomito, que repete a cada ataque.

Este ataque dura muitas horas, ás vezes um e dous dias seguidos, e o fim se annuncia por um corrimento de ourina ou pela sahida de arêas ou pedras.

§ 2.° — *Regimen que deve observar o enfermo na inflammação dos rins.*

Evitará todo alimento de natureza calida, e irritante. Fará uso de cozimento de linhaça, cevada, raiz de althéa, e sôro clarificado, talhado com cremor de tartaro.

Deve o enfermo, não obstante o vomito, usar de hora em hora uma chicara destas bebidas diluentes; e para atalhar o vomito tomará em cada chicara destes liquidos duas colhéres de mistura salina. No caso que o estomago não supporte uma chicara de liquido, tomará meia chicara com as duas colhéres de mistura salina. Fará uso de mingáos de polvilho (gomma), araruta, etc.

§ 3.° — *Remedios que se devem receitar na inflammação dos rins.*

O enfermo será logo sangrado e se applicarão bichas ou ventosas sarjadas na região dos rins; e depois cataplasmas emollientes, banhos mornos prolongados de folhas de vassoura. Beberá cozimento de althéa adoçado com xarope diacodio; cozimento de linhaça, com uma oi-

lava de sal de Glauber para cada chicara; cozimento de tamarindos, em abundancia, mas uma chicara de cada vez. Finalmente fará uso das pilulas seguintes: Tridaceo, uma oitava; extracto de alcaçuz, quanto baste; faça pilulas numero vinte e quatro. Toma-se uma de quatro em quatro horas.

§ 4.º—*Da inflammação da bexiga. Seus symptomas.*

A inflammação da bexiga se manifesta por uma dôr aguda na parte inferior do ventre; difficuldade de ourinar, acompanhada de alguma febre; de vontade de evacuar e ourinar.

Esta enfermidade é caracterisada por um tumor oval na bacia, o qual é doloroso, e a dôr augmenta quando se apalpa o ventre: sobrevem logo a dysuria, escuria e uma febre continua, que são seguidas de insomnia, sêde, e delirio. As extremidades se poem frias: acha-se o enfermo obstinadamente constipado; e o tumor é mais duro quando a ourina se acha parada na bexiga.

§ 5.º—*Tratamento da inflammação da bexiga.*

Para se curar esta enfermidade é necessario seguir o mesmo regimen e tratamento da inflammação dos rins. A dieta deve ser ligeira e pouco nutriente; e a bebida refrigerante e diluente.

A sangria é muito necessaria no principio desta enfermidade; e nas pessoas robustas se deve repetir, e applicar-se bichas sobre a região da bexiga. Logo depois se deitarão pannos embebidos em oleo de linhaça, que cubrão toda a extensão da bexiga. Tomará o enfermo clysteres emollientes de tres em tres horas, longe da comida, e logo depois dos clysteres se fomentará o ventre com oleo de amendoas doces, ou azeite doce; além disto tomará tres vezes por dia banhos mornos feitos de folhas da vassoura. Deve abster-se de toda substancia calida e irritante, e de calor excessivo. Emfim, tudo mais como no tratamento da inflammação dos rins.

CAPITULO XVIII.

DA INFLAMMAÇÃO DO FIGADO, OU HEPATITES.

§ 1.° — *Symptomas da inflammação do figado.*

Esta enfermidade se manifesta por uma tensão dolorosa do lado direito debaixo das ultimas costellas, acompanhada de alguma febre, de certa sensação de peso, ou enchimento nesta parte, difficuldade de respirar, fastio, sêde ardente, côr pallida, ou amarellenta na pelle e olhos. Os symptomas varião nesta enfermidade segundo o gráo de inflammação; e ainda

mesmo conforme a parte do figado que se acha inflammada. Ás vezes a dôr é tão ligeira que nem ao menos ha suspeita de inflammação.

Mas, quando succede ser acommettida a parte superior, ou convexa do figado, a dôr é então mais aguda, o pulso mais apressado, e o enfermo se vê muitas vezes atormentado de uma tosse secca, e de soluços; e a dôr se estende até a furcula, espadua e costas. O doente não póde deitar-se do lado esquerdo. Differe esta enfermidade do pleuriz em ser a dôr menos viva, não ter escarros de sangue, estar a dôr situada debaixo das ultimas costellas, não ser o pulso tão duro, e experimentar o doente difficuldade em deitar-se do lado opposto ao assento da inflammação. Distingue-se das affecções histericas, e hypocondriacos pelo grão de febre de que sempre é acompanhada. Distingue-se principalmente pela côr pallida e esverdeada dos enfermos acommettidos desta enfermidade; côr que não se descobre nas outras enfermidades, de que acabamos de fallar. Por este signal é que se distingue, e principalmente a inflammação do figado da inflammação da pleura, e dos musculos do abdomen.

Esta enfermidade, sendo tratada como convem, raras vezes é mortal. Os symptomas perigosos são em geral um soluço continuo, febre excessiva, sêde ardente, vomito de materia negra, delirio, desfallecimento, suores

frios. Quando degenera em scirrho, póde o doente viver muitos annos, tendo bom regimen.

§ 2.° — *Regimen que se deve receitar na inflammação do figado.*

Deve o doente abster-se de alimentos irritantes, e bebidas espirituosas. Fará uso de cozimento de cevada acidulado com cremor de tartaro, e canja de arroz com vinagre. Sustentar-se-ha de alimentos temperantes, como arroz, mingáos de araruta, de gomma, sôrdas de biscoutos de polvilho, ou de araruta, frangos, etc., conservará o doente o seu espirito tranquillo.

§ 3.° — *Remedios que se deve administrar na inflammação do figado.*

O primeiro meio de que se deve lançar mão nesta enfermidade é sangrar-se o doente no braço direito, depois pôr-se no lugar da dôr, de oito a doze bixas, conforme o pedir a intensidade da inflammação, em falta das bixas se assentaráõ duas ventosas sarjadas. Depois se dará ao doente, de manhã, e á noite uma das seguintes pilulas: R. Ruibarbo, sabão medicinal e gomma ammoniaco, aná dous grãos; calomelanos, um grão; faça pilula n. 1, e como esta, 32. Beberá o doente sobre estas pilulas uma chicara de cozimento de raiz de sapê, ou de gramma miuda, morno, e ficará

fechado em quarto agazalhado. Comerá arroz, gallinha, sôrda de rosca, ou biscoutos de polvilho (gomma) ou de araruta, e seus mingáos (papas). Não beberá agoa fria. No uso das pilulas não beberá outro cozimento senão o que está receitado. Se continuar a dôr, e houver dureza no figado, se assentará um vesicatorio sobre a inflammação, e se conservará a sua purgação por oito dias. As pessoas que tiverem sido acommettidas da inflammação do figado evitaráõ de molhar-se em agoa fria, de trazer a roupa humida, bebidas espirituosas, e comidas estimulantes; e conservaráõ o ventre livre.

§ 4.° — *Da inflammação do baço; esplenites.*

Seus symptomas: — conhece-se esta enfermidade pela inflammação do lado esquerdo, abaixo da costella mendinha, acompanhada de dôr mais ou menos intensa. Cura-se esta enfermidade com os mesmos remedios da inflammação do figado, observando-se o mesmo tratamento; vesicatorio no lugar affectado, e uso do cozimento seguinte, por um mez: R. Lascas de raiz de almeirão, meia onça; dita de salsa hortense, duas oitavas; cremor de tartaro meia onça; ferva em duas garrafas de agua até ficar em uma; tire do fogo e deite dentro duas oitavas de ruibarbo; estando morno côe e guarde. Toma-se uma chicara tres vezes por dia com longo intervallo da comida.

CAPITULO XIX.

DA ICTERICIA.

Esta enfermidade se conhece ao principio pelo branco dos olhos, que insensivelmente se torna amarello. Vê-se depois toda pelle tomar esta côr; as ourinas tomão a côr de açafrão e tingem de amarello um trapo de linho, ou mesmo de algodão. Ha outra especie de ictericia, a que chamão ictericia preta; mas nesta especie a côr do enfermo tira a azul, verde, livido, escuro, ou chumbado. Os olhos tomão então uma côr amarella mais carregada, e as ourinas uma côr de café. Demais disto a ictericia ordinaria toma este caracter quando a bilis esverdinhada degenera e contrae uma especie de podridão. Não se deve, porém, tomar por ictericia certas manchas escorbuticas que alguns individuos têm no rosto, e muito menos a côr chumbada que têm os melancholicos.

§ 1.º — *Symptomas da ictericia.*

Queixa-se o enfermo, no principio, de um cansaço consideravel, e tem repugnancia a toda especie de exercicio: tem a pelle secca, sente uma especie de comichão, ou dôr semelhante á de picadas de alfinetes por todo corpo. As camaras são esbranquiçadas, as ourinas amarellas, e a respiração difficultosa;

e o enfermo se queixa de um peso extraordinario sobre o peito. Sente calor nas ventas, um sabor amargo na boca, fastio dos alimentos, debilidade no estomago: vomita, lança ventuosidades, e quantos objectos vê todos se lhe representão amarellos. O pulso é debil, lento, e ás vezes febril. A saliva, e o suor dos ictericos são amarellos, assim como as unhas. Se o doente é moço, e não ha complicação de outra enfermidade, raras vezes a doença é perigosa; mas de ordinario é fatal nos velhos, nos quaes dura longo tempo, tem frequentes repetições, e é acompanhada de hydropisia ou hypochondria. A ictericia preta é mais perigosa que o simplesmente amarella. A ictericia ordinaria inveterada degenera em ictericia preta, que é ordinariamente funesta, principalmente nos velhos; por isso se deve logo tratar. A ictericia que sobrevem nas febres agudas antes do setimo dia, é de máo agouro; depois deste termo é de ordinario critica nestas mesmas doenças. A que é procedida de cholera, vomitorios ou purgantes, dura pouco tempo. O parto põe fim á que procede de prenhez: mas quando a ictericia não tem causa evidente, é mais rebelde, principalmente sendo o enfermo escorbutico.

A tensão do ventre, a timpantis, o vomito e dejecções purulentas; a oppressão do peito, os desmaios, a consumpção, e a hydropisia, são signaes de morte. As ourinas turvas e carregadas são melhores que as claras.

2.° — *Regimen que se deve receitar aos que tem ictericia.*

A dieta do icterico deve ser ligeira, refrigerante, e diluente. Alimentar-se-ha de frutas maduras e vegetaes temperantes, como maçãs, e marmellos assados, ou cozidos, espinafres, labaça, chicoria e almeirão cozidos; caldo de frango com rosca secca, ou biscoutos de polvilho de mandioca, ou araruta. A bebida será leite de manteiga, sôro talhado com cremor de tartaro e adoçado com mel, cozimento de fragaria, e gramma miuda com cremor, e raiz de sapê. Fará o enfermo o exercicio que puder a pé ou a cavallo.

§ 3.°— *Remedios que se devem receitar para os ictericos.*

Tomará o doente tres vezes ao dia uma chicara do cozimento seguinte, morno: cascas de raiz de almeirão, e raiz de picão, de cada cousa meia onça; cremor de tartaro e cascas de raiz de salsa hortense, de cada cousa duas oitavas; ferva em duas garrafas de agoa até ficar em uma, tire do fogo, e deite dentro duas oitavas de ruibarbo; abafe, e estando morno côe e guarde: acabada uma garrafa faz-se outra, e continua-se até sarar. Se com este cozimento, repetido quatro vezes, não sarar, tomará das pilulas seguintes, tres cada vez, com longo intervallo da comida, e tres vezes

por dia, e são: Ruibarbo em pó, sabão medicinal, bicarbonato de sóda, de cada cousa, duas oitavas; aloes em pó, uma oitava; faça pilulas n.80; tomará até acabar, bebendo em cima uma chicara de cozimento de raiz de sapê e picão.

Tambem tem curado a ictericia usando por quinze dias de tartaro soluvel (tartrato de potassa); toma-se uma oitava deste sal em uma chicara grande de cozimento de fragaria,ou raiz de gramma miuda. É muito util friccionar com uma baeta o ventre e as costas dos doentes de ictericia e de inflammação chronica do figado e baço.

A ictericia dos meninos recemnascidos cura-se com xarope de chicoria, composto com ruibarbo, dando-se de uma a duas colherinhas de chá em agua morna.

CAPITULO XX.

DO RHEUMATISMO INFLAMMATORIO.

Chamão ordinariamente rheumatismo gotoso ao rheumatismo inflammatorio. Esta doença tem grande afinidade com a gota. O seu assento é ordinariamente nas juntas dos membros, principalmente nos dedos, acompanhado de dôres excessivas.

§ 1.° *Symptomas do rheumatismo inflammatorio.*

Começa de ordinario o rheumatismo agudo ou inflammatorio pelos symptomas communs

das febres. Taes são os cansaços, calefrios, pulso accelerado, insomnia, sede, e muitas vezes desarranjos do estomago.

Queixa-se depois disso o enfermo de dôres vagas, que se augmentão ao menor movimento. Estas dôres se fixão nos membros que muitas vezes inchão, e se inflammão. Quando se sangra o enfermo tem o sangue, de ordinario, o caracter inflammatorio, que se observa no pleuriz, e é cutaneo.

A febre que acompanha o rheumatismo agudo é ordinariamente renitente, e as suas reduplicações são como as da diarrhéa. O caracter essencial desta doença são umas dôres insoffriveis nas articulações moveis. Estas dôres começão pelos joelhos, e nelles se fixão um dia ou dous, pouco mais ou menos. Depois disso affectão successivamente as differentes articulações dos membros, de ordinario muitas a um tempo; ás vezes uma só ou duas, e tornão a repetir a miudo nas articulações, que antes tinhão acommettido e abandonado. Estas dôres violentas, fazem os enfermos darem ás vezes espantosos gritos á menor apparencia de se lhes querer tocar. Tem as suas alternativas de augmento e remissões, correspondentes ás das febres. São ordinariamente acompanhadas de uma inchação consideravel dos punhos e joelhos. O rheumatismo agudo parece estranho na velhice e na infancia. Este rheumatismo toma differentes nomes, segundo o lugar

que occupa; e assim chama-se torticolis quando acommette os musculos do pescoço, lumbago se vem nos lombos; e sciatica quando se fixa no quadril e nas coxas. Tambem costuma atacar o coração e nas partes vizinhas quando é curado com topicos, sem o uso dos remedios internos. Note-se que as dôres do lumbago, ou rheumatismo dos lombos são muito vivas, e ás vezes o tomão por uma colica nephritica; mas lumbago nunca vem com vomito.

Raras vezes o rheumatismo é perigoso, quando é bem tratado, e não se dá lugar, por via dos topicos, a transportar-se a materia morbifica para as visceras e principalmente para o cerebro e bofes, d'onde resultão accidentes funestos.

O rheumatismo agudo universal se termina as mais das vezes em suores, e algumas em uma erupção de pelle. Em alguns destes rheumatismos, se faz uma evacuação critica pelas ourinas, menstruo, fluxo hemorrhoidal, etc.

O rheumatismo local, quer o torticolis, quer o lumbago, ou sciatica é ordinariamente mais rebelde do que o rheumatismo universal.

§ 2.° — *Tratamento do rheumatismo inflammatorio.*

O primeiro passo que se deve dar na cura desta enfermidade é sangrar-se o doente, depois applicar-se sanguexugas ás partes affectadas, e cataplasmas de linhaça ou de farinha de mandioca em falta da semente de linhaça, com

laudano liquido para suavisar as dôres. Tomará depois sôro talhado com cremor de tartaro, e purificado com clara de ovo; em cada dóse deste sôro se ajuntará nove grãos de nitro; passados quinze dias do uso do sôro será purgado com agua laxativa viennense; mas se com isto não se achar melhor tomará a poção contra-estimulante de Laennec, da guia medica de Chernoviz, dando-se na fórma por elle prescripta. Se, apezar do uso destes medicamentos, o enfermo ainda sentir dôres, se fará uso do seguinte: Rosas rubras e flôres de sabugueiro de cada cousa meia onça, páo sassafraz tirado em pequenas lascas, duas oitavas; deite uma garrafa de agoa fervendo em uma vasilha de louça, e abafe; e estando morno côe e guarde; toma-se uma chicara grande tres vezes no dia, com dez gottas de laudano liquido, com longo intervallo da comida.

Todas as vezes que se tomar este remedio deve ser quente, e ficar agazalhado para provocar a transpiração. Além do uso deste remedio tomará o enfermo um purgante de sal cathartico de oito em oito dias.

§ 3.º—*Rheumatismo chronico.*

Raras vezes é este rheumatismo acompanhado de febre. Fixa-se ordinariamente sobre algumas partes do corpo, como espaduas, pescoço, rins, e quadril. Quando se fixa nesta parte dá-se-lhe o nome de sciatica, e é bastante tenaz.

Neste rheumatismo se observará o mesmo tratamento do rheumatismo agudo, á excepção das sangrias. Usará o doente de alimentos refrigerantes e diluentes compostos principalmente de vegetaes. Fará primeiramente uso da poção contraestimulante de Laennec, como atrás fica receitado, depois do sôro com nitro, por 15 dias purgando-se de oito em oito dias com sal cathartico, e tomará depois a infusão de rosas, flôr de sabugueiro e sassafraz; friccionará o corpo duas vezes ao dia com uma luva de baeta, e trará camisas e ceroulas tambem de baeta. Fará uso do cozimento de lenhos, do loock contra as nevralgias da guia medica de Chernoviz, fomentará a parte affectada com linimento terebenthinado, da mesma, com linimento volatil, e opodeldoc.

Estes mesmos remedios são muito uteis na sciatica, pois as preparações da terebentina são mui efficazes para esta especie de rheumatismo.

Se as dôres resistirem a estes remedios, se applicarão ás partes affectadas vesicatorios; e serão curados com acetato de morfina. Tenho visto rheumatismos rebeldes cederem ao uso dos banhos de unha de gato, que dá um capello ou orelha nas juntas. Toma-se desta qualidade de unha de gato um bom punhado, ferve-se e banha-se nesta agua o corpo do enfermo; depois de bem enxuto abafa-se na cama e bebe uma chicara grande de cozimento da raiz

da mesma unha de gato. O doente deve estar agasalhado debaixo dos cobertores, até abrir copioso suor; então muda a camisa com cautella. O suor é amarello; faz-se uso deste banho e bebida por tres vezes, e fica-se agasalhado ainda tres dias depois do ultimo banho. Neste tempo não beberá o enfermo agua fria, e se conservará agasalhado em quarto fechado. Nos intervallos fará uso do sôro com nitro, para modificar a acção escandescente da unha de gato.

CAPITULO XXI.

DA ERYSIPELA.

É esta enfermidade uma das flegmasias que atacão a cutis, sobrevem depois de excessos de comida e bebidas estimulantes, pelas affecções da alma, paixões, medo, colera, etc. Tambem póde proceder do frio, suppressão de transpiração, ou de alguma evacuação costumada, etc.

§ 1.º—*Symptomas da erysipela.*

O calefrio, a sede, a perda de forças, dôres de cabeça e do pescoço, o calor, a insomnia, o pulso frequente, são os primeiros symptomas da erysipela, aos quaes se póde ajuntar o vomito e o delirio. Pela volta do segundo, terceiro ou quarto dia, incha e se põe vermelha a parte que ha de ser o assento della, onde

se manifestão logo as pequenas pustulas, e então diminue ordinariamente a febre. Um dos caracteres distinctivos da erysipela é a erupção, que de um encarnado reluzente fica branco ao tocar-lhe carregando com o dedo. Este caracter é muitas vezes sufficiente para distinguir uma erysipela das outras erupções. A erysipela universal se manifesta nos primeiros dias por umas pustulas pouco differentes do sarampo; mas suas bases se estendem e unem para cobrir o corpo de uma erysipela verdadeira, que desapparece pelo nono dia da enfermidade, e deixa a pelle coberta de escamas. Esta erupção é mais para temer do que a do sarampo, com a qual ás vezes se confunde. E até ás vezes o considerão como bexigas.

Quando a erysipela accommette o pé inchão as partes vizinhas, e a pelle se põe luzidia. Se a dôr é forte lavra por toda a perna, na qual não se póde tocar sem molestar o enfermo.

A erysipela do rosto faz inchar esta parte, e a põe vermelha, e cobre a pelle de umas vesiculas cheias de agua clara. A inchação apanha um ou ainda os dous olhos; e os tem fechados: o doente tem difficuldade de respirar.

Quando ha muita seccura na boca e nas ventas e o doente se acha somnolento, ha motivo para se receiar a inflammação do cerebro. Costuma então principiar por um calefrio,

depois do qual se ateia uma febre viva. No principio vê-se o enfermo atormentado de males do coração, vontades de vomitar, e até vomita muitas vezes materias biliosas.

Neste ponto da enfermidade, os vomitorios são de ordinario uteis.

No segundo, ou ás vezes no fim do primeiro dia apparece uma vermelhidão com inchação luzente em algumas partes do nariz, donde parece que parte a inchação erysipelatosa, e se estende sobre a face e uma parte do pescoço, sobre as orelhas, e muitas vezes até sobre a cabeça. Este tumor acaba de estender-se, e no espaço de tres a quatro dias chega ao mais alto gráo. Formada que seja, diminue a febre, e os accidentes; e até ás vezes cessão de todo; depois disso desapparece, e por fim cahe como escamas a epiderme da parte affectada. Esta molestia é benigna, e as pessoas que a têm tido uma vez estão sujeitas a recahir com o andar do tempo. Quando a erysipela tem o seu assento no peito, incha se esta parte, e se põe excessivamente dura. Estes symptomas são acompanhados de grandes dôres, e de certa disposição para a suppuração.

O enfermo sente uma dôr violenta debaixo do sovaco do lado affectado; e da que resulta muitas vezes um abscesso. Se a inchação cede em um, ou dous dias; se é amarella e a epiderme secca, e cahe em escamas, não ha perigo.

Mas se a erysipela é extensa e profunda, se tem o seu assento em partes sensiveis, é então acompanhada sempre de perigo. Se a côr, de vermelha que era, se converte em livida ou negra, deve-se temer a gangrena. Não se póde ás vezes destruir a inflammação, e vem a erysipela suppurar, neste caso resultão daqui muitas vezes fistulas ou gangrenas.

§ 2.°—*Regimen que se deve receitar aos que são accommettidos de erysipela.*

Nesta doença o enfermo deve evitar o demasiado calor e o demasiado frio, porque o excesso em qualquer destas cousas contribuirá para recolher-se a erupção, o que sempre se deve precaver em qualquer especie que seja.

Quando a enfermidade é ligeira, basta que o doente não saia de casa, e que traga a parte coberta com uma baeta macia, ou flanella, para trazer a parte quente e promover a transpiração; para isto usará de bebidas diluentes mornas, como infusão de flôres de sabugueiro, alternada com cozimento de cevada, ajuntando em cada dóse nove grãos de nitro; póde-se tambem fazer uso do sôro talhado com cremor duas vezes por dia. Se a erysipela fôr universal, se tratará como na febre aguda. No tratamento da erysipela usará o doente de alimentos brandos e diluentes, como mingáo de araruta, gomma, caldos de frango, e pannadas: evitará todas as substancias estimulantes, como

carnes vermelhas, peixe, especiarias, etc. Mas quando o pulso é entranhado, e o doente se acha abatido, é necessario suster-lhe as forças com vinho em agua, ou no sôro, infusão de macella, e mesmo o cozimento de quina e cevada, comtanto que não irrite demasiadamente o doente. Não se deve applicar remedios externos, pois pódem causar um retrocesso de enfermidade para a cabeça ou o peito.

Estando o doente habituado a licores fortes e substancias irritaveis e demasiadamente nutrientes, principalmente sendo moço e robusto, e o assento da enfermidade sendo na cabeça, deve ser sangrado : não são precisas todas essas circumstancias para sangrar-se o doente, pois sendo a erysipela uma doença inflammatoria, as sangrias tornão-se necessarias na maior parte dos casos. Se a lingua estiver branca ou amarella, ou a boca amargosa, deve-se dar ao doente tartaro emetico em lavagem, pois não só relaxa o ventre, como promove a transpiração. Mas antes de tudo se deve impedir a formação da suppuração nas partes inflammadas pela applicação da sangria, bixas, banhos de folhas de verbasco, e herva de coelho, cataplasmas emollientes, fricções com pomada mercurial, e dieta diluente. Quando a erysipela atacar na cabeça, deve-se usar de banhos quentes nas pernas, tres ou quatro vezes no dia, pois quasi sempre allivião o doente, e derivão os humores da cabeça para as partes

inferiores. Quando estes não fação effeito se applicaráõ sinapismos nas plantas dos pés.

CAPITULO XXII.

DA CONSTIPAÇÃO DO VENTRE OU ENCALHE.

Causa a constipação do ventre o uso de vinhos tintos, o exercicio immoderado, principalmente a cavallo, o uso de alimentos frios, farinaceos e insipidos, o estudo obstinado e meditativo, a vida sedentaria e a accidez do estomago.

§ 1.º—*Regimen que se deve prescrever contra a constipação do ventre.*

As pessoas que habitualmente andão constipadas do ventre devem usar de alimentos aquosos e relaxantes, como espinafres, urtiga e folhas de sabugueiro, fazer uso do angú e das pimentas cumaris; tambem o quingombó (quiabo) é muito util, assim como as couves, repôlhos rôxos, ora-pro-nobis; todos estes vegetaes devem ser adubados com pimenta cumari e comidos com angú. O uso do mel do tanque (melaço), o leite bebido quente ainda ao tirar, a manteiga de vacca, lubricão o ventre. O unto que se faz da banha de porco salgado, e posta na fumaça por seis mezes para se adubar as hervas de noite para a ceia, faz tambem lubricar o ventre.

Deve-se, portanto. evitar o chá, o pão sem manteiga, a farinha de milho ou de mandioca, a cerralha e mais hervas amargas.

§ 2.° — *Remedios que se devem receitar na constipação do ventre obstinada.*

Quando, pelos meios acima indicados, não se póde chegar a laxar o ventre sem remedios, se deve usar do rhuibarbo tres vezes por semana, em jejum. Tomará o enfermo todos os dias 12 grãos de rhuibarbo com dous de aloes, tudo em pó e misturado.

Tambem se póde fazer uso de maná e senne, ou meia onça de tartaro soluvel (tartrato de potassa) em agua morna.

O uso de aguardente de canna, com quatro partes d'agua, adoçada com assucar, tambem laxa o ventre em algumas pessoas.

Deve-se, entretanto, fazer uso todos os dias dos clysteres de agua fria, de manhã, em jejum, por alguns mezes. Estes clysteres são proveitosos, não só no tempo em que se tomão, como tambem para diante, porque podem chamar a natureza para a regularidade de suas funcções.

Se a constipação resistir a estes clysteres simples, póde se vigoral-os com duas colhéres de sal commum, no principio.

Quando o encalhe provêm da acidez do estomago, basta dar ao doente, por alguns dias, 18 grãos de rhubarbo em pó, com magnesia calcinada, na dose de meia a uma oitava.

Se o doente se achar em perigo pela obstinação do encalhe, se lhe dará o seguinte clyster: fumo de corda uma oitava, rapadura duas onças, sal commum uma onça; ferva em meia libra d'agua (um martellinho), depois ajunte sabão de barba meia onça, azeite duas colhéres, tartaro emetico nove grãos; bata com a mão, e, estando morno, dê ao enfermo.

Em casos perigosos, póde-se ao mesmo tempo fazer uso do tartaro emetico em lavagem. Toma-se de tartaro emetico dous grãos, agua duas libras; dissolva o tartaro na agua, e vá dando ao enfermo ás chicaras até obrar.

Ha um outro clyster, que tambem tem produzido bons effeitos, e é: toma-se um caixo de mamona branca, quando já está quasi maduro, mas não perfeitamente, pisa-se então em um almofariz, com uma colhér de sal commum, espreme-se, e do sumo, com agua morna, se faz um clyster.

CAPITULO XXIII.

DA SUPPRESSÃO DA OURINA OU DA ISCURIA E RETENÇÃO DA OURINA.

A suppressão da ourina é chamada iscuria pelos medicos, que a dividem em renal e vesical. A renal conserva o nome de iscuria ou suppressão da ourina, e a vesical se chama commummente retenção da ourina.

§ 1.°—*Symptomas da suppressão e retenção da ourina.*

A iscuria renal é caracterisada por uma dôr surda, com sensação de peso nos rins e nos lombos; pela cardialgia, nauseas e vomitos; pelo sabor de ourina na boca e máo cheiro de ourina que deita o enfermo; pela suffocação e somnolencia. Não sente o enfermo vontade de ourinar, nem faz esforços para isso; não tem inchação no hypogastrio, nem nas partes adjacentes; não se faz sahir a ourina introduzindo a algalia.

Os symptomas da iscuria vesical, chamada commummente retenção da ourina, são: uma certa sensação de peso no hypogastrio, pubis, e perineo, vontades de ourinar acompanhadas de esforços inuteis, um tumor muito elevado acima do osso pubis, doloroso quando se lhe toca, e offerece a mesma figura que a bexiga. Sente-se uma fluctuação neste tumor, salvo se a bexiga não estiver excessivamente distendida: emfim, este tumor se abaixa ou diminue, quando se evacúa a ourina, ou seja naturalmente, ou por meio da algalia.

A iscuria vesical, ordinariamente, não é acompanhada de febre; mas, quando depende da inflammação ou suppuração da bexiga, da prostata, etc., effeitos assás ordinarios das gonorrhéas venereas atalhadas, é acompanhada de febre, e muitas vezes de delirio; a dôr e

os ardores são muito vivos, e os doentes estão muito abatidos.

É facil distinguir a iscuria vesical, pela tensão e elevação da parte inferior do ventre, por uma sensação de peso no peritoneo, e principalmente por uma vontade de ourinar, que quasi nunca se experimenta na iscuria renal. Mas ambas terminão muitas vezes em uma cachexia, inchação de todo o corpo, hydropisia, affectos suppurosos, difficuldades no respirar, delirio, convulsões e morte.

§ 2.°—*Tratamento da suppressão e retenção da ourina.*

A iscuria symptomatica, isto é, a que procede de alguma enfermidade, como da inflammação dos rins, bexiga, estomago, etc., deve ser curada com os remedios proprios destas enfermidades, de que ella é mero symptoma. Comtudo, sendo caso urgente, deve-se acudir com os remedios mais promptos para alliviar o doente. E assim, se a retenção da ourina procede de causa inflammatoria, deve-se sangrar o doente, e dar-lhe um banho morno, feito de grêlos de vassoura e folhas de marmellinho do mato, bebendo ao mesmo tempo, amiudadas vezes, o cozimento de raiz de althéa, folhas do dito marmellinho, em que se infundirá um pugillo de herva de coelho e folha de aipo.

Este banho e cozimento devem-se repetir

tres ou quatro vezes por dia, e mesmo mais vezes, conforme a urgencia dos symptomas. O banho deve chegar até o umbigo e aturar por algum tempo. Depois se dará ao doente a seguinte preparação, de tres em tres horas, até ourinar: Pó de alcaçuz e de althéa 24 grãos, salitre 4 grãos, camphora 1 grão; ou a seguinte poção: Salitre 2 oitavas, cozimento de cevada uma garrafa, oleo de amendoas doces duas onças, bicarbonato de soda duas oitavas, xarope de althea tres onças. Toma-se uma chicara de tres em tres horas, até ourinar; depois continúa-se, duas vezes por dia, por dous dias, continuando tambem os banhos.

Conseguindo-se a evacuação da ourina, deve-se tratar da causa que motivou a retenção.

CAPITULO XXIV.

DAS MOLESTIAS UTERINAS DAS MULHERES EM GERAL.

§ 1.º—*Da assistencia ou fluxo menstrual, e da sua suppressão.*

Começão as mulheres no Brasil a ser assistidas aos 11, 12 e 13 annos, e continuão a sê lo até aos 50 e mais annos, conforme a sua constituição. Algumas começão mais tarde e acabão mais cedo.

A demora desta evacuação mensal traz grandes inconvenientes, que muitas vezes causão

graves enfermidades. O mesmo acontece com a sua suppressão depois de ter começado o corrimento do fluxo menstrual. Portanto, convem prestar-se a maior attenção aos symptomas da falta ou suppressão da regra, para obstar ás suas consequencias.

§ 2.°—*Dos symptomas da suppressão do fluxo menstrual.*

Quando se supprime ou falta o fluxo menstrual, queixa-se a doente de dôres de cabeça, cadeiras e pernas, sente peso na cabeça, molleza em todo o corpo, pontadas pela barriga, e muitas vezes dôres no estomago; inchão-lhe ás vezes as pernas e os pés; o pulso se mostra mais ou menos febril; é para notar que a lingua quasi nunca muda o seu estado natural.

§ 3.°—*Tratamento do fluxo menstrual supprimido.*

Assim que se apresentarem estes symptomas, ou parte delles, convem que a enferma faça sufficiente exercicio, respire ar livre, e coma alimentos sadios: se o corpo estiver fraco, beberá vinho bom, com agua quente e assucar; banhará tres vezes as pernas em agua quente, fará uso do chá da India carregado, de manhã e á tarde, e de noite, ao deitar se, tomará um banho em agua quente e beberá uma chicara de infusão forte de herva cidreira.

Se, com este tratamento, não vier a regra,

assentará dous sinapismos nas côxas, meio palmo abaixo dos orgãos sexuaes, e os tirará quando principiarem a arder, não esquecendo os banhos quentes nas pernas.

Se assim mesmo não vier a regra, tomará as pilulas seguintes: Gomma amoniaco e assafetida aná duas oitavas, aloes uma oitava, xarope simples quanto baste; faça pilulas n. 60: toma-se duas de manhã e duas á tarde, bebendo uma chicara de infusão de herva cidreira.

Se estas pilulas não surtirem effeito, tomará das seguintes: Sabina em pó, extracto de macella gallega, aná oitava e meia; oxido negro de ferro, extracto de aloes, aná quinze grãos; faça pilulas de tres grãos. Toma-se quatro de cada vez, bebendo em cima a mesma infusão de herva cidreira, de manhã e á tarde.

A sangria no pé, ventosas entre as coxas, e duas a tres bichas nas mesmas, por tres ou quatro dias, têm produzido bom resultado nos casos rebeldes.

§ 4.° — *Da chlorosis e seus symptomas.*

Manifesta-se a chlorosis por uma côr pallida da pelle; as palpebras ficão inchadas, assim como o rosto, as pernas, os pés, etc. As dôres de cabeça augmentão, sente a enferma agitação nas pernas, oppressão do peito ao menor movimento, palpitações de coração, anxiedades, desfallecimentos. Sobrevem uma febre lenta, mais sensivel de noite que de dia, inchação nos

hypocondrios, elevação no ventre, ás vezes tal, que faz suppôr prenhez.

Neste caso deve-se recorrer aos remedios tonicos e corroborantes, e persuadir a doente a fazer exercicio. Tomará, de manhã e á tarde, com longo intervallo da comida, uma dóse dos pós seguintes, bebendo uma chicara de infusão de ortelã: quina em pó, quatro oitavas; canella em pó, duas oitavas; ferro preparado, uma oitava; misture bem e divida em 16 papeis iguaes. Toma-se um papel: se não curar, tomará as pilulas seguintes: assafetida, duas oitavas; extracto de genciana, oitava e meia, aloes e ferro preparado, aná uma oitava. Faça pilulas n. 64; toma-se duas destas pilulas, de manhã e á tarde, bebendo a mesma infusão acima prescripta.

Sustentar-se-ha a enferma de alimentos solidos e corroborantes, e beberá, duas vezes no dia, um calix de vinho branco; fará exercicio ao ar livre, mas andará abrigada do frio e humidades, e todos os dias friccionará a pelle com baeta.

§ 5.º—*Da hemorrhagia uterina ou fluxo de sangue.*

As mulheres acommettidas desta enfermidade devem ficar deitadas com a cabeça mais baixa que as cadeiras, mas em esteiras, e não em colxões. Serão sangradas no braço, e beberão, tres vezes por dia, uma chicara de cozimento de ortiga de onça (cansanção), que se faz

da maneira seguinte: raiz de ortiga, duas onças; ferva em duas garrafas d'agua até ficar em uma, côe-se, e guarde-se.

Se, tomadas duas garrafas, não melhorar, ajuntará á cada garrafa do cozimento, uma oitava de pedra hume. Se, apezar disto, não melhorar, se assentarão sobre o ventre inferior e pubis pannos molhados em agua fria e vinagre, e metter-se hão os seus pés em agua fria.

Deve a doente ter o mais completo repouso, e fugir de comidas animaes e vinho. Introduzirá na madre, com uma seringa, succo de tansagem e ortiga.

CAPITULO XXV.

DA INFLAMMAÇÃO DA MADRE E DOS LOQUIOS.

A inflammação da madre é uma enfermidade perigosa, e assás frequente depois do parto.

As suas causas são: a suppressão dos loquios, contusões, paixões vivas, móvitos, retenção da placenta ou das páreas, e ás vezes da retenção do menstruo, nas mulheres que não estão pejadas nem paridas.

§ 1.º—*Dos symptomas da inflammação da madre.*

Esta enfermidade manifesta-se com dôres na parte inferior do ventre, que ordinariamente

são mais violentas ao tacto, pela tensão ou aspereza das partes, por uma grande fraqueza, por uma mudança subita em toda a pessoa, por uma febre continua, acompanhada de pulso fraco e duro, por um leve delirio ou sonho extravagante; ás vezes por um vomito continuo, pelo soluço, corrimento de pus fétido e acre pela madre, por vontade de evacuar, por ardores de ourina, e outras vezes pela suppressão total della.

A inflammação da madre é quasi sempre mortal, e rara vez passa do setimo dia, que é o mais tremendo.

§ 2.°—*Tratamento da inflammação da madre.*

Sendo esta enfermidade tão perigosa, deve ser tratada com a maior promptidão; e assim deve-se logo fazer uma sangria no braço e applicar se bichas nos grandes labios e no anus da enferma. Beberá cozimento de cevada, raiz de althéa e gramma miuda, e em cada chicara deste cozimento se dissolverão quatro grãos de nitro. Dar-se-lhe-ha a miudo clysteres de sementes de linhaça, ou de agua e leite, e se lhe applicarão sobre o ventre pannos molhados em oleo de linhaça, ou cozimento de sementes de linhaça, morno.

Depois de se tirarem as bichas, assentar-se-ha a enferma em banhos mornos, de folhas de vassoura e herva de coelho; isto tres ou quatro vezes por dia.

§ 3.°—*Da suppressão dos loquios, ou corrimento do parto.*

Os loquios correm ordinariamente de oito até quinze dias; e ás vezes succede terminarem em tres ou quatro dias ou prolongarem-se até vinte, trinta, e mesmo quarenta dias, sem sobrevir o menor accidente.

O corrimento dos loquios é summamente carregado de sangue, um ou dous dias; põe-se depois claro, e toma o aspecto de uma serosidade tinta, que insensivelmente vai embranquecendo, e se condensa como leite turvo.

§ 4.°—*Symptomas da suppressão dos loquios, e suas causas.*

Esta suppressão é logo seguida de calefrio e frio; e immediatamente apparecem todos os symptomas da inflammação, que são: calor consideravel, sede, anciedades, dôres de cabeça e dos rins; os olhos ficão afogueados, o rosto incendido, e o pulso muito duro. Pouco a pouco se eleva o ventre, e se põe muito doloroso, de maneira que a doente não póde soffrer o mais leve tacto. As ourinas não correm, e se correm é em muito pequena quantidade; a respiração é muito opprimida; o delirio, as convulsões, a suffocação e debilitação, que sobrevem são signaes precursores da morte.

São causas da suppressão dos loquios, o suor muito abundante e a diarrhéa, o frio, as cintas

muito apertadas, a colera, a tristeza, o terror, o susto e outras paixões vivas, os cheiros, os accessos hystericos, etc.

§ 5.°—*Tratamento da suppressão dos loquios.*

A suppressão dos loquios, e a febre de leite devem tratar-se quasi da mesma maneira que a inflammação da madre. Em todos estes casos os soccorros mais seguros são as bebidas abundantes de cevada e raiz de althéa, intercalada com o cozimento brando de quina, (de que tenho visto bons resultados), ligeiras evacuações, fomentações sobre o baixo ventre e pubis com cozimento de sementes de linhaça. Beberá a enferma uma chicara do cozimento seguinte: Tres vezes no dia, cevada, duas onças; raiz de althéa, meia onça; cascas de raiz de salsa da horta, meia onça: ferva em duas garrafas d'agua até ficar em uma, tire do fogo, côe e deite dentro sal de Glauber meia onça.

Além disto tomará de hora em hora uma colhér da mistura seguinte, em uma chicara de agua morna: Tintura de castoreo, duas oitavas; licor anodino mineral de Hoffmann, duas oitavas; agua distillada de herva cidreira, seis onças; xarope de casca de laranja, uma onça: misture e tome como disse.

Nada é mais conveniente nesta enfermidade do que as sangrias locaes, applicando-se as bichas ao anus, virilhas e vulva. A sangria geral nos pés é muito util.

CAPITULO XXVI.

DA RAIVA, OU HYDROPHOBIA, OU MORDEDURA DE CÃO DAMNADO.

Os symptomas da raiva se annuncião em um cão pela maneira seguinte: Começa por um olhar triste; mostra aversão aos alimentos, busca a solidade; não ladra como d'antes, mas parece rosnar. Traz as orelhas e a cauda mais baixas do que o ordinario; e parece somnolento. Depois disso começa a lingua a sahir-lhe da guela, e entra a escumar: os olhos parecem tristonhos, e banhados de lagrimas. Se se acha em liberdade corre arquejando e com aspecto abatido, e quer morder a quantos encontra. Finalmente, se o não matão corre continuamente deste modo até que acaba extenuado de calor, fome, e fadiga; o que raras vezes tarda mais de dous ou tres dias.

Depois de ter havido grandes seccas e calores, é que os cães andão mais sujeitos a esta doença, principalmente se tem falta d'agua.

§ 1º—*Symptomas que nos homens acompanhão a mordedura de um cão damnado até o instante em que se declara a raiva.*

Communica-se de ordinario a peçonha da raiva por meio de uma mordedura, que se cura tão depressa como qualquer ferida ordinaria.

Mas depois disso começa o enfermo a sentir

dôr nella; e á medida que esta dôr se estende pelas partes vizinhas, torna se triste e abatido.

O seu somno é desassocegado, e interrompido de sonhos espantosos: suspira, anda triste e gosta da solidão. São estes os primeiros symptomas, seguem-se agora os outros da raiva declarada Fecha-se a chaga como fica dito; mas no fim de algum tempo, pouco mais ou menos de tres semanas a tres mezes, as dôres que o enfermo começa a sentir no lugar que ella occupava, são acompanhadas de inchação na cicatriz, a qual se põe incendiada, abre-se ás vezes de novo, e deita um humor acre, fetido, e avermelhado. Sente o enfermo ao mesmo tempo um entorpecimento geral, frio quasi continuo; custa-lhe a respirar; experimenta uma angustia, que nunca o larga, e dôres nos intestinos; o pulso é fraco, e irregular; as camaras são ás vezes desordenadas; de um instante para outro sobrevem pequenos suores frios, e ás vezes uma ligeira dôr na garganta. Este é o que chamão 1º grão da raiva. O 2º grão, que é a raiva confirmada, é acompanhada dos seguintes symptomas. Acha-se o enfermo apertado de uma sede ardente, e padece quando bebe. Em breve tempo aborrece a bebida, principalmente a agua, da qual tem horror, assim como de todos os corpos cuja superficie é luzente como a luz, vidros, espelhos, o que põe o hydrophobo em uma extrema angustia. Engole, mas com violencia.

um pouco de carne, de pão; e ás vezes alguma sôpa; e até muitos tomão bebidas, que se lhes offerece com o remedio, comtanto que não seja agua.

Á saliva, e só á saliva é que se liga o veneno pelo que se tem observado: 1°, que se as chagas são feitas por cima dos vestidos, são menos perigosas do que aquellas que são feitas immediatamente sobre a pelle. 2°, que os animaes que tem muita lã, ou pello espesso, estão muitas vezes preservados da impressão do veneno; 3°, que as chagas, que faz o animal logo depois de ter mordido a outros muitos, são menos perigosas que as primeiras; 4°, se elle morde no rosto ou no pescoço, é maior o perigo, e o mal se manifesta mais depressa; 5°, quanto mais adiantada se acha a raiva no animal, tanto mais perigosas são as mordeduras. A falsa opinião de que esta peçonhá póde ficar no corpo por muitos annos, vem a ser muito prejudicial aos mordidos de animal damnado. Se o enfermo, portanto, depois de ter tomado por espaço de quarenta dias seguidos ao instante em que foi mordido, os remedios convenientes, e não houver symptomas alguns da doença, ha razão para se dar o mordido por isento do perigo.

§. 2° — *Tratamento da mordedura de cão damnado.*

A primeira cousa que se deve fazer á pessoa que fôr mordida de cão damnado é cauterizar

as feridas com manteiga de antimonio: se não houver á mão esta manteiga se cauterizará com oleo de enxofre, ou agua forte; para isso faz-se um pincel com um panno, molha-se no oleo de enxofre, ou agua forte em falta do oleo, e toca se com elle toda a ferida: em falta de tudo isto, queima-se a ferida com um ferro em braza, mesmo um tição de fogo bem acceso, emquanto se aquenta o ferro. Se apparecerem pustulas debaixo da lingua, serão tambem cauterisadas. Depois disto se dará ao doente vinagradas fortes em agua morna, e na comida, por tres dias; no mesmo tempo se assentará sobre a ferida um panno ensopado na mistura seguinte: Infusão de folhas de ortelã, quatro onças; acetato de morphina, seis grãos. Em seccando o panno se molhará com a mesma mistura por meio de uma penna.

No quarto dia se dará ao enfermo duas das pilulas seguintes, trez vezes por dia: Almi car, meia oitava; assafetida, uma oitava; pó de valeriana duas oitavas: faça pilulas 42. Acabadas estas pilulas se friccionará o doente com uma oitava de pomada mercurial na ferida e nas partes vizinhas. No dia seguinte se dobrará a dose da pomada friccionando-se o doente com duas oitavas de pomada não só na ferida como nas virilhas, pescoço e coxas afim de promover a salivação. Se com estas fricções não se conseguir a salivação se dará ao doente tres grãos de calomelanos de manhã e tres

á tarde em uma pilula feita com miôlo de pão e se continuará até salivar, depois se parará com as pilulas. Se a ferida fechar-se, se applicará sobre ella um vesicatorio, e se conservará a sua suppuração por oito dias. Deve-se evitar o contacto com o humor que correr da ferida; assim como a saliva do doente.

CAPITULO XXVII.

MORDEDURAS DE COBRAS.

A mordedura ou picada de cobras requer quasi o mesmo tratamento que o do cão damnado.

A primeira cousa que se deve fazer é atar-se o membro mordido com atadura bem apertada e immediatamente applicar-se uma ventosa sobre a picada, ou mascar-se fumo, e com elle na boca chupar-se a ferida, e cuspir fóra o veneno. Depois disso pôr-se ha sobre a ferida um pedaço de panno embebido em alcali volatil, misturado com duas partes d'agua; bebendo logo uma chicara de infusão de folhas de larangeira com oito gottas de alcali volatil. Se não houver á mão este remedio se espremerá bem a ferida dentro d'agua de algum regato, e sobre ella se applicará em cima sarro de cachimbo, ou fumo mascado e se dará ao doente a beber sumo de limão azedo, uma chicara pequena com dobrada quantidade d'agua quente

e uma colhér de polvora; depois deve ser purgado o doente com sal catartico, e raiz preta (cainca). Se o membro mordido inchar, será lavado com cozimento de raiz de massaranduba ou de larangeira do matto. Vi curar-se um preto mordido por um geraracussú pela maneira seguinte. Limpárão a ferida, como acima ensinei, depois puzerão sarro de cachimbo sobre a ferida, e derão a beber ao mordido o sumo de uma oitava de raiz de guiné recente pisada em uma chicara de cachaça. Tomou este remedio ao anoitecer; no outro dia estava são o doente; mas tornou a beber segunda dóse de guiné. Asseverou-me o senhor deste preto que foi sempre feliz com este remedio.

O guiné é um cipó parecido com a herva de passarinho; mas o seu talo é tenro, as folhas são mais delgadas, e a sua raiz tem o aroma da raiz preta.

O Dr. Buchan traz, como efficaz, o seguinte remedio: Toma-se de folhas e raizes de tanchagem e de marroios quantidade sufficiente; pize-se em um gral, e do succo dê se, o mais depressa possivel, uma colhér bem cheia ao enfermo, por força ou por vontade.

Alguns tambem dão o mercurio, na dóse de quatro grãos.

Todos estes remedios se repetem as vezes que fôrem precisas para curar o doente. (*)

(*) O alho pisado e esfregado nos pés, na quantidade de um dente para cada pé, é um grande preservativo contra a

CAPITULO XXVIII.

DA SARNA E CHAGAS VELHAS.

Communica-se a sarna ordinariamente pelo contagio; ás vezes tambem tem a sua origem na falta de limpeza, alimentos corruptos, ar humido e impuro. Póde proceder tambem do mal venereo, escorbuto, excessivo calor, febres, etc.

§ 1.°—*Symptomas da sarna.*

Manifesta-se a sarna na fórma de pequenas pustulas aquosas, que ao principio apparecem pelos punhos, ou entre os dedos, depois pelos braços, pernas e coxas.

Estas pustulas encerrão um bichinho, que mora sempre a um lado dellas, n'uma especie de caminho particular. Este bichinho faz uma comichão insupportavel na sarna, principalmente quando o doente experimenta o calor da cama, ou fogo.

Succede tambem, ás vezes, cobrir-se a pelle de umas escaras largas, semelhantes a crustas, e outras vezes de uma erupção branca e farinhosa, ou sêcca.

mordedura da cobra, porque as afugenta; pois ellas têm muita antipathia ao alho.

Entre os antidotos que conheço contra os effeitos das mordeduras das cobras, ha uma especie de fava selvagem, que tem a vagem de palmo, e mais, de comprimento, grossura á proporção e o grão vermelho. Tenho visto dá-la aos cães, na dóse de um grão ou baga, com feliz effeito.

A esta ultima especie chamão vulgarmente sarna sêcca, sarna de cão, e é a mais difficil de curar-se. O rosto, que é assento ordinario das mais erupções, fica isento da sarna.

Na sarna humida ha menos comichão: as pustulas são umas pequenas ulceras cutaneas, que deitão pus e se cobrem de uma côdea, que cahe em escaras ou escamas.

Na sarna sêcca a comichão é extrema, o que excita a coçar a miudo; rompem-se as pustulas, que estarião sêccas, mas que por causa do coçar deitão alguma sanie, e por fim convertem-se em crustas. Uma e outra sarna são muito superficiaes, e nunca passão da pelle.

§ 2.°—*Tratamento da sarna.*

O melhor remedio conhecido até o presente contra a sarna é o enxofre, interna e externamente. Sendo a sarna recente, bastão sómente as unturas com algum unguento, cuja base seja o enxofre, como o seguinte: Flôr de enxofre, ou enxofre em pó subtil, duas onças; salamoniaco, duas oitavas; banha de porco derretida, quatro onças. Estando bem ligado o sal amoniaco e o enxofre, misture-se exactamente com a banha. Tomem-se duas oitavas deste unguento, e com elle unte-se o sarnento parcialmente, quéro dizer: no primeiro dia, as mãos e braços até o cotovello, isto á noite, ao deitar-se; no outro dia, pelas 9 horas, lavará o doente a parte untada, com agua quente e sabão, e de noite con-

tinuará a untura até os hombros, lavando-se sempre no dia seguinte; de maneira que se deve continuar as unturas, até tres vezes, em todo o corpo.

Antes de principiar-se com este tratamento, deve o sarnento ser purgado e tomar nove grãos de flôr de enxofre com meia oitava de cremor de tartaro, de manhã e á noite, tres dias antes, e em todo o tempo das unturas. Se não evacuar livremente, tomará tanta flôr de enxofre e cremor de tartaro quanta seja precisa para laxar o ventre. Com isto só, certamente ficará curado. Ficando algumas chagacinhas por sararem, faz-se uso do leite de cabra por algum tempo.

Tambem se cura a sarna por fumegações em caixas feitas de proposito para isto, como curou Pinel a um sarnento de 18 mezes, que estava marasmado.

Estas caixas se arranjão de maneira que fica o doente encerrado nella até o pescoço, ficando a cabeça fóra, para não respirar o fumo do enxofre, que o póde asphyxiar immediatamente. Elle fica sentado em uma tripeça, e por baixo se põe um caco com brazas, e sobre ellas meia onça de enxofre em pó, e duas oitavas de nitro ou salitre. Porém, a cura mais segura e sem perigo é o methodo acima prescripto. No uso das unturas de enxofre deve o doente conservar uma só camisa para, pelas contínuas unturas de que fica impregnada, matar os bichinhos mais depressa.

A roupa do sarnento deve ser lavada em bosta de vacca, sem o que não morrem os bichinhos.

Não cedendo a sarna a este tratamento, tem outra causa: neste caso deve-se tratar radicalmente, isto é, curar-se a causa de que ella é effeito.

Ha sarnas obstinadas, e que resistem fortemente aos remedios. Estas são maiores, crião mais pus, inflammão-se, fórmão crustas, e depois de sêccas deixão cicatriz livida ou rôxa. Estas de ordinario são de especie gallica, e são consequencia do venereo mal curado,como boubas, mulas, e muitas vezes vicio escorbutico.

Nestas, primeiro que tudo, deve sangrar-se o doente, depois purga-lo com dous escropulos de jalapa e duas de cremor de tartaro; attendendo-se, nestas dóses, á idade, constituição e forças do doente. Depois disto, fará uso do remedio seguinte: Toma-se salsaparrilha, cascas de raiz de labaça e de bardana, de cada cousa duas onças; páo santo e cremor de tartaro, de cada cousa uma onça; ferva-se em quatro garrafas d'agua até ficar em duas; então ajunte uma mão de cinco folhas, dê uma leve fervura, tire do fogo, cubra, e estando frio côe e ajunte de nitro duas oitavas; leve de novo ao fogo, e com duas libras de assucar purificado faça xarope e guarde-se. Toma-se quatro colhéres deste xarope, duas vezes no dia, em seis onças de infusão de fumária, ou cozimento de folhas de caroba. Se não sarar com esta porção, faça-se segunda; e

se com esta ainda não sarar, recorra-se ás preparações mercuriaes.

No uso do xarope deve o enfermo banhar-se, todos os dias, em agua morna com sabão.

§ 3.º—*Das chagas inveteradas.*

Ainda que não pertença o objecto das chagas ao Capitulo actual, que pertence ao tratamento da sarna, addicionei aqui este paragrapho, por ter pouco que dizer.

Quando as feridas ou chagas se tornarem pertinazes, deve se recorrer ao tratamento das sarnas, que acabo de receitar; isto é, fazer-se uso do xarope por um mez, purgando-se, de oito em oito dias, com sal catartico. Entretanto se applicará na ferida, todos os dias, uma cataplasma de mandioca brava raspada, com cachaça.

Assim que a ferida estiver limpa e córada, se deitará sobre ella, em um panno molhado, o seguinte remedio: Mercurio, tutia preparada, sal de saturno e pedra hume, de cada cousa duas oitavas; cozimento forte de tanchagem, uma libra (meia garrafa); ligue-se bem, em um almofariz, estes simplices com o cozimento de tanchagem, e guarde-se sem côar. Quando se quizer pôr na ferida, deve-se vascolejar a garrafa e pôr se em um pires, para ahi embeber-se os fios ou panno neste polme. As feridas devem ser curadas de manhã e á noite com este remedio; excepto os cancros venereos (cavallos), que se curarão mais vezes ao dia, e para o que é efficaz este

remedio. Comtudo, se as chagas resistirem a estes remedios, se deitaráõ nellas os pós seguintes, só quanto as cubra: Tartaro emetico, verdete, pedra hume queimada e bosta de vacca bem sêcca, de cada cousa uma oitava; môa-se bem, tudo junto, em um almofariz, até ficar em pó subtil e bem misturado. Acabando-se uma porção, faz-se outra.

Quando as feridas se tornarem obstinadas, se purgará o doente, de quinze em quinze dias, com agua laxativa viennense, que tambem é muito util nas sarnas contumazes.

O doente de feridas deve evitar o calor do fogo e do sol, fugir de comidas e bebidas estimulantes e conservar-se em plena quietação.

CAPITULO XXIX.

DAS LOMBRIGAS, OU VERMES INTESTINAES, E SEUS SYMPTOMAS.

Podem-se reduzir a quatro especies os vermes, conhecidos debaixo do nome de lombrigas, que são: a solitaria, cucurbitina, as teres, que são as mais conhecidas do povo, e as ascarides, que são as menores.

A solitaria, a que tambem chamão lombriga d'Angola, é a maior de todas, pois ás vezes tem muitas varas de comprimento; a cucurbitina é assim chamada por parecer o seu corpo uma porção de sementes de melancia, ligadas umas

ás outras. Tambem é bastante comprida, e parece companheira da solitaria, pois quasi sempre annuncia a sua presença.

As teres, conhecidas pelo nome geral de lombrigas, têm palmo e meio de comprimento, pouco mais ou menos, e são redondas; gerão-se e vivem nos intestinos.

As ascarides são as menores, e parecem uma especie de saltão; vivem no intestino recto, e ahi causão uma desagradavel comichão.

§ 1.º—*Symptomas das lombrigas em geral.*

Os symptomas mais ordinarios das lombrigas são: umas vezes, a côr pallida do rosto; outras vezes, a vermelhidão total desta parte, a comichão do nariz, o ranger dos dentes durante o somno, a inchação do beiço de cima, o appetite, ás vezes máo, outras voraz, o fluxo do ventre, o bafo fétido e agro, o ventre duro e inchado, a sêde ardente, as ourinas espumosas e ás vezes esbranquiçadas, dôres pungentes ou de colica, o salivar involuntario, especialmente quando o enfermo dorme, dormir com os olhos meio abertos (symptoma certo nas crianças), epilepsia, dôres do lado com tosse sêcca, e outros muitos symptomas nervosos.

§ 2.º—*Symptomas particulares nas teres.*

As teres causão fastio, vomito, bafo fétido, dôres pungentes, soltura e inchação de ven-

tre, ás vezes em ponto consideravel, desmaios, tosse sêcca, convulsões, accessos de epilepsia, e muitas vezes a perda da falla. Tem-se visto estas lombrigas penetrarem os intestinos, e viverem na capacidade do ventre.

§ 3.º—*Symptomas da solitaria.*

A lombriga solitaria offerece muitos symptomas, mas em gráo muito mais violento. Os symptomas particulares da lombriga solitaria são: desmaios, impossibilidade de fallar, um appetite voraz, ás vezes fastio geral, arrôtos, dejecções fluidas e esbranquiçadas, somno interrompido, colicas, nauseas, atordoamento, etc.; porém o symptoma mais verdadeiro é apparecer nas evacuações parte desta lombriga.

A lombriga cucurbitina tem os mesmos symptomas da solitaria, e o signal mais certo da sua existencia é apparecerem no excremento partes do seu corpo: todos os outros symptomas se podem confundir com os das teres.

§ 4.º—*Symptomas das ascarides.*

Os symptomas destas lombrigas são: comichão no anus, desmaios, tenesmos, ou vontades frequentes de evacuar.

§ 5.º—*Tratamento que convem aos adultos.*

Para a lombriga solitaria, o remedio mais apropriado é a raiz do feto macho. Toma-se de raiz de feto macho, reduzida a pó subtil,

duas oitavas; assucar, uma colhér; misture-se bem. Tomará o doente toda esta porção, e beberá em cima uma chicara do seguinte cozimento: Raiz de feto macho, duas oitavas; ferva em garrafa e meia d'agua até ficar em meia, de que se dará ao doente uma chicara.

Duas horas depois deste remedio, tomará o enfermo o seguinte purgante: Calomelanos e resina de jalapa, de cada cousa nove grãos; gomma gutta ou rhom, seis grãos: reduza-se tudo a pó fino, e faça-se pilulas, que se tomarão de uma só vez. Se o doente não fôr robusto, tomará a metade desta formula, ou dous terços.

Na vespera do dia em que se tem de tomar este remedio, o doente não jantará, e só tomará á noite chá com pão e manteiga.

Se em todo o dia não tiver obrado, ou se se achar escandecido, tomará um clyster pela maneira seguinte: Folhas de malvas, uma mão, em sua falta sementes de linhaça uma onça; ferva-se em sufficiente quantidade d'agua, e misture-se-lhe sal uma colhér raza, e depois de côado ajunte-se azeite quatro colhéres: este clyster conservar-se-ha o maior tempo que fôr possivel. Se sentir ainda a via escandecida, tomará clysteres de sementes de linhaça.

A lombriga solitaria é bastante tenaz, e resiste muitas vezes aos mais fortes remedios; e por isso é preciso reitera-los.

O ether sulfurico e licôr anodino, dados em chá de ortelã, na dóse de 10 gottas o ether e

de 20 o licôr, têm expellido a solitaria, como já vi; mas convem dar-se esta dóse tres vezes, de seis em seis horas.

A lombriga cucurbitina expelle-se com os mesmos remedios da solitaria.

Para as teres, um dos melhores vermifugos é o seguinte: Oleo de terebenthina, tres grãos; coralina da Corsega, um grão; essencia de Santa Maria, um grão. Faça pilula n. 1, e como esta 24. Toma-se uma de manhã e outra á noite, longe da comida, bebendo-se em cima uma chicara de infusão de folhas de ortelã.

Outro:—Rhuibarbo e semente contra vermes, de cada cousa, em pó, uma oitava; ethiope mineral, meia oitava; misture-se bem em um almofariz, e divida-se em 16 papeis iguaes. Tomão as crianças um papel destes de manhã e outro á noite, e os adultos dous, bebendo em cima infusão de ortelã.

Outro:—Bulbos de alhos (dentes), uma oitava; agua ou leite, oito onças: ferva e dê a beber á criança, meia chicara até dous annos, uma até seis, e o dobro sendo adulto.

Muitas vezes as lombrigas causão dôres que parecem colicas: neste caso, o melhor remedio é o licôr anodino, dado, de cinco a dez gottas, aos meninos, em infusão de ortelã, e o dobro aos adultos. Este remedio se deve repetir de manhã e á noite, e mesmo de seis em seis horas, até cessar a colica.

Os remedios acima receitados não devem

ser administrados havendo symptomas de inflammação no estomago ou intestinos.

Contra as ascarides se deve fazer uso dos clysteres de agua morna e vinagre, ou de agua morna, azeite, sabão de barba, e meia colhér de sal commum.

CAPITULO XXX.

DO RESFRIADO, VULGARMENTE CONSTIPAÇÃO (CANSAÇO DOLOROSO).

É a constipação ou cansaço doloroso uma enfermidade mais commum nos climas quentes, onde a transpiração é effectivamente provocada pelo menor exercicio, e assim é a causa de muitas enfermidades.

§ 1.°—*Symptomas da constipação, ou cansaço doloroso.*

Principia de ordinario a manifestar-se a constipação por um frio desusado, calafrio, dôres de cabeça e muitas vezes no pescoço, falta de appetite, pelle sêcca, alguma febre, molleza em todo o corpo, ourinas claras e em maior quantidade que de costume, etc.

§ 2.°—*Tratamento da constipação.*

Logo que se observar estes symptomas, ou parte delles, se absterá o doente de alimentos substanciaes, e fará uso de canja de arroz, mingáos de araruta ou gomma, chá da India, congonha (matte); evitará o ar frio e humido,

vento, etc. Á noite, ao deitar-se, banhará as pernas em agua quente, e beberá uma chicara de chá da India quente, ou de infusão de poêjo, com quinze gottas de tintura de aconito.

Se não abrir a transpiração com isto, repetirá no outro dia, de manhã e ao meio-dia, este remedio, conservando-se na cama. Se, apezar disto, não transpirar, dissolverá quatro grãos de tartaro emetico, em uma garrafa de infusão de flôres de sabugueiro. Este remedio toma-se quente, e quatro colhéres de duas em duas horas, até suar. O doente deve estar de cama, e não beber agua fria senão passados tres dias da ultima dóse.

Para os trabalhadores robustos, muitas vezes basta, para fazer suar, um ponche de laranja da terra quente e aguardente, depois de um exercicio violento, como cavar terra, rachar lenha, soccar em um pilão, ou mesmo andar ligeiro por espaço de um quarto de hora; isto deve ser ao meio-dia.

Emquanto o paciente faz o exercicio, manda-se pôr no fogo a ferver uma laranja da terra, partida em quatro partes, em meia garrafa d'agua; abrindo a fervura, tira-se do fogo e adoça-se o ponche com assucar, mel ou rapadura, deita-se-lhe tres onças de ristillo (oito colhéres), mistura-se bem, e dá-se ao doente.

No dia subsequente ao suadouro (ainda os mais triviaes), não deve o doente molhar-se, nem apanhar sereno.

Aqui conclúo o meu trabalho, que desejo muito sirva de utilidade aos meus patricios.

Este resumo de medicina que contêm os trinta Capitulos, que tratão das enfermidades mais triviaes, é unicamente destinado para os fazendeiros acudirem ás suas familias no principio das enfermidades, e sustarem o seu progresso até que chegue o medico, o qual nunca se deve dispensar no principio das enfermidades graves; com o que se podem evitar muitos prejuizos e desgostos. Já disse acima, no principio desta obra, e repito aqui: « que a despeza com o medico e botica não é despeza propriamente dita, é economia. »

APPENDICE

EXPOSIÇÃO DAS VANTAGENS DA CULTURA DO ALGODÃO HERBACEO OU AMERICANO

E

METHODO DA SUA CULTURA E MANIPULAÇÃO.

Sendo a praga do café o maior mal que podia sobrevir á nossa agricultura moribunda, e cujos tristes resultados já se vão manifestando pelas quebras de alguns fazendeiros, torna-se indispensavel que lancemos mão de um outro genero que substitua com presteza a falta do café. Os generos mais rendosos e de mais abreviada cultura que temos são a canna, o fumo e o algodão; mas, entre estes, o que nos offerece mais garantia, e que me parece mais lucrativo, é o algodão, cuja extracção no estrangeiro cresce todos os dias, á proporção do augmento de suas fabricas. Portanto, sendo o algodão o genero de mais consumo na Europa, e de mais abreviada cultura que temos, é delle que devemos lançar mão, como o mais proprio para nos livrar do horrendo cataclysma financeiro que nos ameaça. Porém, note o leitor que, no genero algodão, devemos preferir o herbaceo, pelas vantagens que tem sobre o arboreo, como passo a expôr:

1.° O algodão arboreo precisa de nove mezes para abrir as suas maçãs, e o herbaceo seis.

2.° O arboreo, plantado em um terreno que comprehenda 10,000 braças quadradas, ou 100 braças em quadro, dá no seu producto 100 arrobas de algodão; o herbaceo, no mesmo terreno, dá 400 arrobas.

3.° Na colheita do arboreo um trabalhador não colhe mais de uma arroba por dia; na do herbaceo póde colher duas pelo menos.

4.° No arboreo não podem colher os meninos por serem altos os seus ramos, e no herbaceo podem colher os meninos muito algodão, por não exceder a sua altura mais de cinco palmos.

5.° O algodão arboreo não deve ser plantado entre os cafezaes, porque, sendo volumosas as suas raizes, chupão a humidade do terreno, e, desseccado este, atraza o desenvolvimento do cafezeiro, o que não acontece com o herbaceo, porque, sendo pequenas as suas raizes, nenhum damno faz aos cafezaes, e por isso se póde plantar entre os cafezaes novos, sem atrazo destes, tirando-se duplicado proveito do mesmo terreno.

6.° Finalmente, a colheita do algodão arboreo concorre com a colheita do café e moagem da canna; a do herbaceo, não, porque até o fim de Maio está esta concluida, e então principião aquellas.

Á vista destas vantagens, é em todos os sentidos preferivel a cultura do algodão herbaceo ou americano; e posso affirmar, sem medo de errar, que nenhum outro genero, tanto como este, póde desaffrontar mais promptamente ao fazendeiro que estiver empenhado: pois que dentro em seis mezes, contados da sua plantação, póde o fazendeiro principiar a sua colheita, e no setimo mez embolsar o seu importe, com tanto que o cultive com esmero.

Uma objecção talvez alguem suscite: se todos plantarem algodão, ficará este depreciado. Esta objecção cahirá por si mesma quando souberem que só a Inglaterra importa todos os annos dos Estados-Unidos para suas fabricas quinhentos milhões de saccas, não fallando nas fabricas da França, Hollanda, Belgica e de toda a Allemanha, que consomem immenso algodão.

Para o Brasil prosperar bastará exportar todos os annos cincoenta milhões de saccas de algodão, isto é, a decima parte do que os Estados-Unidos exportão para a Inglaterra, que vendido a 8$000 rs. por arroba, entrarião para o Brasil quatro mil milhões de cruzados. Só a provincia do Rio de Janeiro, com a força que tem, podia exportar cinco milhões de arrobas de algodão, e receber do estrangeiro quarenta mil contos, isto é, vendido o algodão a 8$000, e não a 10$000 rs. e a mais, como se tem vendido na praça. Quando receberá ella este dinheiro do café?

Á vista do exposto, espero que os meus patricios aceitem o meu conselho, emprehendendo neste mesmo anno a cultura deste precioso arbusto, cuja descripção vou succintamente fazer.

Sem entrar em classificações botanicas ácerca do algodão herbaceo, direi que conheço tres qualidades deste algodão. A primeira, cultivada ha mais de 20 annos em Minas, e ahi denominada *algodão-riqueza*, em allusão á abundancia das suas maçãs em um mesmo individuo. Esta especie dá em seis mezes grande producto, mas sendo as sementes cobertas de uma lã esverdeada mui adherente á mesma semente, torna-se trabalhoso o seu descaroçamento, por isso os Mineiros actualmente pouco cultivão esta especie. A segunda especie é semelhante a esta em tudo, com a differença unicamente de ter as folhas maiores, assim como as maçãs e as sementes; mas é mais facil o seu descaroçamento do que o *riqueza*. Esta especie é ainda pouco conhecida em Minas; deve ser cultivada, não só por serem grandes as suas maçãs, como por ter mais lã em proporção das sementes. A terceira, denominada pelos Mineiros *algodão do governo*, é mais parecida com a primeira, e só della se differença em ter as sementes descobertas. Esta especie é a que mais convem cultivar-se, por ser mais facil o seu descaroçamento. É desta especie que plantei e cultivo este anno, e que aconselho aos meus patricios para cultivarem.

Estas tres especies pertencem ao genero algodão herbaceo. A sua altura não excede a cinco palmos; as suas folhas são parecidas com as da videira; as suas flôres, de côr amarella-rubras, são mui parecidas entre si, á excepção das differenças acima notadas.

Creio ter dito quanto basta para o leitor distinguir o algodão herbaceo de outra qualquer especie de algodão; e assim passarei agora a tratar da sua plantação, capina, colheita e ensaccamento.

Plantação.

Primeiro que tudo, deve munir-se o agricultor de sementes do algodão herbaceo de caroços descobertos, naquellas fazendas em que se cultivarem com esmero; isto nos mezes de Julho a Setembro, tempo em que já deve estar descaroçado o algodão de quem tiver de exporta-lo. Estas encommendas devem ser feitas na côrte e nas cidades maritimas, a pessoas que tenhão relações commerciaes com os plantadores de algodão do interior.

No mez de Agosto deve roçar a capoeira em que tiver de plantar o algodão. Escolherá terra cançada, mas de boa qualidade, e que seja soalheira; se fôr algum tanto arêenta, melhor. Deve evitar o terreno que tiver formigueiros, pois as formigas perseguem excessivamente a esta qualidade de algodão.

Em principio de Outubro deve estar quei-

mada esta roçada, e até o meiado deste mez deve estar encoivarada e limpa, como para plantar feijão ou canna; não se esquecendo de extinguir os formigueiros que achar na roçada, tanto das saúvas ou cabeçudas, como as kenkens, ou formigas de cará. Feito isto, principiará a plantação do algodão, pela maneira seguinte:

Escolherá, entre os mais habeis trabalhadores, os que julgar sufficientes para covar. As covas serão feitas em linhas rectas e parallelas, com a distancia de seis palmos de uma linha á outra, e tres palmos de cova á cova, na direcção da mesma linha, á maneira de quem planta fumo. Estas covas devem ter meio palmo de profundidade. Á medida que se fizerem as covas, irão os plantadores deitando nellas as sementes de quatro a cinco, e as cobrirão com mui pouca terra solta, quanto tape a semente.

Se a terra fôr muita, ou em torrões, neutralisa a sahida da planta, e assim esta falha.

Na primeira capina, e quando já os algodoeiros tiverem um palmo de altura, se arrancarão os mais fracos, ficando sómente em cada cova tres pés. Da superfluidade de umas covas sahirão as replantas para as covas falhadas.

Capina, etc.—Duas capinas são indispensaveis para colher-se bom algodão: a primeira do meiado de Novembro a meiado de Dezembro, conforme o exigir o crescimento do matto ou

capim; e a segunda em Fevereiro, para na colheita que principia em Abril, estar o terreno limpo.

Feito isto a tempo, dentro de tres mezes, principião a desenvolver-se as flôres, e d'ahi a dous mezes, pouco mais ou menos, começa a colheita.

Colheita.

Estando o terreno limpo na occasião da colheita, principiará esta, o que se faz com muita facilidade. Deve começar-se a colheita ás 7 horas da manhã, quando já se tiver evaporado parte do orvalho.

Cada trabalhador, munido de um cesto de taquara, ou um embornal com um arco na boca, e preso ao pescoço por um cordel, de fórma que fique pendente defronte do ventre, tomará a sua carreira, e seguirá por ella até acabar de colher o algodão que nella houver.

Á proporção que o cesto ou embornal estiver cheio, deitar-se-ha o algodão em alguma vasilha propria, que deve seguir com o trabalhador para na hora competente regular a tarefa. Esta se dividirá em duas ao dia, e deve ser regulada por tempo desigual, afim de privar-se o algodão da humidade que contiver, que lhe é muito nociva. E assim ás 11 horas se tomará a primeira, que deve ser logo conduzida ao terreiro, onde deve ser exposta ao sol, ficando bem rarificado o algodão. A segunda

se tomará ao entrar do sol, e se guardará com a outra. No dia seguinte todo o algodão colhido na vespera se deitará no terreiro ao sol, e depois de bem secco, se guardará em um quarto assoalhado e forrado para preserva-lo não só da humidade, como dos ratos.

Para a deseccação do algodão, o fazendeiro deve ter um terreiro feito de pedra e cal, ou tijolos e cal, que me parece mais economico: este terreiro deve estar o mais proximo possivel do paiol de guarda-lo. Quem não tiver meios de fazer o terreiro acima dito, deseque o seu algodão em esteiras de taquara, ou taboleiros grandes de madeira, e nunca sobre a terra nua para não sujar a sua lã. Cada trabalhador póde colher á vontade duas arrobas de algodão; mas um trabalhador diligente póde colher tres arrobas por dia. Para animar o trabalho da colheita, é o meu parecer que se dê por tarefa diaria duas arrobas, e pelo excedente se gratifique ao trabalhador com 120 réis por arroba.

Como é enfadonho o trabalho de pesar-se o algodão na roça, far-se-ha um balaio ou outra qualquer vasilha que contenha meia arroba, e assim mede-se com presteza a tarefa sem ser preciso pesa-la. Tambem os meninos podem colher algodão, mas a tarefa destes deve ser proporcionada á sua idade e forças. Na colheita do algodão está todo o seu merecimento, e assim se deve apanha-lo com os tres dedos,

pollegar, indice e médio, afim de sahir limpo das capsulas e folhas seccas; pois na sua limpeza está todo o seu valor.

O algodão herbaceo desenvolve-se com muita presteza, e por isso deve ser colhido de oito em oito dias, se o agricultor não o quizer perder. Por todo o mez de Maio o algodão deve ser colhido. Este algodão é annual e deve ser plantado todos os annos; não usão poda-lo, porque, vindo muito cedo as suas brotas, concorrem as maçãs das socas no tempo das aguas, e assim perdem-se. Não obstante este inconveniente, eu aventuro esse trabalho; porque, sendo pequeno, pouco se perde, e póde-se lucrar muito, se as seccas se prolongarem até Novembro, como algumas vezes acontece.

Descaroçamento.

Concluida a colheita do algodão, trata-se de descaroça-lo. Para este fim fazem-se descaroçadores, cujos cylindros ou moendas devem ser de ferro com a grossura de meia pollegada e com seis pollegadas de comprimento dentro das columnas do descaroçador (isto é, a parte em que passa o algodão); ficando tres pollegadas para cada lado, para a sua segurança nas columnas e nas rocetas que as devem mover.

Estes descaroçadores são movidos por um eixo de páo, preso em uma roda de cubos ou espalhadeiras, e esta movida por agua ou outro qualquer motor. Neste eixo se podem adoptar

tantos descaroçadores quantos fôrem necessarios para dar vasão ao descaroçamento do algodão; e assim podem trabalhar ao mesmo tempo quatro, seis ou oito descaroçadores.

Ensaccamento.

Á proporção que se fôr descaroçando o algodão, deve-se ensacca-lo ao mesmo tempo. Para isto faz-se um caixão interino, quero dizer, sem prisão permanente, seguro por quatro estacas, situadas de maneira que se possa finca-las e tira-las com facilidade quando convier, pela maneira seguinte:

Deita-se ao nivel um cepo, apparelhado na face superior, que tenha seis palmos de comprimento, palmo e meio de altura e dous e meio de largura. Este cepo deve ser apoiado sobre pedras ou terreno firme, de fórma que não se mova, e sobre elle fazem-se quatro furos na parte superior, que tenha um palmo de profundidade, e meio palmo quadrado de largura, distando estes furos entre si tres palmos de extensão, e palmo e quatro dedos de largura. Feito isto, se apparelhão as quatro estacas, que devem ter meio palmo quadrado de grossura, e quatro palmos de comprimento. Estas estacas devem ser collocadas no cepo de tal maneira que se possão pôr e tirar lateralmente com facilidade. Em seguimento põe-se as estacas no furo e neste quadrilongo põe-se internamente taboas apparelhadas e serradas em meia madeira, de fórma que sobresáião ás

estacas meio palmo em todos os sentidos; e se cruzaráõ assim tantas taboas quantas fôrem precisas para completar a altura de tres palmos. Finalmente prende-se este caixão em cima e por fóra das estacas com uma grade forte quadrilongada (gastalho), de maneira que se possa fazer e desmanchar o caixão com facilidade; porque, estando o sacco cheio de algodão comprimido pela prensa, não póde sahir mais do caixão sem desmanchar-se este.

Preparado assim este caixão provisorio, se introduz dentro um sacco feito de vara e meia de panno de algodão grosso, cosido com linha forte, o qual deve ficar bem unido ás paredes do caixão, e se pregaráõ as suas extremidades na beira exterior do mesmo caixão.

Então se deita dentro meia arroba de algodão descaroçado, e sobre este um taboão, que tenha a grossura de tres dedos com dous furos no centro, para nelle se prender uma alça forte. Este taboão deve ajustar-se por tal maneira ao interior do sacco e caixão, que desça suavemente ao fundo do mesmo sem romper o sacco e sem deixar sobresahir o algodão que elle comprime.

Neste estado torce-se a prensa sobre o taboão, até reduzir o algodão á oitava parte do caixão. Feito isto, tira-se o taboão pela alça, deita-se mais meia arroba de algodão sobre o algodão comprimido, e repete-se a mesma ope-

ração até ensaccar-se no caixão quatro arrobas de algodão.

Neste ponto demora-se por algum tempo a compressão da prensa sobre o taboão afim de conter-se o algodão comprimido para se poder coser o sacco. Entretanto tira-se o taboão, cose-se com linha forte as bordas dos saccos, e recolhe-se o fardo a um quarto enxuto e bem agasalhado para seguir o seu destino.

OBSERVAÇÕES FINAES.

O algodão herbaceo não se dá bem em derribadas de mattos virgens, nem em capoeiras novas, pois o demasiado viço faz apodrecer e cahir as suas maçãs.

Não quer tambem terrenos humidos, e barrentos ou argillosos.

A sombra de qualquer outra planta, que o exceda na altura, lhe é muita nociva; mas entre as suas carreiras se póde plantar milho com a distancia de 12 palmos de carreira a carreira e de 3 palmos de cova a cova no alinhamento da mesma carreira.

Antes de plantar-se o algodão herbaceo de sementes descobertas, devem ser estas escolhidas para evitar-se a sua mixtão com algumas sementes cobertas que entre ellas apparecem, plantando-se á parte, em terreno distante, as sementes espurias. Esta regra deve ser extensiva a todo genero de sementes.

Os fazendeiros que não tiverem mais capoeiras disponiveis, e sómente cafezaes, podem roçar e queimar os cafezaes inutilisados, e plantar nelles algódão, de que obterão boa colheita, não obstante estar o terreno cansado, comtanto que seja este de boa qualidade.

Esta especie de algodão dá-se bem em climas quentes e temperados, com a differença,

porém, de abreviar mais o seu desenvolvimento nos climas quentes. Este anno, não tendo obtido sementes a tempo, e vindo-me ellas já tarde, plantei algodão até o fim de Dezembro e tem igualado ao de Novembro, estando já grande parte com as maçãs perfeitas; mas o clima d'aqui ajuda, pois estamos a 22° de latitude pouco mais ou menos, o que não acontece com os que morão nos altos platós de Minas; pois esses devem plantar de meiado de Outubro a meiado de Novembro precisamente.

Finalmente o terreno de planta de um alqueire de milho (como costumão marcar os roceiros), isto é, cem braças em quadro, ou dez mil braças quadradas, plantando de algodão herbaceo e bem tratado, dá quatrocentas arrobas de algodão em caroço, ou cem descaroçadas, que, vendidas a 10$ rs. dão 1:000$ rs. isto dentro de sete mezes contados da sua plantação. Qual outro genero dará em tão pouco tempo este dinheiro? (*)

(*) Em dous escriptos quasi identicos, que fiz publicar pelos jornaes, disse que dentro de seis mezes, contados da sua plantação, se podia embolsar o importe do algodão. Foi um equivoco, filho da pressa com que escrevi pelo desejo que tinha de publicar cedo esta memoria; o algodão herbaceo precisa de seis mezes para concluir-se a sua colheita; e no setimo então se envia ao mercado.

INDICE

Prologo. . . . . Pag. V

METHODO DE CULTURA.

Cap. I. — Introducção. 1
Considerações geraes e especiaes sobre a agricultura 1
Cap. II. — Estabelecimento de uma fazenda 9
Cap. III. — Cultura dos mantimentos. 20
Milho. 22
Mandioca 25
Plantação da araruta. 27
Do inhame. 28
Da taiova 31
Dos mangaritos. 32
Do arroz 33
Da batata doce 38
Do cará. 41
Da batata ingleza 41
Do feijão 42
Das favas 44
Do trigo. 45
Do centeio. 47
Horticultura 48
Cap. IV. — Criação do gado vaccum e lanigero. . . 49
Doença do gado 57
Dos carneiros. 59
Cap. V. — Criação dos porcos 61
Das aves domesticas. 67
Cap. VI. — Methodo de cultura dos generos alimenticios mais apropriados para resistir ás seccas nas provincias do norte. 69

Do castanheiro 75
Da arvore do pão. 76
Das pastagens 77
Cap. VII. — Causas das seccas do Ceará e meios que se devem empregar para obstar ás suas repetições. 79
Cap. VIII. — Cultura do café nas terras cansadas. . 88
Cap. IX. — Educação e tratamento da familia. . . . 95
Dos escravos. 96
Cap. X. — Conclusão 114

Tratado de medicina. 121
Cap. I. — Das febres em geral. 122
§ 1.°— Das diversas especies de febres. 123
§ 2.°— Do tratamento das febres em geral. . . 124
§ 3.°— Convalescença. 124
Cap. II. — Das febres intermittentes 126
§ 1.°— Causas das febres intermittentes. . . . 126
§ 2.°— Seus symptomas. 127
§ 3.°— Como se deve tratar os doentes nas febres intermittentes. 128
§ 4.°— Regimen. 130
§ 5.°— Convalescença. 131
Cap. III. — Febre contínua, aguda, ardente, inflammatoria. 131
§ 1.°— Symptomas. 131
§ 2.°— Regimen que se deve observar na cura da febre contínua aguda 132
§ 3.°— Dieta. 133
§ 4.°— Supplemento a certas omissões. 134
Cap. IV. — Do pleuriz. 136
§ 1.°— Causas do pleuriz legitimo 136
§ 2.°— Symptomas do pleuriz 136
§ 3.°— Regimen que se deve observar na cura do pleuriz. 137
§ 4.°— Dieta 139
§ 5.°— Do pleuriz bastardo ou falso 139
§ 6.°— Symptomas do pleuriz bastardo. 139
Cap. V.— Parafrenesis ou inflammação do diaphragma. 140
§ 1.°— Symptomas particulares na parafrenesis. 140
§ 2.°— Tratamento do parafrenesis 141
Cap. VI.— Da febre maligna, pôdre ou typhoide. . . 141

§ 1.°— Symptomas desta febre 142
§ 2.°— Symptomas caracteristicos. 142
§ 3.°— Symptomas perigosos. 144
§ 4.°— Regimen que deve observar o doente assaltado da febre typhoide. 144
§ 5.°— Remedios que se devem administrar na febre typhoide ou pôdre. 146
Cap. VII.— Do sarampo. 148
§ 1.°— Symptomas do sarampo. 148
§ 2.°— Regimen que se deve receitar aos que são accommettidos do sarampo 150
§ 3.°— Tratamento da convalescença do sarampo. 151
Cap. VIII.— Do frenezí ou inflammação do cerebro . 152
§ 1.°— Causas do frenezí 152
§ 2.°— Symptomas. 152
§ 3.°— Regimen que se deve receitar aos que são accommettidos do frenezí. 155
§ 4.°— Remedios que se devem administrar . . 155
Cap. IX.— Da ophtalmia ou inflammação dos olhos. . 156
§ 1.°— Symptomas da ophtalmia 157
§ 2.°— Regimen que se deve receitar 158
§ 3.°— Remedios que se devem administrar. . . 158
Cap. X.— Da esquinencia inflammatoria 160
§ 1.°— Symptomas da esquinencia inflammatoria. 160
§ 2.°— Regimen que se deve receitar aos que são accommettidos da esquinencia 161
§ 3.°— Remedios que se devem applicar. . . . 162
Cap. XI.— Do defluxo e das diversas especies de tosse. 163
§ 1.°— Symptomas do defluxo 164
§ 2.°— Regimen que devem seguir os defluxados. 164
§ 3.°— Das diversas especies de tosses. 165
§ 4.°— Remedios que se devem applicar na tosse. 165
Cap. XII.— Da inflammação do estomago ou gastrite. 167
§ 1.°— Symptomas da gastrite 167
§ 2.°— Regimen que se deve observar. 168
§ 3.°— Remedios que se devem administrar. . . 169
Cap. XIII.— Da enterites ou inflammação dos intestinos. 170
§ 1.°— Symptomas da inflammação dos intestinos. 170
§ 2.°— Regimen que se deve observar nesta doença. 171
§ 3.°— Remedios que se devem administrar. . . 172
§ 4.°— Da prisão do ventre ou constipação. . . 173

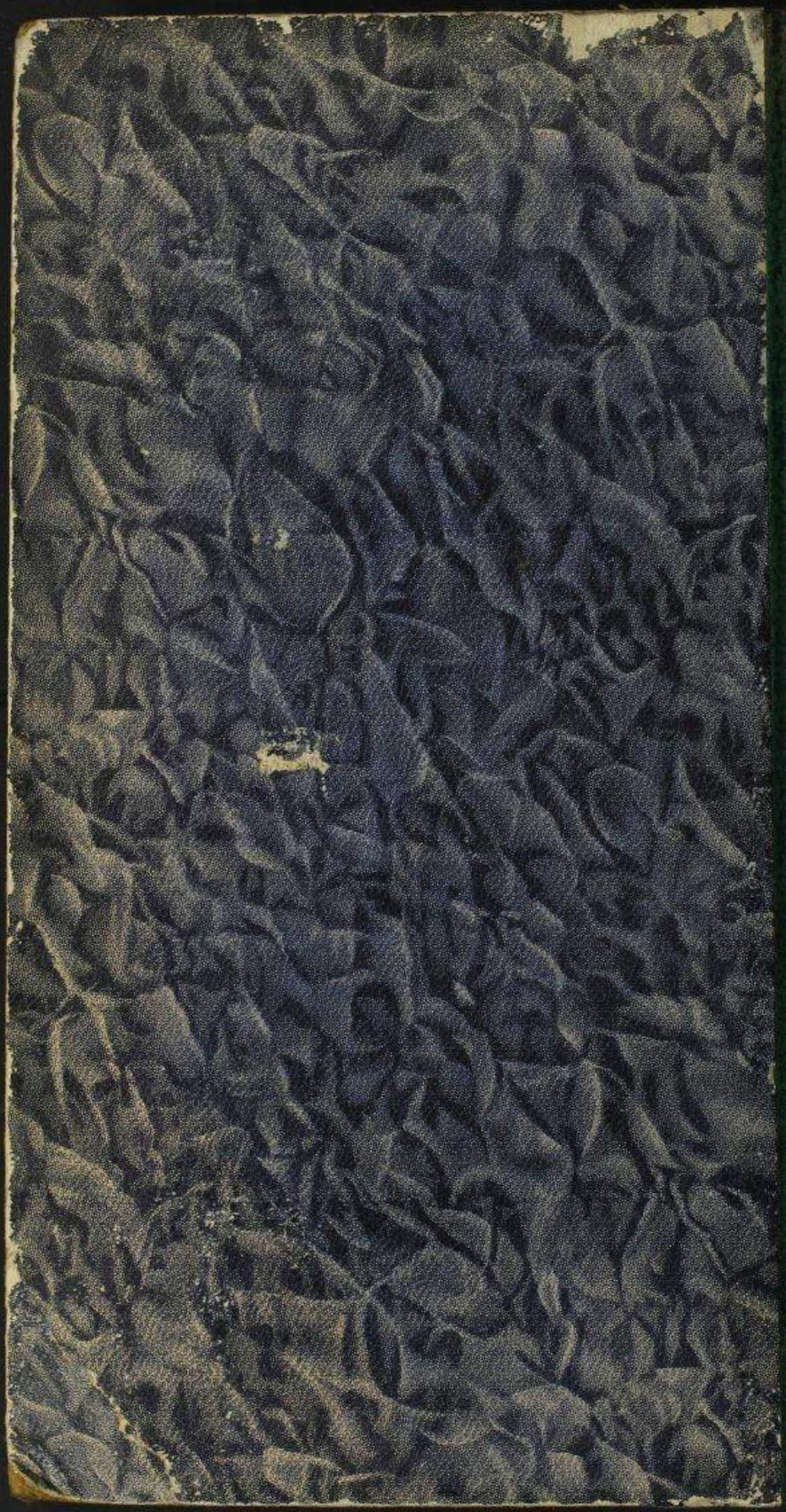
Cap. XIV.— Da diarrhéa 174
§ 1.°— Symptomas da diarrhéa. 174
§ 2.°— Tratamento da diarrhéa causada pelo frio ou suppressão da transpiração 175
Cap. XV.— Da dysenteria e de suas causas 176
§ 1.°— Symptomas da dysenteria. 176
§ 2.°— Regimen que se deve receitar aos que se achão accommettidos da dysenteria. . 177
§ 3.°— Remedios que se devem administrar. . . 178
Cap. XVI.— Da colica e suas especies 179
§ 1.°— Causas e symptomas da colica flatulenta ou ventosa 179
§ 2.° Tratamento da colica ventosa 181
§ 3.° Symptomas da colica biliosa 182
§ 4.° Tratamento deste incommodo 183
§ 5.°—Da colica hysterica 183
§ 6.°—Symptomas da colica hysterica 184
§ 7.°—Tratamento desta colica 184
§ 8.°—Symptomas da colica nervosa 185
§ 9.°—Tratamento desta colica. 186
Cap. XVII.—Da nephrites ou colica nephritica e da inflammação da bexiga 187
§ 1.°—Symptomas da inflammação dos rins e da colica nephritica 187
§ 2.°—Regimen que deve observar o enfermo na inflammação dos rins 189
§ 3.°—Remedios que se devem receitar nesta molestia. 189
§ 4.°—Da inflammação da bexiga e seus symptomas. 190
§ 5.°—Tratamento desta inflammação 190
Cap. XVIII.—Da inflammação do figado ou hepatites 191
§ 1.°—Symptomas da inflammação do figado. . 191
§ 2.°—Regimen que se deve receitar nesta inflammação. 193
§ 3.°—Remedios que se deve administrar . . . 193
§ 4.°—Da inflammação do baço-esplenites. . . . 194
Cap. XIX.—Da ictericia 195
§ 1.°—Symptomas da ictericia 195
§ 2.°—Regimen que se deve receitar nesta molestia 197
§ 3.°—Remedios que se devem receitar 197
Cap. XX.—Do rheumatismo inflammatorio. 198

§ 1.°—Symptomas deste rheumatismo. 198
§ 2.°—Tratamento delle. 200
§ 3.°—Rheumatismo chronico. 201
Cap. XXI.—Da erysipella 203
§ 1.°—Symptomas desta molestia 203
§ 2.°—Regimen que se deve receitar. 206
Cap. XXII.—Da constipação do ventre ou encalhe. . 208
§ 1.°—Regimen a prescrever contra esta constipação. 208
§ 2.°—Remedios que se devem receitar 209
Cap. XXIII.—Da suppressão da ourina ou da iscuria e retenção da ourina. 210
§ 1.°—Symptomas destas molestias 211
§ 2.°—Tratamento dellas 212
Cap. XXIV.—Das molestias uterinas das mulheres em geral. 213
§ 1.°—Da assistencia ou fluxo menstrual e da sua suppressão 213
§ 2.°—Dos symptomas da suppressão. 214
§ 3.°—Tratamento do fluxo menstrual supprimido 214
§ 4.°—Da chlorosis e seus symptomas. 215
§ 5.°—Da hemorrhagia uterina ou fluxo de sangue 216
Cap XXV.—Da inflammação da madre e dos loquios 217
§ 1.°—Dos symptomas desta inflammação . . . 217
§ 2.°—Tratamento desta molestia. 218
§ 3.°—Da suppressão dos loquios, ou corrimento do parto. 219
§ 4.°—Symptomas da suppressão dos loquios e suas causas 219
§ 5.°—Tratamento da suppressão dos loquios . 220
Cap. XXVI. — Da raiva ou hydrophobia, ou mordedura de cão damnado. 221
§ 1.°—Symptomas que nos homens acompanhão a mordedura de um cão damnado até o instante em que se declara a raiva. . . 221
§ 2.°—Tratamento da mordedura de cão damnado 223
Cap. XXVII.—Mordedura de cobra 225
Cap. XXVIII.—Da sarna e chagas velhas. 227
§ 1.°—Symptomas da sarna. 227
§ 2.°—Tratamento da sarna 228
§ 3.°—Das chagas inveteradas 231

Cap. XXIX.—Das lombrigas ou vermes intestinaes e seus symptomas 232
§ 1.°—Symptomas das lombrigas em geral. . . 233
§ 2.°—Symptomas particulares nas teres 233
§ 3.°—Symptomas da solitaria 234
§ 4.°—Symptomas das ascarides. 234
§ 5.°—Tratamento que convem aos adultos. . . 234
Cap. XXX.—Do resfriado, vulgarmente constipação (cansaço doloroso) 237
§ 1.°—Symptomas da constipação 237
§ 2.°—Tratamento da constipação. 237

APPENDICE.

Das vantagens da cultura do algodão herbaceo ou americano. 241
Plantação 245
Colheita. 247
Descaroçamento. 449
Ensaccamento 250
Observações finaes 253

Rio de Janeiro. Typographia Universal de LAEMMERT,
Rua dos Invalidos, 61 B.

008221